

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Daiana da Silva

A RECONFIGURAÇÃO DA LEITURA NA WEBNOTÍCIA:
ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS E CULTURAIS

Florianópolis
2013

Daiana da Silva

A RECONFIGURAÇÃO DA LEITURA NA WEBNOTÍCIA:
ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS E CULTURAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dra. Raquel Ritter Longhi

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Daiana

A reconfiguração da leitura na webnotícia: : aspectos sociocognitivos e culturais / Daiana Silva ; orientadora, Raquel Ritter Longhi - Florianópolis, SC, 2013.
129 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo.

Inclui referências

1. Jornalismo. 2. Leitura . 3. Compreensão da notícia.
4. Webjornalismo. I. Longhi, Raquel Ritter. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. III. Título.

Daiana da Silva

A RECONFIGURAÇÃO DA LEITURA NA WEBNOTÍCIA:
ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS E CULTURAIS

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo, aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 28 de fevereiro de 2013.

Prof. Dr. Rogério Christofolletti
Coordenador
Universidade Federal de Santa Catarina

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Raquel Ritter Longhi
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Dra. Rita de Cássia Romeiro Paulino
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Carlos Frederico de Brito d'Andréa
Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina e ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo pela oportunidade de aprendizado e crescimento durante o percurso de estudos. Aos professores Francisco Castilhos Karam, Gislene Silva e Daisi Vogel pelos conhecimentos transmitidos e reflexões sobre a riqueza do jornalismo enquanto teoria e técnica.

Aos professores Rita Paulino e Eduardo Meditsch pelas contribuições no exame de qualificação, pelas indicações de leitura e pelo incentivo. Ao professor Mauro Cesar Silveira pela cordial disponibilidade e à técnica em assuntos educacionais, Glória Amaral, por todo auxílio prestado.

À professora e querida orientadora Raquel Ritter Longhi pelo acompanhamento em todas as etapas do estudo, por apontar os melhores caminhos a percorrer, pelas indicações de leituras e pelo conforto nos momentos de incertezas. Agradeço a compreensão e a parceria.

Aos meus colegas do programa da turma de 2010 e 2011, pelos diversos momentos de reflexão, compartilhamento, alegrias, ansiedade e, acima de tudo, companheirismo.

À minha família e aos meus amigos pelo apoio e carinho. À minha mãe, Ilhane, e à minha irmã, Cristina, por ser meu porto seguro e incentivo a seguir em frente e não desanimar diante de dificuldades.

“As materialidades do discurso remetem à constituição – ao longo dos processos históricos – de gramáticas discursivas originadas em formatos de sedimentação de saberes narrativos, hábitos e técnicas expressivas. Gramáticas generativas, que dão lugar a uma topografia de discursos movediça, cuja mobilidade provém tanto das mudanças do capital e das transformações tecnológicas como do movimento permanente das intertextualidades e intermedialidades que alimentam os diferentes gêneros e as diferentes mídias, e que são hoje lugar de complexas tramas de resíduos e inovações, de anacronias e modernidades, de assimetrias comunicativas que envolvem, da parte dos produtores, sofisticadas “estratégias de antecipação” e, da parte dos espectadores, a ativação de novas e velhas competências de leitura”.

(Jesús Martín-Barbero)

RESUMO

Esta dissertação analisa a reconfiguração da leitura da webnotícia no contexto da convergência digital. A pesquisa utiliza a metodologia bibliográfica para discutir a leitura a partir de uma análise sociocognitiva e cultural, observando as rupturas e continuidades desde a cultura oral até os dias atuais. A leitura é considerada como a interação entre os elementos do texto e os conhecimentos prévios do leitor - os modelos mentais reformulados a partir das experiências, que, na tela do computador, passa a ser mediada pelas interfaces gráficas. Este processo representa uma renovação dos modos de percepção, exigindo diferentes habilidades cognitivas. A pesquisa também verifica como se dá a compreensão da notícia diante de um novo cenário, que tem no hipertexto uma linguagem com características próprias, capaz de ampliar os potenciais interativos da leitura. Dentre as principais conclusões do trabalho, está a de que as transformações técnicas na estrutura da informação ampliam as capacidades cognitivas do leitor.

Palavras-chave: Leitura. Cognição. Mediações culturais. Webnotícia. Hipertexto.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the reconfiguration of the webnews reading in the context of digital convergence. The research uses a bibliographic methodology to discuss the reading from a socio-cognitive and cultural analysis, observing the ruptures and continuities from oral culture to the present day. The reading is considered as the interaction between elements of the text and the reader's prior knowledge - mental models reformulated from the experiences, that, on the computer screen, becomes mediated by graphic interfaces. This process represents a renewal of perception modes, requiring different cognitive abilities. The research also verifies how is the understanding of the news on a new scenario, which has, in the hypertext, a language with its own characteristics, able to expand the interactive potential of the reading. Among the main conclusions of this work, is that the technical changes in the information structure extend the cognitive abilities of the reader.

Keywords: Reading. Cognition. Cultural mediations. Webnews. Hypertext.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa das mediações culturais	72
Figura 2 – Representação técnica da pirâmide invertida.....	109
Figura 3 – Representação técnica da pirâmide deitada	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características dos três níveis do leitor imersivo	105
Quadro 2 – Resumo das características da leitura de contextualização.....	114
Quadro 3 – Resumo das características da leitura de atualização	115
Quadro 4 – Resumo das características da leitura de projeção.....	116

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 LEITURA E ORALIDADE NO CONTEXTO DIGITAL.....	29
2.1 DA ORALIDADE À CULTURA ESCRITA.....	30
2.1.1 Superfícies de inscrição.....	32
2.2 CONTEXTO E LEITURA DO MUNDO	36
2.3 PRÁTICAS DE LEITURA E MUDANÇAS CULTURAIS.....	39
2.4 LINGUAGEM HIPERTEXTUAL E INTERATIVIDADE.....	41
2.4.1 Hipertexto: a leitura não linear e fragmentada	46
2.4.2 Interatividade como participação	54
3 LEITURA E CONHECIMENTO: ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS E CULTURAIS NA COMPREENSÃO DA NOTÍCIA	59
3.1 O OLHO QUE LÊ E O CÉREBRO QUE ATRIBUI SIGNIFICADO	61
3.2 CONTEXTO CULTURAL E SOCIOCOGNITIVO NA COMPREENSÃO DO TEXTO	65
3.2.1 Mediações culturais e recepção da notícia	70
3.3 COMPREENSÃO DA NOTÍCIA	75
3.4 O CONHECIMENTO DO MUNDO POR MEIO DA NOTÍCIA	79
4 A LEITURA NA TELA: RECONFIGURAÇÕES E USO DOS MEIOS	85
4.1 CONVERGÊNCIA DIGITAL, INTELIGÊNCIA COLETIVA E INTERATIVIDADE	87
4.1.1 Tecnologias digitais, conhecimento e interface	91
4.2 CARACTERÍSTICAS DO WEBJORNALISMO.....	99
4.3 A LEITURA NA TELA DO COMPUTADOR	103
5 CONCLUSÃO	119
REFERÊNCIAS	123

1 INTRODUÇÃO

Na década de 60, Marshall McLuhan defendia que os meios influenciam as mensagens. Passados alguns milênios desde a invenção da escrita, os dispositivos técnicos que a sustentam, além de poder influenciar as mensagens, reconfiguram a relação do indivíduo com o conhecimento por meio da leitura. O homem tipógrafo¹ presenciou a revolução tecnológica, viu nascerem os equipamentos eletrônicos e hoje depara-se com complexos sistemas de leitura e escrita (CHARTIER, 1998). Em decorrência disso, a leitura em ambientes digitais passa a requerer novas habilidades, o que faz emergir questões como: quais as mudanças e adaptações que ocorrem na leitura de notícias na atualidade? Como as interfaces gráficas influenciam a percepção e os processos cognitivos do leitor? Como é o perfil do leitor da era digital?

McLuhan afirmou que “toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo” (1974, p. 10), mas ao mesmo tempo, as tecnologias trazem consigo o poder de preparar o homem para as invenções posteriores. Nos ambientes digitais, a leitura passa a ser mediada pelas interfaces, que ultrapassam a simples materialidade dos equipamentos tecnológicos e dos elementos gráficos e representam mapas de navegação e compreensão, exigindo a articulação de diferentes conhecimentos do usuário (NOVAIS, 2012). Isso porque, a interface de leitura exige o domínio de determinados códigos. É preciso, nesse sentido, um “letramento digital²”, ou seja, uma espécie de aprendizado do leitor da escrita da tela, assim como de suas interfaces.

Os diferentes estágios da comunicação humana, com a transição da oralidade para a escrita, as técnicas de impressão e os meios eletrônicos, representam uma série de transformações sociais e econômicas, mas também introduzem em nossa cultura novas formas de pensamento e percepção. A escrita, considerada uma das mais importantes invenções humanas, ampliou a capacidade de memória das informações e formatou, em certo sentido, a estrutura da mente (ONG, 1998). Além de ser o principal instrumento de comunicação, a oralidade está presente em toda manifestação intelectual, pois: “ler um texto significa convertê-lo em som, em voz alta ou na imaginação, sílaba por

¹ Nome dado por McLuhan (1971) ao homem da era pós-imprensa, a chamada Galáxia de Gutenberg, fase que representa a fragmentação das sociedades e uma transformação cultural.

² Atribui-se a primeira utilização do termo letramento à obra de Mary Kato: No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística, de 1986. Segundo Coscarelli e Ribeiro (2005, p.9), o conceito de letramento digital relaciona-se “à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”.

sílaba na leitura lenta ou de modo superficial na leitura rápida, comum a culturas de alta tecnologia” (ONG, 1998, p. 16). Com os meios eletrônicos surge uma nova oralidade, amparada nas tecnologias da escrita e da impressão. Nesses termos, uma questão fundamental diz respeito a investigar de que maneira as novas tecnologias modificam a relação do indivíduo com a informação?

Ao observar a transição das instâncias culturais pelas quais evoluiu a sociedade, Santaella (2003) propõe a existência de seis contextos: a cultura oral, a cultura escrita, a impressa, a cultura de massas, das mídias e a cultura digital. A autora observa que as transformações não se resumem apenas a novos meios e tecnologias, mas estão pautadas nos diferentes signos e linguagens que modificam o pensamento e as sensibilidades, propiciando o aparecimento de novos ambientes socioculturais. No entanto, o surgimento de um novo meio não faz desaparecer o anterior, assim como aconteceu com a passagem da oralidade para a escrita e, posteriormente, com a revolução tecnológica. O que se configura é uma adaptação, um processo cumulativo de práticas e processos, tornando a cultura cada vez mais híbrida e “[...] lugar de complexas tramas de resíduos e inovações, de anacronias e modernidades [...]” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 236).

Da mesma forma, Jenkins (2008) acredita que a complexidade que permeia a comunicação contemporânea ultrapassa a questão das técnicas, abrangendo os processos culturais. O cenário atual, em que o intenso fluxo das informações pode circular por diferentes canais, onde novas e antigas mídias dividem espaço, tornando-se híbridas, é chamada pelo autor de cultura da convergência. Essa realidade compreende “uma transformação cultural à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (JENKINS, 2008, p. 28). Os consumidores tornam-se mais ativos e preparados para interatuar de forma coletiva. O potencial desse espaço da informação nasce de uma “inteligência coletiva”, formada pela soma das inteligências individuais disponíveis em rede (LÉVY, 1998).

Frente às potencialidades dos meios de comunicação digital, o leitor depara-se com novas maneiras de ler. Se antes as informações eram obtidas em uma única plataforma, hoje temos o jornalismo convergente que mistura diferentes signos de linguagem em uma estrutura mais interativa. Kerckhove (2003) acredita que as tecnologias que gerenciam a linguagem também afetam a mente. De que maneira as novas linguagens modificam a interação do leitor com o conhecimento? O que mudou e o que permanece na sociedade da informação e do

conhecimento? Como se dá a leitura de notícias na atualidade diante dos desafios trazidos pelos meios tecnológicos?

Mais do que a simples interação com as máquinas, as tecnologias representam, nas palavras de Martín-Barbero (2004), um novo modelo social que modifica a relação com os processos simbólicos e compreende uma *mutação cultural*. O leitor do jornal e o ouvinte do rádio não interagem e processam as informações da mesma maneira que o leitor de webnotícias³. Suas rotinas e hábitos também não são os mesmos. Observar o contexto cultural do leitor também se faz necessário para a compreensão do ato de ler diante das possibilidades dos novos meios. A partir da perspectiva das mediações culturais, de Martín-Barbero (2009), pode-se perceber que o processo de comunicação passa pelas lentes socioculturais que influenciam o modo com o qual o indivíduo percebe o mundo. As mediações, no mapa proposto pelo autor, partem das instâncias da sociabilidade, institucionalidade, ritualidade e tecnicidades. Em relação às novas tecnicidades do computador e dos textos eletrônicos, afigura-se uma *nova gramática narrativa*, na qual as técnicas fazem a mediação do conhecimento, indicando novas sensibilidades perceptivas.

O leitor das novas tecnicidades está diante de um cenário interativo que permite uma navegação fragmentada e descontínua, graças ao hipertexto, uma forma de leitura que autoriza o acesso a uma rede de informações conectadas através de *links*. Apesar de alguns autores considerarem qualquer leitura como hipertextual, nossa abordagem neste trabalho estará centrada na ideia de que o hipertexto digital organiza as informações de forma diferenciada em relação ao impresso. Nesse sentido, o hipertexto pode ser pensado como “[...] uma coleção de informações multimodais dispostas em rede para a navegação rápida e “intuitiva” (LÉVY, 1997, p. 44). O hipertexto e a hiperleitura modificam a interação do leitor com a informação, agora compartilhada em rede.

Essa nova forma de apropriação e propagação da cultura incentiva o debate, tornando a informação acessível a um maior número de pessoas e aprofundando, assim, os ideais de emancipação e exaltação do ser humano, surgidos com o iluminismo, no século XVIII. Castells

³ Optamos por utilizar o termo webnotícia para tratar da notícia na web, na perspectiva de João Canavilhas (2007), que acredita que mais do que a simples transposição dos conteúdos do jornalismo escrito, radiofônico e televisivo para o ambiente digital, o webjornalismo representa a produção e difusão de conteúdos, com base em uma linguagem própria e na convergência entre texto, som e imagem em movimento. O autor explica que os diferentes termos estão atrelados à procedência linguística e às etapas de evolução do jornalismo na web.

(1999) acredita que esse espaço de produção e universalização da informação caracteriza a *sociedade em rede*, em que a internet constitui-se como base tecnológica organizada. Muito mais do que uma simples tecnologia, a internet representa uma rede de informações com alcances jamais vistos em outros meios de comunicação. Enquanto no modelo clássico das teorias da comunicação de massa o fluxo da informação parte de um para todos, no contexto da comunicação digital, as fontes e audiências se ampliam. A distribuição da informação se dá livre de limitações de tempo e de espaço e a comunicação digital diverge dos meios tradicionais em função de suas particularidades, como texto não sequencial, convergência de linguagens, multimídia e interatividade (SCOLARI, 2008).

Sabemos que a transição e a transformação são características da contemporaneidade. Estamos passando pelo que Muniz Sodré chama de midiatização, onde a comunicação é observada: “[...] com ênfase num tipo particular de interação – a que poderíamos chamar de *tecnointeração*”. (SODRÉ, 2002, p. 21). Esse processo redefine a constituição da comunidade humana e indica os efeitos da mídia na sociedade atual, que transformam as relações do homem com os meios de comunicação, introduzindo *uma nova ecologia simbólica*. O autor também acredita que o processo de hibridação dos meios não rompe com os padrões estabelecidos: “não significa a extinção da mídia tradicional, mas a coexistência e mesmo a integração da esfera do atual (trabalhando na esfera pública por jornais, rádios, televisão etc.) com a do ciberespaço, onde são proeminentes as tecnologias digitalizadas do virtual” (SODRÉ, 2002, p. 78).

Como as tecnologias reorganizam a percepção individual e coletiva, o cenário da leitura de notícias na atualidade vai além de uma revolução nas estruturas, compreende novas maneiras de interação com o conhecimento. Santaella (2004, p. 44) ressalta que “as comunidades virtuais do ciberespaço têm crescido e se diferenciado com tal intensidade que produziram o aparecimento de uma nova forma de cultura, a cultura do ciberespaço ou cibercultura.” O leitor desse contexto é chamado pela autora de leitor imersivo, e mostra-se mais interativo e preparado para navegar entre as possibilidades do ciberespaço. Diferentemente da leitura no impresso, o leitor imersivo coloca em ação diferentes mecanismos cognitivos, o que também propõe Novais (2012, p. 14): “um usuário de computador precisa recorrer a habilidades muito diferentes, que talvez nunca tenham sido elencadas de uma só vez em uma atividade de leitura”.

A navegação a partir dos cliques no *mouse* dá-se num movimento em que o leitor vai construindo sua leitura no labirinto hipermidiático. Para compreender a leitura na tela, partiremos da observação dos diversos aspectos que compreendem o ato de ler. Mais do que simples assimilação das informações, a leitura representa um amplo sistema individual de atribuição de sentido. Entre emissor e receptor existe um espaço simbólico, onde se localiza a mensagem, que compreende o contexto (VAN DIJK, 2012). A observação, portanto, é transferida do objeto em si, no caso o texto, para os modos de internalização e ressignificação pelo leitor. Paulo Freire (1989) acredita que a leitura da palavra é antecedida pela leitura que fazemos do mundo. Nesses termos, a inter-relação entre texto e contexto forma a dinâmica da leitura, que existe a partir de uma ação cognitiva e sociocultural em que o leitor vai interpretar as intenções do autor, a partir de seus conhecimentos prévios.

A escolha do tema de pesquisa desta dissertação se deu em função da emergência e crescimento acelerado do uso das tecnologias digitais para leitura e da necessidade de estudos neste importante meio de acesso às notícias. Diante da complexidade que permeia a comunicação na atualidade, observamos a relevância do tema em análise, identificando a necessidade do amadurecimento de pesquisas sobre a transição de um leitor ativo para o leitor dos ambientes digitais, uma vez que as novas tecnologias da comunicação instauram um cenário de mudanças. Assim, justifica-se a relevância de compreender como os leitores reagem e de que forma readaptam seus modos de leitura. Entendemos o tema de estudo como uma necessidade para o campo do jornalismo, que passou por inúmeras modificações, a partir do impresso, com a disposição linear das informações, em uma “estrutura fixa e estável”, para um campo de inúmeras possibilidades, formatos, linguagens e formas, que possibilitam não somente a leitura, mas a participação (SANTAELLA, 2007).

A pesquisa em questão classifica-se como qualitativa e teórica, amparada em pesquisas bibliográficas, a partir de teorias que possam dar conta da análise do nosso objeto, como estudos da neurociência, sociocognitivos, das mediações culturais, teorias da aprendizagem, do jornalismo como forma social de conhecimento e de teorias que observem o jornalismo no cenário da convergência digital. Optamos pela pesquisa bibliográfica, por perceber sua importância, em seu sentido mais amplo, como mecanismo de apreensão da realidade pesquisada (LOPES, 2010).

Entre os principais autores do quadro teórico de referência, agrupados em função dos principais conceitos trabalhados, estão: a

leitura (Freire, 1989), Chartier (1998, 2002, 2009) e Dehaene (2012); oralidade e cultura escrita, a partir das ideias de Ong (1998); mediações culturais, com base em Martín-Barbero (2004, 2009), Orozco Gómez (1996), Garcia Canclini (2008) e Scolari (2004, 2008). O jornalismo foi observado como produção social de um modo particular de conhecimento, através de autores como Genro Filho (1987) e Meditsch (1992, 2007). Para abordar temas como ciberespaço, utilizamos Lévy (1993, 1997, 1998, 1999) e Santaella (2004, 2007, 2011). Como nosso objeto de estudos está centrado no webjornalismo, suas características e possibilidades, os principais autores são Canavilhas (2001, 2007), Jenkins (2008) e Longhi (2000).

Esta pesquisa é orientada por um objetivo principal: discutir as transformações no processo de leitura de notícias no contexto digital. O objeto de estudo, portanto, concentra-se na reconfiguração da leitura de notícias na atualidade. Para desenvolver esta análise, temos como objetivos específicos: identificar as características da transição da oralidade para a cultura escrita e as da transição desta para a era digital, identificando os mecanismos cognitivos e socioculturais da leitura.

A dissertação foi dividida em três capítulos. No segundo capítulo, posterior a este introdutório, discute-se a transição da oralidade para a cultura escrita, em direção à cultura digital, resgatando as particularidades deste processo e suas implicações nas maneiras de ler. Da interação face a face entre os indivíduos na cultura oral ao advento das tecnologias de comunicação digital, o leitor passou por uma longa adaptação dos modos de agir e de comunicar. Nesse percurso, o conhecimento, que com a escrita passa a ser armazenado além das capacidades da memória humana, torna-se disponível em rede.

No segundo capítulo, também são abordados conceitos de leitura a partir da perspectiva de Paulo Freire (1989), que observa o ato de ler como a continuação da leitura do mundo. A leitura, portanto, constitui-se na relação dialética entre a materialidade do texto e a significação atribuída pelo leitor. No cenário digital, acontece em uma nova estrutura de disposição das informações, o hipertexto, que é abordado a partir de suas particularidades. Sendo assim, à medida em que se modificam as técnicas e superfícies de inscrição, novas habilidades são necessárias para interação e leitura.

Para discutir as diferentes formas de leitura, esse capítulo aborda as mudanças na comunicação humana bem como as necessidades de adaptação decorrentes da tradição oral e escrita, até a atualidade, com o advento da convergência digital. Atualmente, esse fenômeno nos dá a possibilidade de transferir todas as formas de comunicação para um

único ambiente, o virtual. Esse modo de comunicar tem transformado hábitos de leitura e exigido novas configurações jornalísticas. A comunicação digital amplia as capacidades humanas de interação com o conhecimento e o “jornalismo híbrido” (BALDESSAR; LONGHI, 2008) está relacionado com novas práticas de leitura e interação. Na rede, o leitor escolhe o jornal que gostaria de ler, navega por artigos de periódicos, acessa livros disponíveis para *download*, lê *blogs*, poemas e ainda comenta os assuntos de sua preferência. O leitor atual faz a sua própria rota de navegação, pode participar efetivamente da construção de um texto e esses fatos, associados a novos hábitos de leitura, constituem um desafio para o jornalismo.

O terceiro capítulo abrange uma abordagem sociocognitiva e cultural da leitura e da compreensão do texto. A partir da “Teoria da Leitura” (DEHAENE, 2012), estuda-se como o cérebro lê as palavras e atribui significados dentro de um contexto, os chamados modelos mentais (VAN DIJK, 2012). Esses modelos são constituídos e reformulados a partir das experiências e influenciam a produção e compreensão das notícias. O contexto cultural do leitor é observado a partir do mapa das mediações culturais (MARTÍN-BARBERO, 2004), em especial no que se refere às novas tecnicidades. Neste capítulo pretende-se tensionar teorias que abrangem a leitura a partir de aspectos sociocognitivos e culturais, observando o conhecimento social que o jornalismo é capaz de produzir (GENRO FILHO, 1987). Questões como por que os leitores escolhem determinados assuntos e de que modo fatores sociocognitivos contribuem para a escolha e compreensão de um texto, são importantes para a discussão das teorias abordadas nesse capítulo. O ato de ler é entendido como construção e atribuição de sentido pelo leitor, nisso reside a relevância de fatores sociocognitivos para a abordagem da leitura.

O leitor tem participação fundamental na significação do texto. A sua cultura, o seu contexto social, bem como os discursos aos quais ele tem acesso são determinantes para a sua interpretação de quaisquer textos. Ele tem um conhecimento prévio, motivo pelo qual se interessa mais por determinados temas. Nesse sentido, quais os desafios do webjornalismo diante desses receptores? Como a leitura acontece no cérebro humano e de que maneira os fatores sociocognitivos e culturais influenciam na compreensão de um texto? Estas serão algumas das questões abordadas nesse capítulo.

No quarto capítulo, intitulado “Leitura na tela: reconfigurações e uso dos meios”, discute-se o cenário da leitura que passa a ser na tela, observando as especificidades da leitura mediada pelas interfaces.

Conceitos como convergência, inteligência coletiva e interatividade são abordados a partir da perspectiva da compreensão da notícia nesse novo cenário. Apresentam-se também as características do webjornalismo e alguns estudos empíricos realizados nessa área, com o objetivo de apontar aspectos que envolvem a navegação e o perfil do leitor de notícias na atualidade.

Esse capítulo está centrado nos hábitos de leitura oriundos dos avanços tecnológicos, que, como já referido, transformaram os meios de comunicação e as maneiras de ler. Os leitores do jornal impresso e os leitores de webnotícias, em sua maioria, não interagem e processam as informações da mesma maneira, suas rotinas e hábitos também não são os mesmos. Hoje, suportes modernos nos dão a possibilidade de acesso a informações a qualquer instante e em qualquer lugar. Como e quando o leitor acessa essas informações? Como faz uso de hipertextos? Essas são questões abordadas nesse último capítulo.

2 LEITURA E ORALIDADE NO CONTEXTO DIGITAL

A expansão da rede mundial de computadores na década de 90 levou ao surgimento de novas modalidades de leitura e novas técnicas de produção de notícias, sobretudo por ter transferido para a tela do computador conteúdos antes acessados em meios tradicionais. Em 2013, a perspectiva modifica-se novamente, a venda de dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets*, que deve chegar a 1.200 milhões⁴, indica que o número de pessoas que utilizam dispositivos móveis para leitura vem aumentando significativamente (CANAVILHAS, 2013). Ao mesmo tempo em que se desenvolvem os meios, transformam-se as maneiras de pensar e a inter-relação entre os indivíduos (LÉVY, 1993). As novas plataformas de leitura e escrita exigem diferentes habilidades cognitivas do leitor. Em outras palavras: “a *tecnologia* remete hoje não a novas máquinas ou aparelhos, mas a novos modos de *percepção* e de *linguagem*, a novas *sensibilidades* e escritas” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 35, grifo do autor).

Pensar a leitura de notícias no contexto contemporâneo requer a observação da transição do homem de uma galáxia⁵ à outra. Nos diferentes momentos intelectuais da humanidade, além de serem reformuladas as técnicas, novos ambientes socioculturais são criados (SANTAELLA, 2007). No entanto, com o surgimento de um novo modo de comunicar, os anteriores não são excluídos, assim como os padrões e hábitos são reconfigurados (SANTAELLA, 2007; JENKINS 2008; SODRÉ, 2002). Passamos da cultura oral para a escrita, dos sistemas mecânicos para os eletrônicos e, no século XXI, o paradigma da comunicação digital amplia as capacidades humanas de interação.

O longo percurso de desenvolvimento de técnicas para a comunicação tem como marco inicial a invenção da escrita, que certamente representou a primeira grande transformação social, possibilitando o registro das informações e construindo uma memória coletiva. Com o letramento, a fala também se modificou já que na cultura oral o pensamento não possui a mesma estrutura introduzida pelas regras da escrita. Noções de temporalidade e distância, igualmente, foram modificadas, assim como a forma de memorização das informações. Posteriormente, a impressão contribuiu para a mudança de diversos aspectos da relação do homem com o conhecimento. A

⁴ Dados extraídos de <<http://www.gartner.com/newsroom/id/2227215>>.

⁵ As galáxias indicadas por McLuhan (1971) representam as fases pelas quais passou a humanidade em relação ao impacto das tecnologias.

imprensa foi decisiva para a expansão da escrita e a galáxia de Gutenberg marca a era da industrialização do impresso e uma ruptura nas formas de pensamento baseadas nas tradições orais (MCLUHAN, 1971).

Em todo processo de consolidação da escrita, o homem precisou adaptar-se à leitura em diversos suportes, primeiramente, a superfícies de argila e madeira, depois ao papel e, no mundo contemporâneo, à tela do computador. O leitor atual encontra uma realidade bastante distinta da experimentada, por exemplo, pelo leitor da Idade Clássica, já que tem na tela a interface para conectar-se ao universo da leitura. Agora chamado de “navegador”, apesar de deparar-se com características semelhantes à leitura na antiguidade, tais como o desenrolar vertical dos livros em rolo, o leitor desenvolve novas habilidades cognitivas e tem mais liberdade para interagir com uma nova linguagem.

Para compreender a complexidade que permeia o cenário atual da leitura, em que as técnicas modificaram as linguagens e a relação do indivíduo com o conhecimento, o presente capítulo é dedicado a discutir a evolução das tecnologias da informação, a partir do surgimento da cultura escrita e as transformações advindas com a era digital. Esse processo torna-se importante para pensar as mudanças e continuidades na leitura de notícias ao longo das transformações culturais. A partir de então, passaremos a discutir o conceito de leitura, que acontece a partir dos conhecimentos adquiridos e reformulados ao longo das experiências. A leitura hipertextual será abordada em função de suas particularidades, que a diferencia da leitura nos meios tradicionais, uma vez que propõe uma nova disposição das informações ampliando as possibilidades de interação.

2.1 DA ORALIDADE À CULTURA ESCRITA

Antes de serem materializadas pela escrita, as palavras são formadas pelo som. Embora possa parecer difícil para uma cultura letrada e imersa no digital imaginar a vida sem a escrita, as sociedades desenvolveram-se, inicialmente, pelo discurso oral. No entanto, de que maneira as culturas orais organizavam e divulgavam as informações sem registros escritos? Nas culturas sem qualquer conhecimento da escrita e da impressão, que Walter Ong (1998) classifica como cultura oral primária, o homem transmitia os conhecimentos, de geração para geração, exclusivamente de maneira oral, sendo que as únicas fontes de informação eram os próprios indivíduos. Para transmitir os conhecimentos era preciso interagir face a face e o registro das

expressões verbais detinha-se às capacidades da mente humana para armazenar as informações.

A inteligência, nas sociedades orais, está centrada nas condições de memória dos indivíduos, e a comunicação dá-se por meio da audição. Com a invenção da escrita, as estruturas sociais foram modificadas, assim como a relação do homem com o conhecimento: “em virtude de mover a fala do mundo oral-auricular para um novo mundo sensorial, o da visão, ela [a escrita] transforma tanto a fala quanto o pensamento” (ONG, 1998, p. 100). Nessa perspectiva, a escrita introduz uma série de mudanças no pensamento humano, que foram imprescindíveis à evolução da vida em sociedade. Todos os tipos de inscrição possibilitaram armazenar as informações além da memória humana.

Ao analisar as diferenças na relação do indivíduo com o conhecimento nas sociedades orais e com base na escrita, Ong (1998) aponta algumas semelhanças e rupturas importantes para entender a leitura no cenário atual. Entre elas, destacam-se a capacidade de memorização e atribuição de significados, que nas sociedades orais acontece de maneira individual e indica um caráter de originalidade na reprodução das informações. Quando a audição é o único sentido utilizado para aprender, a atenção desenvolvida para memorizar as informações é maior do que com a escrita. Ao declamar poemas em público ou entre as famílias, por exemplo, o orador repetia as informações para enfatizar as frases e facilitar a compreensão.

Depois de ouvir e interpretar os discursos, o ouvinte, agora orador, transmitia a novos públicos o seu entendimento daquilo que havia sido pronunciado. Portanto, em cada repetição, os ditos eram transmitidos de maneiras diferentes, uma vez que a significação atribuída pelos indivíduos era única e original. Outra característica que diferencia a oralidade primária das culturas letradas refere-se ao tempo em que as mensagens são transmitidas e recebidas, o tempo real. Como não poderiam ser gravados para serem transmitidos posteriormente, nem armazenados pela escrita, os pronunciamentos concentravam-se exclusivamente no presente.

Assim, o público, muitas vezes, caracterizava-se por ser desconhecido, numeroso e diversificado. Mesmo com o avanço das técnicas, essas características permanecem com a introdução da eletrônica em que a comunicação acontece em tempo real e é dirigida a um público muitas vezes desconhecido e diversificado. A cultura escrita vai permitir ampliar os sentidos, representando uma transformação na relação do homem com o conhecimento, pois permite armazenar as informações além dos limites da memória.

A invenção da escrita, da impressão, dos meios eletrônicos e digitais modificaram as formas de percepção e, com isso, as formas de compreensão do mundo. Assim como Lévy (1993), que investiga as tecnologias da inteligência no contexto das mídias eletrônicas e digitais, passando pela oralidade e a escrita, Lúcia Santaella (2003) analisa o impacto das tecnologias da comunicação e as transformações socioculturais, propondo a divisão da cultura em seis eras: a cultura oral, escrita, impressa, cultura de massas, cultura das mídias e cultura digital. A cultura das massas surge no final do século XVIII e início do século XIX, com a revolução industrial e o aumento das populações urbanas. Nesse período, os avanços tecnológicos e o surgimento dos meios de comunicação tornaram a informação disponível a um maior número de pessoas.

A próxima divisão das culturas, a cultura das mídias, é considerada por Santaella (2003) fundamental para compreender a cultura digital. Essa cultura rompe com a passividade da cultura das massas e torna o público mais autônomo para escolher quais meios de comunicação consumir. Na cultura digital, essa que nos deparamos hoje, a interatividade é a questão predominante. Todos podem acessar conteúdos, que agora são disseminados de todos para todos. A autora deixa claro que existe uma interdependência de uma era para outra, pois as técnicas não são excluídas, mas aprimoradas.

Um dos grandes saltos da cultura oral para a cultura escrita pode ser visto na possibilidade que esta última trouxe para o armazenamento da informação e, assim, uma espécie de expansão da memória. Neste sentido, as superfícies de inscrição, enquanto suportes para a escrita, proporcionam novas formas de armazenamento para o que, até então, era possível apenas através da memória humana.

2.1.1 Superfícies de inscrição

A vontade do homem de guardar as informações em locais seguros não é recente. Antes da escrita, as civilizações antigas se utilizavam de desenhos com códigos e símbolos gravados em tijolos de barro e pedaços de madeira. O primeiro registro de escritura foi cerca de 3.500 a.C, com os sumérios na Mesopotâmia. Eram símbolos, como pictogramas, que aos poucos foram sendo misturados com letras. Já o alfabeto foi criado pelo povo semítico por volta de 1.500 a.C, sendo que o primeiro alfabeto completo com vogais e consoantes, tal como conhecemos hoje, foi criado pelos gregos (ONG, 1998).

Os primeiros escritos eram feitos em superfícies de argila, madeira ou pedras polidas. Segundo Caldeira (2002), o papel produzido a partir da madeira foi criado na China, no século II. Mas foram os Árabes que o aprimoraram e passaram a comercializá-lo. Antes disso, os egípcios confeccionaram os papiros, utilizando-se de plantas encontradas às margens do rio Nilo. Já os pergaminhos foram feitos com pele de animais. A partir da utilização de rolos de papiro ou pergaminhos, a escrita passou a ser dividida em colunas e, com a descoberta do códice, passou-se a escrever em superfícies delimitadas, as páginas de papel, aprimoradas até chegar às folhas conhecidas hoje (CHARTIER, 1998).

Quando a escrita passa a fazer parte da cultura, além de alterar a dinâmica da comunicação entre as pessoas, modifica também a organização do pensamento. A mente foi, em certo sentido, dominada e enquadrada pelas regras da escrita, uma vez que a gramática passa a determinar uma estrutura. Com essa tecnologia, passa a haver uma sequência da mente para organizar as frases e palavras. Além disso, uma das grandes contribuições da escrita foi armazenar os conhecimentos, o que possibilitou uma memória coletiva. Segundo Meditsch (2007, p. 142), “a escrita representou também uma nova tecnologia intelectual permitindo a acumulação e o processamento de informações, além dos limites da memória biológica dos seres humanos”.

Aquela então “nova” tecnologia intelectual modificou a relação do indivíduo com o conhecimento. A naturalidade com que os discursos orais eram proferidos foi substituída pelo texto formatado e encaixotado em uma estrutura organizada, que reconfigurou as formas de pensar e registrar as ideias. A cultura letrada indica ainda uma linearidade nas informações e, por conseguinte, no pensamento, facilitando a legibilidade e a leitura rápida (ONG, 1998).

Nesse universo, ao mesmo tempo em que a escrita distancia fisicamente o orador de seu auditório, uma vez que passa a ser feita de forma individual e silenciosa, torna os conteúdos disponíveis a um maior número de pessoas (CHARTIER, 1998). Podemos dizer que a escrita representa um registro, uma materialidade dos conhecimentos em um objeto concreto que pode ser distribuído e reproduzido por meio das técnicas de impressão. Ao ressaltar que a escrita foi fundamental na constituição da sociedade humana em todas as esferas, Lévy (1993) afirma que a escrita legitimou o efêmero, dando maior sentido às expressões linguísticas.

Tomando os termos leitor e texto no sentido mais amplo possível, diremos que o objetivo de todo texto é o de provocar em seu leitor um certo estado de excitação da grande rede heterogênea de sua memória, ou então orientar sua atenção para uma certa zona de seu mundo interior ou ainda disparar a projeção de um espetáculo multimídia na tela de sua comunicação (LÉVY, 1993, p. 24).

Além de possibilitar transcender o efêmero e materializar as palavras para serem lidas por um maior número de pessoas, a invenção da escrita aproximou o homem dos seus próprios mundos. Para o referido autor, a escrita possibilitou ampliar os modos de imaginação e atribuição de significados, aproximando o leitor de sua rede de informações e experiências pessoais e culturais, que muitas vezes estavam adormecidas ou esquecidas.

Para Ong (1998, p. 100), “a escrita, em seu sentido comum, foi e é a mais importante de todas as invenções humanas”. Concordamos com o autor, pois a escrita marcou uma importante era na cultura humana, possibilitando o registro das informações e despertando novos sentidos e percepções do indivíduo. Sem a escrita, certamente não teríamos as possibilidades de desenvolvimento que temos em todos os setores da vida moderna. As descobertas da ciência e o jornalismo também puderam fazer parte da história da humanidade através da tecnologia da escrita.

A partir da inscrição, o homem teve a possibilidade de criticar e analisar suas criações, uma vez que passou a ter uma referência externa à memória. Ao separar o conhecimento da dimensão subjetiva da mente, a escrita possibilitou objetivar o pensamento, que se torna concreto no espaço visual. A relação com o tempo e o espaço também são modificadas com a os registros escritos. Essa tecnologia permite que as informações permaneçam por mais tempo e possam atingir diferentes públicos em diferentes locais, uma vez que não necessita da presença física do orador. Listas e índices alfabéticos passam a existir com a escrita, já que não era possível a recitação oral de séries de palavras (ONG, 1998).

Se a escrita materializou a palavra oral, a impressão tornou-a concreta, alterando, novamente, a estrutura dos textos, o que representou uma nova forma de compreensão. A impressão fragmentou os caracteres e desestruturou a ordem proposta pela escrita. Como observa Ong (1998, p. 95), “a escrita, a impressão e o computador são todos meios de

tecnologizar a palavra”. Assim, quando a palavra é cristalizada pela escrita e reproduzida pelas técnicas de impressão, o texto torna-se concreto e fechado, pronto para ser reproduzido em cópias iguais. Com a reprodução em série, o caráter de unicidade, presente nas obras de arte e característica fundamental da criação humana, é substituído pela rapidez e pelos interesses do mercado. Inicia-se, assim, o tempo das velocidades. A criação da prensa de Gutenberg marcou o início da era da impressão. Entre 1452 e 1455 Gutenberg imprimiu cento e trinta e cinco exemplares da bíblia (CHARTIER, 1998), permitindo o acesso do público a um conhecimento anteriormente restrito a poucos.

As transformações da impressão também representaram mudanças subjetivas e em relação ao intelecto humano, nas formas de compreensão e participação no mundo. A escrita pode ter sido a primeira tecnologia a distanciar os indivíduos fisicamente e a materializar-se como dispositivo capaz de armazenar conteúdos que tornam-se as memórias da cultura humana. No entanto, o surgimento do telefone, do rádio e da televisão estabeleceu uma nova consciência perceptiva, marcando o início da era das velocidades e da diminuição das distâncias. “A transformação eletrônica da expressão verbal tanto aprofundou a espacialização da palavra iniciada pela escrita e intensificada pela impressão quanto trouxe a consciência a uma nova era de oralidade secundária” (ONG, 1998, p. 154). Essa nova oralidade possibilitou a comunicação em tempo real e, apesar de mostrar-se muito diferente da anterior, possui algumas semelhanças, já que o surgimento de novos dispositivos não exclui os anteriores.

Além da possibilidade da enunciação, em tempo real, o século XIX assistiu ao alvorecer de uma nova concepção de escritura. A fotografia, o cinema e o fonógrafo propunham uma nova forma de registro das manifestações da natureza e das culturas humanas, capaz de captar de maneira simultânea e automática uma grande variedade de *nuances* e tons (de luz ou de som). No plano da linguagem, essas formas de registro mecânico (depois aperfeiçoadas pela eletrônica), permitiram conservar e reproduzir, em qualquer tempo e lugar, os componentes analógicos que anteriormente eram prisioneiros da situação da enunciação (MEDITSCH, 2007, p. 142-143).

A introdução da imagem e do som possibilitou uma nova maneira de comunicar, ultrapassando os limites da escrita. O rádio, primeiro meio de comunicação a distância que se utilizou do som, resgata da oralidade o discurso assimilado pela audição. Despertou a imaginação dos ouvintes, uma vez que sem a presença da imagem, a música, os ruídos e os efeitos sonoros propiciam a compreensão dos conteúdos. Esse meio condensou diversos gêneros de discurso e despertou novos sentidos no ouvinte, que poderia, então, imaginar e construir “um mundo acústico da realidade” (MEDITSCH, 2007, p. 175). Quando é introduzida pelo cinema e a televisão, a imagem amplia novamente os modos de percepção do indivíduo.

Com novos meios de armazenar a informação, reconfiguram-se as linguagens, determinadas pelas particularidades do ambiente ao qual estão vinculadas. As tecnologias determinam novos discursos destinados a um auditório cada vez mais diversificado. No entanto, independentemente do meio ao qual pertence uma mensagem, as informações sempre estarão destinadas a um auditório. Tanto nos discursos orais da antiguidade, nos livros, para os ouvintes do rádio e telespectadores da televisão, como para os leitores de notícias na tela do computador, a relação que existe entre quem escreve e quem lê será uma relação intersubjetiva.

Em todas as formas de comunicação, a relação entre emissor e receptor acontece como uma espécie de acordo, o que possibilita a compreensão do discurso, uma vez que somente será possível “persuadir” o auditório se o público entender a intenção do orador (FAIRCLOUGH, 1994). Mesmo diante da objetividade dos fatos, sempre existirá uma parcela de subjetividade envolvida na relação entre quem escreve e quem lê, estabelecida dentro de um contexto. Esse universo individual e coletivo compreende o espaço em que os conceitos de mundo do indivíduo são construídos, o que determina a compreensão das informações. Portanto, mesmo com um público cada vez mais diversificado, as informações sempre pertencerão a um entorno social e cultural.

2.2 CONTEXTO E LEITURA DO MUNDO

Durante a leitura de um livro de Machado de Assis, um jovem leitor imagina-se na situação do personagem e passa a viver a história contada pelo autor. Aos poucos, relembra os fatos de sua infância e percebe que a história do personagem assemelha-se aos fatos de sua vida. Ao folhear de páginas, o leitor relembra sua história, seu contexto

familiar e das pessoas que fizeram parte do seu cotidiano. Ao mesmo tempo em que mergulha no enredo do livro, o jovem sente até mesmo o cheiro de terra molhada da cidade do interior onde nasceu. Rememora as brincadeiras com os irmãos, até perceber que, através da leitura, transportou-se para o seu universo do passado.

Todas as lembranças do seu contexto fizeram com que o leitor do livro compreendesse também o contexto da história trazida pelo autor. Assim como o texto é produzido dentro de um contexto, a leitura, que aqui será observada não apenas como a leitura da palavra, mas como o entendimento que temos do mundo, também acontece em um entorno individual de atribuição de sentido. O educador Paulo Freire, cujas obras estão centradas na educação enquanto prática revolucionária e democrática, acredita que a leitura representa um mecanismo de libertação em que o entendimento do mundo antecede a leitura da palavra (FREIRE, 1989).

No Brasil e em outros países, Paulo Freire desenvolveu uma série de programas de alfabetização de jovens e adultos. Em sua concepção filosófica, defende uma educação humanista que observe o contexto do leitor. Para o autor, o letramento possibilita que o indivíduo exerça sua cidadania. Ao propor que a leitura acontece não apenas no momento de ler, mas no modo como aprendemos a olhar a realidade, Freire (1989) ressalta que toda leitura é feita a partir da maneira pela qual o indivíduo compreende o seu mundo, existindo, assim, uma estreita ligação entre linguagem e realidade. Todas as experiências, desde a infância, integram a rede de percepções que o indivíduo utiliza para entender o seu contexto. Desse modo, o ato de ler “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1989, p. 11).

Assim como Freire (1989), Chartier (2009, p. 78) vê na leitura “uma prática criadora, inventiva e produtora”. Ler significa aprender. É por meio das primeiras percepções que criamos nossos conceitos, valores e pontos de vista. Tanto para escrever quanto para ler, utilizamos essa rede de conceitos estabelecidos em nossas vivências e, a partir de então, atribuímos novos significados: “de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente” (FREIRE, 1989, p. 20, grifo do autor).

Como explica o autor, o contraponto também acontece. Com a leitura da palavra, as percepções que o indivíduo tem do mundo também se transformam. À medida que novas experiências são integradas à rede

de informações que acumulamos ao longo da vida, chamadas por Van Dijk (2005) de “modelos mentais”, vamos modificando as já existentes e criando novos conhecimentos. Portanto, essa estrutura não é uma estrutura estática. A aprendizagem é um processo constante. As novas experiências vão modificando as anteriores, adaptando e reconstruindo modelos e visões de mundo.

Segundo Goulemont (2009, p. 113), “ler será, portanto, fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais”. O citado autor chama de biblioteca o acervo coletivo e individual que funciona como mecanismo de troca, em outras palavras, o que está fora do texto é utilizado para compreender as palavras lidas. Sendo assim, para decifrar um texto, o foco não está centrado apenas nas palavras escritas, mas na coletânea de informações que armazenamos em nossa biblioteca pessoal e cultural.

Desse modo, a leitura de um texto não compreende apenas um procedimento cognitivo ou afetivo, mas uma ação cultural constituída historicamente, representando não apenas o acúmulo de informações, mas a atribuição de sentido. O ato de ler se constitui como uma atividade individual de interpretar e dar um novo sentido a um texto. Assim, apesar da materialidade de um texto, cada leitor atribuirá sentidos diferentes, baseando-se nas suas experiências e conhecimentos: “a cada leitura, o que já foi lido muda de sentido, torna-se outro. É uma forma de troca” (GOULEMONT, 2009, p. 116). Por meio da leitura, o ser humano pode acessar seu mundo interior, colocando em ação sua capacidade imaginativa e criativa.

Ao mesmo tempo em que um texto impõe uma certa estrutura e um conjunto de palavras e símbolos para nortear a leitura, os fatores sociocognitivos e culturais de cada indivíduo influenciam nos modos de ler e compreender a palavra. Um texto possui suas lacunas de significação e nem sempre aquilo que o autor propõe é compreendido pelo leitor. Nesse sentido, pode haver uma pluralidade de significações e, até mesmo, uma liberdade para ir além do que é apresentado no texto, “uma “liberdade do leitor que se desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor”, segundo Chartier (1998, p. 77). Tal liberdade, porém, não seria absoluta:

Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas

atitudes são inventadas, outras se extinguem (CHARTIER, 1998, p. 77).

Como observa este autor, as práticas de leitura são adaptadas pelas próprias condições históricas e culturais. Hoje, o leitor observa uma realidade bastante distinta da observada com os primeiros volumes impressos. Desde a criação da primeira biblioteca pública, onde o acesso aos livros era muito restrito, até chegar à realidade atual, a civilização experimentou um longo percurso de adaptação das práticas de leitura e do acesso ao conhecimento que ela representa. Ler um livro individualmente nem sempre fez parte dos hábitos dos indivíduos. Assim como a leitura na tela trouxe a necessidade de adaptação e aprendizado dos recursos tecnológicos, a leitura do impresso foi sendo adaptada ao longo da história.

2.3 PRÁTICAS DE LEITURA E MUDANÇAS CULTURAIS

Se a história do livro impresso representa a “história de uma prática cultural”, (CHARTIER, 2009, p. 78), e a leitura compreende a pluralidade no que se refere à atribuição de sentidos pelos leitores, pensar a evolução dos livros requer observar as próprias práticas de leitura. Com a invenção da escrita e da impressão, o leitor precisou adaptar sua relação com os livros e transformar o aprendizado adquirido com a cultura oral.

Uma dessas transformações ocorreu na passagem da leitura oral para a leitura silenciosa, o que se deu a partir de 1750, em alguns países europeus, especialmente a Alemanha e a Nova Inglaterra, segundo Chartier (2009). A transição da leitura em voz alta para uma leitura silenciosa foi lenta e gradativa. Habitados a ler em voz alta, os leitores tiveram dificuldade de passar para a leitura silenciosa. A hipótese levantada por Chartier (2009) é a de que a prática de ler em voz alta auxiliava a separação das palavras e frases, o que teve de ser readaptado com a leitura silenciosa.

A oposição entre visualização e oralização é, sem dúvida, o indicador mais manifesto de uma diferença nas maneiras de ler. Mas, obviamente, a leitura silenciosa não é única e as capacidades daqueles que as praticam podem variar consideravelmente (CHARTIER, 2009, p. 84).

Assim como os modos de ler foram sendo adaptados com a difusão da escrita e da leitura, a relação com os livros também foi sendo modificada. A partir de então, o leitor passou a ter mais intimidade e liberdade para com os escritos. O livro torna-se um companheiro para dividir emoções em uma leitura solitária. O leitor busca o conforto para as suas leituras utilizando-se de poltronas com almofadas. Como eram poucos volumes, havia muito respeito com os livros. Eles eram lidos, relidos e decorados para serem contados às gerações seguintes. A maioria dos volumes era de conteúdos religiosos, sendo que a bíblia foi um dos livros mais utilizados, tanto na igreja quanto entre as famílias (CHARTIER, 2009).

Ainda segundo o autor, a reprodução dos livros iniciou-se a partir da utilização de citações dos poucos volumes existentes, alterando, mais uma vez, as práticas de leitura e escrita. Entre 1750 e 1850, na Inglaterra, a leitura passa a ser feita fora dos rituais religiosos e familiares. O número de livros é ampliado e a formatação dos textos é modificada. A introdução de figuras, a divisão em capítulos e parágrafos, a pontuação, mudam o aspecto visual dos textos e, assim, os modos de leitura e percepção dos indivíduos.

No século XVII, na França e Inglaterra, o aprendizado da leitura acontecia antes dos sete anos de idade, fora da escola, normalmente com o auxílio da mãe. Havia uma diferença entre o ensino da leitura e da escrita entre os homens e as mulheres. Os homens eram incentivados a aprender a ler e escrever, ao passo que as mulheres somente aprendiam a ler, pois a escrita poderia dar certa liberdade a elas, o que era contra os costumes da época, uma vez que esse privilégio era exclusivo dos homens. As mulheres ficavam encarregadas do aprendizado de atividades domésticas, tais como a fiação e a costura (CHARTIER, 2009).

No fim do século XIX, a invenção do rádio e do telefone diminuiu as distâncias e modifica novamente a linguagem e a escrita. Assim que surgiu o rádio, por exemplo, as notícias eram cópias fiéis do impresso. Aos poucos, o texto foi adaptado para ser falado pelo locutor, passando a ser mais conciso e breve do que no impresso (MEDITSCH, 2007). A introdução da imagem pela televisão e pelo cinema representou uma nova forma de comunicação. Instauravam-se então, novos modos de comunicação, em tempo real, com linguagem mais objetiva e a partir de diferentes formatos discursivos. Assim como a cultura escrita exigiu o aprendizado de seus códigos, a revolução eletrônica ampliou os sentidos humanos para acessar o conhecimento. Mais recentemente, as mídias digitais condensaram os meios anteriores em uma mesma plataforma,

em suportes conectados em redes telemáticas e que permitem a interatividade entre seus usuários, dentre outras características.

Depois de verificarmos o que representa a leitura, partindo do conhecimento de mundo e de suas transformações em relação à evolução das técnicas, passaremos a observar as características desse novo formato de linguagem no cenário atual das novas tecnologias digitais de comunicação e informação. Nesse cenário, o hipertexto configura-se como uma linguagem específica dos meios digitais⁶, e exige do leitor um aprendizado diferente do conhecido até então. Após a criação da televisão e do cinema, que iniciaram a exploração do campo audiovisual, o computador e a internet trouxeram uma revolução na produção e distribuição do conhecimento, que agora está disponível em rede. Uma nova linguagem, muito distinta da conhecida anteriormente, possibilita o acesso a diversos gêneros narrativos e inicia a reconfiguração da maneira de ler.

2.4 LINGUAGEM HIPERTEXTUAL E INTERATIVIDADE

Depois da invenção da escrita, das técnicas de impressão e da eletrônica, que alteraram significativamente a forma de produção, reprodução e consumo de informações, a era digital talvez tenha sido o maior marco na sociedade moderna e uma revolução na comunicação. Como vimos, as práticas de leitura acompanharam as mudanças culturais. Os primeiros livros existentes, lidos em voz alta para um grande público, passaram a ser lidos de maneira silenciosa e individual. Naquele momento, o livro impresso possibilitava ao leitor a visualização do texto do início ao fim. Com a leitura nos meios digitais, o texto é construído com as interações do leitor, como descreve Chartier (2002, p. 23):

A leitura diante da tela é geralmente descontínua, e busca, a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se (um artigo em um periódico, um capítulo em um livro, uma informação em um *web site*), sem que necessariamente sejam percebidas a

⁶ Ainda que existam correntes de estudos que entendem o hipertexto como característica presente em meios anteriores ao digital, como a enciclopédia e o dicionário, neste trabalho entendemos o hipertexto como linguagem própria e específica dos meios digitais, sendo os formatos anteriormente citados, compreendidos como “antecedentes do hipertexto no impresso”, segundo Longhi (2000).

identidade e a coerência da totalidade textual que contém esse elemento.

Assim como a escrita, ao longo do tempo, readaptou-se às demandas culturais e econômicas e propôs novos hábitos de leitura, o texto contemporâneo, fragmentado e descontínuo, também exigiu uma mudança de percepção dos leitores. Por consequência dessas alterações, as formas de ler se renovaram. Os signos para navegar no ciberespaço foram descobertos à medida que o usuário aprendeu a falar com a tela: “seus hábitos exclusivos de consumismo automático passaram a conviver com hábitos mais autônomos de discriminação e escolhas próprias” (SANTAELLA, 2003, p. 81-82). A autonomia é uma das características que rege esse novo espaço. É o usuário que escolhe o que pretende ler e quais os caminhos prefere percorrer. Embora no impresso também exista essa autonomia, ainda que circunscrita ao espaço da página, ou do livro, ou da revista, etc, os novos meios potencializam tal possibilidade para o leitor, ao introduzir um espaço virtual, onde se encontram as informações, que são acessadas pelo *mouse*, ou pelo toque (no caso de *tablets* e celulares inteligentes), através de movimentos de leitura com uma dinâmica própria.

No entanto, as novas tecnologias não modificam apenas as práticas de leitura, elas reorganizam o pensamento e as formas de produzir e compartilhar informações. O leitor moderno amplia e fragmenta seus modos de ver o mundo, desenvolve novas habilidades e maneiras de se relacionar com o conhecimento. Lévy (1999) aponta que os usuários das redes de computadores, ou de redes como a internet, partilham de conhecimentos coletivos. Tais conhecimentos são compostos e atualizados a partir dos saberes individuais de cada membro, estando à disposição de todos os membros conectados. O pensamento de Lévy pode convergir com a ideia de aldeia global, indicada por McLuhan nos anos 60, que muito se ajusta ao contexto da comunicação digital. Um dos autores que traz essa conexão é Longhi (2000, p. 7-8), quando afirma que:

Se antes, o que unia o mundo e transformava o planeta em uma “aldeia global” era a televisão, hoje abolem-se fronteiras e diminuem-se as distâncias através das redes de comunicação interligadas por computadores, como a internet. É nesta comunicação pela rede e em rede que a informação torna-se muito mais onipresente, porque acessível a partir de qualquer ponto do

planeta, direta e instantaneamente, existindo no ciberespaço dos computadores interconectados.

Desta forma, para compreender a leitura diante do crescente desenvolvimento tecnológico, com seus rearranjos de linguagem e socioculturais, é preciso enquadrar o leitor em um novo paradigma, onde as informações são condensadas em *bits* e a cultura é mediada pelas tecnologias, sem limites de tempo e espaço. Para retratar a realidade atual, em que a comunicação é mediada pelas tecnologias, Scolari (2008) utiliza o termo hipermediação, que representa uma readequação das mediações, em que as informações assumem um caráter imaterial e passam a ser condensadas em *bits*. As ‘hipermediações’ representam: “processos de troca, de produção simbólica e de consumo simbólico que se desenvolvem em um ambiente caracterizado por uma grande quantidade de sujeitos, meios e linguagens interconectadas tecnologicamente de maneira reticular entre si” (SCOLARI, 2008, p. 113-114, tradução nossa).

Para o referido autor, as sociedades contemporâneas compartilham um espaço interativo e ilimitado de informações. E esse aspecto somado às possibilidades tecnológicas resulta em mudanças estruturais nos modos de interagir com a informação, alterando as conexões culturais. Por isso, é preciso observar esse evento de forma mais ampla, considerando o processo pelo qual passa a sociedade em interação com essas novas mídias e não apenas o objeto midiático em si. Na rede, consumo, interação e construção do conhecimento acontecem entre um grande número de indivíduos interconectados tecnologicamente e em diferentes espaços físicos. Existe entre eles um espaço simbólico onde seu objeto tem caráter imaterial e ilimitado.

Assim como Scolari (2008), García Canclini (2008) acredita em uma globalização cultural que une os indivíduos entre si por meio de uma cultura híbrida. Os leitores, que agora são “espectadores e internautas”, assumem novos hábitos culturais e têm renovados seus papéis na leitura e na interação com a nova linguagem. Um texto digital pode ser lido por inúmeros leitores que atuam na construção da leitura e, até mesmo, da escrita. Cada um deles vai construir sua leitura de uma maneira diferente, escolhendo os nós a ativar em sua navegação: “o texto e as imagens vão existindo à medida que o leitor ou o espectador os usam ou reinterpretam” (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 51).

Os meios digitais podem condensar, arquitetonicamente, diferentes gêneros de linguagem. A hipermídia, de que falaremos mais adiante, é uma linguagem convergente, que mistura em um mesmo

espaço mensagem verbal, sonora e visual, propondo maior interatividade e autonomia para o leitor, que também se transforma em produtor.

Estamos vivendo a chamada cultura da convergência, em que “as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2008, p. 27). Essas mudanças não se referem apenas aos avanços das técnicas, mas indicam um processo de rupturas culturais e novas maneiras de ler.

Pois o *lugar* da cultura na sociedade muda quando a mediação tecnológica da comunicação deixa de ser meramente instrumental para se converter em estrutural: a tecnologia remete hoje não à novidade de alguns aparelhos mas a novos modos de *percepção* e de *linguagem*, a novas sensibilidades e escritas, à mutação cultural que implica a associação do novo modo de produzir com um novo modo de comunicar que converte o conhecimento em uma força produtiva direta (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 228-229, grifo do autor).

As tecnologias estão de tal forma inseridas no cotidiano das pessoas que, segundo esse autor, a sociedade passa a experienciar uma tecnosfera, na qual as transformações nos meios de comunicação modificam a cultura e os modos de percepção dos indivíduos. Nesse contexto, Lúcia Santaella (2004) apresenta as transformações do leitor diante das mudanças culturais. A autora classifica como leitor imersivo, aquele que surge com o desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, em especial da internet. Esse novo sujeito “navega entre nós e conexões alineares pelas arquiteturas líquidas dos espaços virtuais” (SANTAELLA, 2004, p. 31). Existe, assim, uma nova postura diante da informação, mediada pela digitalidade e que se utiliza da linguagem hipermediática. As mensagens disponíveis na rede são processadas através dos cliques no *mouse*, de modo que o leitor possa interagir com a informação por caminhos ilimitados, o que é possível através do *hiperlink*.

Para a autora, antes do leitor imersivo, virtual, tem-se o leitor contemplativo e o movente. O primeiro provém da era pré-industrial e é caracterizado pela leitura íntima, individual, silenciosa e pelo manuseio do livro. O segundo aparece na revolução industrial, a partir de um

mundo de misturas, de grandes centros urbanos, do jornal, da fotografia e do cinema: “é aquele que nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados de signos” (SANTAELLA, 2004, p. 29).

O leitor imersivo, que surge com a era digital e representa a união dos anteriores, é amparado pelos suportes tecnológicos. Ele emerge dos processos de comunicação, em meio à virtualidade, através da possibilidade de verificação simultânea de texto, áudio e imagem. É nesse contexto que o leitor imersivo tem sua reação ao conjunto de signos que aparecem na tela do computador. Cada um deles conta com uma particular habilidade perceptiva, sensório-motora e cognitiva. O termo imersivo se refere à navegação em uma rede de dados informáticos híbridos.

É o leitor que foi se ajustando a novos ritmos de atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel. É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais. É, enfim, o leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas. Mistura que está no cerne do jornal, primeiro grande rival do livro. A impressão mecânica aliada ao telégrafo e à fotografia gerou essa linguagem híbrida, a do jornal, testemunha do cotidiano, fadada a durar o tempo exato daquilo que noticia. Aparece assim, com o jornal, o leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil. Um leitor que precisa esquecer, pelo excesso de estímulos, e na falta do tempo para retê-los. Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias de realidade (SANTAELLA, 2004, p. 29).

Todas as mudanças exigiram uma adaptação do leitor. No entanto, seus hábitos não foram excluídos desde a oralidade primária, mas sim reconfigurados para acompanhar o ritmo das cidades. A explosão da era das redes e das velocidades fez nascer um leitor mais preparado para o intenso fluxo de informações e, por conta disso, com mais autonomia. Um leitor pronto para uma linguagem híbrida, para ler, visualizar e ouvir ao mesmo tempo. Como lhe é dado o poder de interatuar neste novo espaço, ele torna-se coautor, pois com a interferência dos cliques do *mouse* um fato apresentado pode já não ser

mais o mesmo; pode adquirir outro significado atribuído pelo leitor (SANTAELLA, 2004).

Com as possibilidades do texto digital e a conexão em rede, o leitor pode reescrever e interagir com textos de outros autores. O texto eletrônico, além de propor uma outra estrutura para acessar a informação, possibilita a pluralidade de ações do leitor, que agora tem mais autonomia para ir e vir e colocar em ação diferentes sentidos. Santaella (2007) pensa que isto somente é possível em função do hipertexto. Essa nova linguagem, que permite o movimento de um assunto a outro, de forma não linear e multisequencial, passaremos a discutir a partir de agora.

2.4.1 Hipertexto: a leitura não linear e fragmentada

Informações de diversos gêneros interconectadas. Possibilidades de inúmeros caminhos estabelecidos no movimento do leitor ao percorrer o ambiente computacional. Estamos falando de um novo modelo de escrita e leitura, a narrativa hipertextual. Antes de entrarmos na conceituação desta linguagem, iremos situá-la na história. O embrião da ideia de hipertexto foi concebido, segundo alguns autores como Landow (1997); Longhi (2000); Scolari (2008), na década de 40, em julho de 1945, em um artigo⁷ escrito pelo cientista americano Vannevar Bush. O autor propunha então um sistema de arquivamento e disponibilização de informações que funcionasse por associação, tal como a mente humana e diferente dos sistemas existentes até então no meio científico e acadêmico, que funcionavam por hierarquia (Longhi, 2000). O *Memory Extended (Memex)*, como foi chamado, seria composto por um grande reservatório de informações, composto por imagens, sons e textos, segundo a mesma autora.

Depois de idealizado por Vannevar Bush, foi apenas nos anos 60 que o hipertexto recebeu esse nome. O filósofo e sociólogo Theodor Nelson criou o projeto Xanadu⁸, um sistema para arquivamento de grande quantidade de informações, com o objetivo de disponibilizar materiais literários em uma rede de arquivamento hipertextual e instantânea (MCKNIGHT, 1991, *apud* Longhi, 2000, p.28). Assim, Nelson passou a chamar de hipertexto as informações disponíveis de forma associativa. No final da década de 60, a *Brown University*, nos

⁷ O artigo escrito por Vannevar Bush foi intitulado “*As we may think*” e publicado na revista *Atlantic Monthly*. Veja nas referências.

⁸ O projeto Xanadu pode ser conhecido em: <<http://www.xanadu.com.au/xu/>>.

Estados Unidos, desenvolveu um sistema para utilizar o hipertexto, o *Brown Hypertext Editing System* e, a partir de então, passou a realizar pesquisas na área (LONGHI, 2000). Outro sistema que é considerado predecessor do hipertexto é o NLS – *On Line System*, criado no início dos anos 60, em Stanford (EUA), por Douglas Engelbart, que posteriormente inventou o *mouse*. O objetivo era armazenar vários tipos de documentos em uma espécie de “ambiente hipertextual”, segundo a mesma autora (2000, p. 28).

Alguns autores como Chartier (2002); Burke (2004) sustentam que já nos séculos XVI e XVII haviam manifestações que indicavam o uso do hipertexto com os manuscritos, *marginálias*, enciclopédias e notas de rodapé. Os manuscritos eram alterados pelos copistas no momento em que eram transcritos, o que permitia uma espécie de escrita coletiva. As *marginálias* representavam as anotações dos leitores nas margens das páginas dos livros, o que permitia uma leitura não linear (CHARTIER, 2002). Indo um pouco mais além, Lévy (1993) acredita que até mesmo o pensamento humano, que acontece de forma associativa, pode ser considerado uma espécie de *hipertexto mental*.

Para definir a estrutura do hipertexto, Murray (1997 *apud* LONGHI, 2000) compara essa narrativa a um labirinto, já que se trata de uma estrutura sem início nem fim. Da mesma maneira que um labirinto pode causar a sensação de desorientação, ele também se distribui em diversos caminhos a serem explorados. O texto eletrônico, desconhecido, está pronto para ser descoberto a cada clique no *mouse*. Ao contrário de um livro ou jornal impresso que apresenta o conjunto das informações, a narrativa hipertextual é construída durante a navegação. Portanto, a leitura é mais interativa à medida que o leitor é quem escolhe o seu itinerário.

Se a leitura constitui-se enquanto maneira de interagir no mundo, ativando os conhecimentos adquiridos ao longo das experiências, o hipertexto amplia as possibilidades de interatuar em uma estrutura heterogênea que passa a existir a partir das intervenções do leitor. Pode-se dizer que essa narrativa apresenta uma maior flexibilidade em relação ao impresso, e convida o leitor a ler diversos outros textos relacionados ao tema. Para Lévy (1993, p. 33) o hipertexto representa:

Um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são

ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

Os nós apontados por Lévy (1993) são determinados pelo autor na construção de um texto para a tela e não são ligados de forma linear, mas sim de forma reticular. Com essa estrutura, o leitor pode navegar em múltiplos textos, estabelecendo, entre as diversas possibilidades, o grau de profundidade de sua imersão. Este tipo de escrita também permite o armazenamento de uma grande quantidade de informações na memória do computador. Se o conhecimento transmitido pela cultura oral foi cristalizado pela tecnologia da escrita, com a leitura fragmentada o leitor depara-se com uma estrutura textual capaz de mobilizar novos sentidos para sua interpretação.

O hipertexto e a hiperleitura que ele permite e produz transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos associados de maneira não-linear, mediante conexões eletrônicas, assim como as ligações realizadas entre os textos fluidos em seus contornos e em número virtualmente ilimitado. Nesse mundo textual sem fronteiras, a noção essencial torna-se a do *elo* pensado como a operação que relaciona as unidades textuais recortadas para a leitura (CHARTIER, 2002, p. 108-109).

O texto é recortado através das decisões do leitor que, a partir disso constroi sua leitura. No texto eletrônico os caminhos escolhidos pelo leitor definirão o resultado da leitura entre as estruturas e possibilidades disponíveis. É uma linguagem revigorada constantemente, como propõe Ferrari (2003), o que torna o hipertexto uma leitura única para cada leitor. Estamos falando de um novo leitor que se depara com uma infinidade de informações, conectadas entre si e disponíveis por tempo indeterminado.

Para além do hipertexto, o conceito de hipermídia, definido por Longhi (2000, p. 27) como termo que “engloba o hipertexto e outras formas de comunicação, sonoras e visuais”, colabora para a compreensão das possibilidades e desafios para o leitor do ambiente digital. A hipermídia representa a união do texto, da imagem e do som de forma convergente e simultânea, em um espaço interativo, que está alterando significativamente a relação do leitor com o texto e seus

modos de compreensão. O leitor-navegador do ambiente digital é quem vai descobrir e embrenhar-se pelos arquipélagos desta rede ilimitada.

Os meios de comunicação impressos, o rádio e a televisão podem ser condensados em uma mesma plataforma, um recurso híbrido interativo, capaz de envolver o usuário de forma ativa. Santaella (2003, p. 146) acredita que “as duas bases principais para isso estão na convergência de mídias anteriormente separadas e na relação interativa entre o usuário e o texto híbrido que este ajuda a construir”. Virtualmente, a atividade hipertextual coloca autor e leitor em uma mesma sintonia, pois à medida que o leitor percorre os caminhos na rede hipertextual, constrói, de forma colaborativa, a navegação e escolhe os signos que vão formar sua rede informativa. Neste sentido, concordamos com Lévy (1997) quando este afirma que:

A escrita e a leitura trocam seus papéis. Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental, contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais que o leitor inventa podem ser incorporados à estrutura mesma do corpus. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita (LÉVY, 1997, p. 46).

Não queremos aqui afirmar que a leitura do impresso não pode ser uma leitura ativa. No entanto, entendemos a leitura hipertextual, em função de sua estruturação, sendo mais interativa do que nas plataformas anteriores. As mudanças anunciadas pelo cenário digital indicam que os hábitos foram transformados e alongam-se ao âmbito da cultura e das formas de percepção do indivíduo. Propondo algumas características para o hipertexto, Lévy (1993, p. 25-26), estabelece os ‘princípios abstratos’ do hipertexto, descritos a seguir.

1. Princípio de metamorfose: a rede hipertextual encontra-se em constante construção e renegociação. Sua extensão, composição e desenho estão sempre em mutação, conforme o trabalho dos atores envolvidos, sejam eles humanos, palavras, sons, imagens, etc.

2. Princípio de heterogeneidade: os nós de uma rede hipertextual são heterogêneos; podem ser compostos de imagens, sons, palavras, etc. E o processo sociotécnico colocará em jogo pessoas, grupos, artefatos, com todos os tipos de associações que pudermos imaginar entre eles.

3. Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas: o hipertexto é fractal, ou seja, qualquer nó ou conexão, quando acessado, pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede de nós e conexões, e assim, indefinidamente.

4. Princípio de exterioridade: a rede não possui unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento e diminuição, composição dependem de um exterior indeterminado, como adição de novos elementos, conexões com outras redes, etc.

5. Princípio de topologia: no hipertexto, tudo funciona por proximidade e vizinhança. O curso dos acontecimentos é uma questão de topologia, de caminhos. A rede não está no espaço, ela é o espaço.

6. Princípio de mobilidade dos centros: a rede possui não um, mas diversos centros, que são perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, rizomas, perfazendo mapas e desenhando adiante outras paisagens.

O primeiro princípio retoma a ideia de mutação, de construção e reconstrução pela qual a rede passa constantemente. A heterogeneidade representa a possibilidade de diferentes formatos estarem em um mesmo espaço. O princípio de multiplicidade diz respeito às ligações do hipertexto, pela ramificação dos nós de informações que podem estar ligados com outras informações. A exterioridade mostra a importância da ligação com textos e elementos externos e complementares. Já a topologia representa o local e a proximidade das informações, que representam o próprio espaço. O último princípio, de mobilidade dos centros, mostra que não existe um único centro, mas que o leitor pode escolher qual será o centro das informações.

As características apontadas por Lévy (1993) indicam uma nova concepção de leitura em um cenário mutante e flexível. Diferentemente do impresso, a estrutura hipertextual desdobra o assunto principal em temas secundários, associativos e complementares. As escolhas e

descobertas do leitor permitem uma leitura sem começo nem fim, sendo que o grau de imersão nesta “rede virtual” vai depender, segundo Santaella (2004), da capacidade do ambiente de envolver o usuário nas suas possibilidades.

Assim como a autora, Canavilhas (2007) observa que o hipertexto traz a convergência de conteúdos, resultando em uma linguagem de características próprias. Dentre elas, o autor dá atenção à multimídia, hipertextualidade e interatividade, o que converge para a reflexão, no cenário da comunicação digital, de uma nova forma de leitura. Concordamos com Canavilhas (2007) quando afirma que o hipertexto deve ser o foco principal de investigação deste novo suporte, uma vez que influencia diretamente a linguagem e, assim, a recepção. Em relação à leitura de webnotícias, o autor acredita que:

Esta particularidade é extremamente importante porque marca uma diferença fundamental em relação às notícias textuais. Não é o fato de que a notícia seja hipertextual que marca a diferença; o que realmente muda a natureza da notícia é que essa hipertextualidade desencadeia uma ação, o clique em um link. Desde esse momento, muda o sentido da notícia porque o usuário reage, toma uma decisão em função de uma percepção e opta por uma rota de leitura diferente da que tomaram outros usuários. (CANAVILHAS, 2007, p. 81, tradução nossa).

Cada usuário deve tomar uma decisão ao percorrer o labirinto hipertextual. Como vimos, sua navegação pode circular entre texto, imagem, som e outros elementos. Essa qualidade híbrida composta por diferentes linguagens, que resulta na convergência digital, para Longhi (2004, p. 9) representa:

Um conceito-chave para entender as transformações por que passa a linguagem nos meios digitais. Ela define o atual estado da arte não somente dos formatos jornalísticos, mas de diversas manifestações da comunicação hipermediática. Dois aspectos, que se relacionam entre si, devem ser levados em conta na análise da convergência: a combinação de linguagens e a remodelação de meios, por intermédio de sua hibridação.

Certamente a hibridação das linguagens resulta em novas técnicas de produção das mensagens. Os modelos já desenvolvidos na tecnologia impressa, para Lévy (1998), requerem uma atualização em função das possibilidades do hipertexto. Para o autor, a tecnologia intelectual e seu dinamismo exercem uma importante função juntamente ao sistema cognitivo de seus usuários. Da mesma maneira, Chartier (1998) indica que o contexto em que uma mensagem está inserida vai determinar sua natureza. O autor explica que ler um artigo em um banco de dados eletrônico e ler o mesmo artigo impresso, não é a mesma experiência. Isso se deve ao fato de que o sentido de construção do leitor, no segundo caso, “depende de elementos que não estão presentes no próprio artigo, mas que dependem do conjunto dos textos reunidos em um mesmo número e do projeto intelectual e editorial da revista ou do jornal” (CHARTIER, 1998, p. 128). Para isso:

Precisamos dilatar sobremaneira nosso conceito de leitura, expandindo esse conceito do leitor do livro para o leitor da imagem e desta para o leitor das formas híbridas de signos e processos de linguagem, incluindo nessas formas até mesmo o leitor da cidade e o espectador de cinema, TV e vídeo, também considerados neste trabalho como um dos tipos de leitores, visto que as habilidades perceptivas e cognitivas que eles desenvolvem nos ajudam a compreender o perfil do leitor que navega pelas infovias do ciberespaço, povoadas de imagens, sinais, mapas, rotas, luzes, pistas, palavras, textos e sons (SANTAELLA, 2004, p. 17).

A leitura entre a infinidade de signos do ciberespaço requer uma nova postura do leitor do contexto digital: “entrar na rede significa penetrar e viajar em um mundo paralelo imaterial, feito de *bits* de dados e partículas de luz” (SANTAELLA, 2005, p. 9). As idas e vindas entre as páginas de um livro passam a ser a navegação entre as páginas da internet. O tempo, o caráter e a sequência da informação são determinados pelo leitor. Dessa forma, o poder de criar um mapa de controle do acesso está em suas mãos. Essa ideia pode ser levada à literalidade do termo quando o controle motor, a agilidade e a instantaneidade das ligações “entre a mente que pensa, o olho que perscruta e o corpo que reage estão na extremidade da mão” (SANTAELLA, 2003, p. 52).

Nesse percurso interativo de leitura, o leitor busca referências em sua rede cognitiva: “envolve não apenas visão e percepção, mas também inferência, julgamento, memória, reconhecimento, conhecimento, experiência e prática” (MANGUEL, *apud* SANTANELLA, 2009, p. 24). Outra questão importante apontada pela referida autora trata da familiaridade do leitor com as novas tecnologias, o que contribui para o aprofundamento e participação no labirinto informacional. A autora ainda compara a navegação ao ato de resolver problemas, sendo que a construção é feita em dois processos: compreensão em meio a palavras, ícones, diagramas, formas, e busca para se chegar a determinado destino.

Santaella (2004) utilizou categorias para classificar os usuários de acordo com sua familiaridade com os novos meios. Temos o usuário novato (sem intimidade com a rede), o leigo (usuário recorrente, mas sem grande familiaridade) e o experto (conhecedor dos segredos que aparecem na tela). Cada um deles tem um modo particular de navegação, deixando rastros de sua personalidade. A ressalva aqui é de que os mecanismos em questão não são somente manuais, mas também mentais. Para cada um dos tipos de usuários, o reconhecimento dos signos encontrados acontece de forma distinta.

Para o experto, tal ação dá-se de maneira instantânea aos estímulos, pois ele realiza operações com mais rapidez do que os outros dois, tendo maior familiaridade com o ambiente. Com a prática, as ações do navegador experto tornam-se automatizadas e quanto mais forem bem sucedidas, mais serão armazenadas pela memória de longa duração. Segundo a autora, a memória atua como guia no itinerário da navegação de leitores expertos, que já internalizaram as operações de navegação. A memória de longa duração é constituída através da prática, o que se aplica também à automatização dos gestos e à habilidade motora de manusear o *mouse*. Para recordar fatos, a mente humana reorganiza dados em uma sequência de modo a formar sentido. De acordo com Bransford, Brown e Cocking (2007), a mente tem a capacidade de armazenar palavras que estão subentendidas e que auxiliam na construção de categorias para processar e relacionar informações. Assim, o usuário seleciona e identifica os caminhos que utilizará em sua busca.

O computador foi comparado ao funcionamento da mente, de forma metafórica, pelos primeiros estudiosos matemáticos da cibernética. Assim surgiu o conceito de inteligência artificial, em que foi possível simular os processos cognitivos em máquinas. Neste sentido, o pensamento nada mais seria do que a produção e ordenação de símbolos,

buscando-se a solução de problemas. No contexto digital, as mensagens são processadas através dos cliques no *mouse*, quando o leitor interage com a informação e seleciona os recursos que vai utilizar em sua leitura.

Na internet a informação vem das pessoas, pessoas gerando e trocando suas informações através da rede. É a infinita capacidade coletiva de a sociedade produzir suas próprias informações, distribuir, recombina, utilizar para especificidades que transforma a prática social, através da transformação da amplitude da mente humana (CASTELLS, 1999, p. 139).

Os processos motores envolvidos na navegação nesses espaços virtuais e nas habilidades necessárias para a leitura têm algumas diferenças daqueles utilizados pelo leitor do jornal impresso ou do livro, por exemplo. Isso porque, ocorre uma mudança nas habilidades perceptivas e cognitivas para a leitura nessa estrutura de dígitos que, com o hipertexto, encontra a quebra da linearidade da informação. O leitor é quem vai reconstruir a informação arquitetonicamente, num processo interativo, como já foi dito. Berlo (1999) aponta que há uma interdependência entre emissor e receptor. O autor cita pelo menos quatro níveis de interdependência, sendo a interação o último deles. Nessa interação, existe uma inter-relação entre os integrantes, que se influenciam mutuamente.

2.4.2 Interatividade como participação

Uma das principais características da cultura atual é a interatividade. (SANTAELLA, 2003). Alex Primo (2007) propõe o estudo da interatividade mediada por computador, observando a interação para além dos potenciais técnicos das máquinas. A interação, para o autor, não é uma característica apenas do meio, mas compreende as trocas sociais ou, “o relacionamento entre os integrantes” (PRIMO, 2007, p. 40). Para compreender a interação mediada por computador, Primo (2007) parte da observação da comunicação face a face entre os indivíduos, que partilham de ambientes comuns. O autor propõe dois tipos de interações contrastantes mediadas por computador: a interação mútua e a interação reativa. A primeira acontece por meio da cooperação e dos processos de negociação, em que os indivíduos

influenciam-se mutuamente. Já a interação reativa “é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta” (PRIMO, 2007, p. 57).

Assim como Primo, Jensen (1999, p. 18-19) acredita que a interatividade se estabelece em uma relação de troca, uma “medida da habilidade potencial da mídia em permitir que o usuário exerça uma influência no conteúdo e/ou na forma de comunicação mediada”. Concordamos com o autor, pois a interatividade vai além da ação e reação dos usuários e representa a capacidade de despertar no homem sua criatividade para intervir e modificar os conteúdos através dos meios. Ao pensar a interatividade de forma contínua e gradual, o autor propõe os seguintes meios de compreensão.

1. Interatividade transmissional: expressaria a habilidade potencial de um canal em permitir escolhas pelo usuário a partir de fluxos contínuos de transmissão, como se dá, por exemplo, no caso da televisão a cabo.
2. Interatividade consultacional: trata-se da habilidade potencial de um canal em permitir escolhas através de fluxos de informação bidirecionais, ou seja, de fluxos selecionados a partir da requisição do usuário, como, por exemplo, os mecanismos de busca de um *site*.
3. Interatividade conversacional: a habilidade de um canal para aceitar o livre *input* do usuário, como ocorre, por exemplo, em uma videoconferência.
4. Interatividade registracional: representaria a habilidade do canal para registrar informações e responder ao leitor-usuário, com ou sem sua autorização, servindo como exemplo os mecanismos de inteligência artificial de alguns *softwares* em mapear os padrões do leitor-usuário adaptando os conteúdos a estes padrões registrados (JENSEN, 1999, p. 160-187).

Os modelos apresentados por Jensen (1999) auxiliam na reflexão da realidade do leitor atual. Mais do que uma leitura ativa, os novos receptores ou usuários da rede, por meio da interação, participam do processo comunicativo. No entanto, se por um lado o ciberespaço indica a democratização da informação, por outro, os princípios apresentados por Jensen (1999) remetem à questão das condições interativas nos *sites*

da internet. Ou seja, um texto somente será interativo se tornar disponível aos usuários os mecanismos de interação.

Os meios digitais instauraram novos ritmos, modificando as noções do tempo e dos limites de espaço. A leitura cristalizada pela linearidade é substituída pela liquidez com que as informações se dispõem, o que para Longhi (2000, p.11): “trata-se da emergência de novas sensibilidades, que podem ser a marca indelével do rompimento de limites existentes anteriormente na nossa compreensão das tecnologias”. A autora observa, a este respeito, que é preciso refletir sobre as reais transformações da virtualidade e da relação do homem com as tecnologias e seus impactos sobre a inteligência e sensibilidade humana.

Nesse capítulo, buscou-se analisar a evolução das tecnologias da inteligência e as transformações culturais nas práticas de leitura. Assim como observa Martín-Barbero (2004), à medida em que as tecnologias fazem emergir novas linguagens e sensibilidades, modifica-se a relação do leitor com o conhecimento. A escrita formatou, em certo sentido, a estrutura da mente. Possibilitou o registro das informações, antes limitadas pelas capacidades da memória humana. Posterior às mudanças introduzidas pela escrita e pelas técnicas de impressão, uma nova oralidade, amparada nos dispositivos eletrônicos, modificou as formas de comunicar.

Ao dividir a cultura humana em diferentes eras, Santaella (2003) acredita que a cultura das mídias, que antecede a cibercultura, introduziu o consumo individualizado em oposição ao consumo de massas. Os novos equipamentos e linguagens prepararam o homem para o cenário atual, do digital, das linguagens fragmentadas e alineares, que possibilitam maior autonomia e interação. No entanto, nenhuma das fases pelas quais passou a cultura humana fez desaparecer as anteriores. A cultura híbrida (GARCÍA CANCLINI, 2008) resgata características das culturas anteriores ampliando os potenciais interativos da leitura. E assim como modificam-se as tecnologias da inteligência, novas habilidades cognitivas emergem do leitor-navegador (SANTAELLA, 2004).

Se a inteligência coletiva, o virtual e a interatividade modificaram a relação do homem com o conhecimento, no jornalismo, além de uma adequação da linguagem, lançam-se novos potenciais para leitura e participação. A partir das ideias discutidas nesse capítulo, verificamos as transformações culturais e a adaptação do indivíduo aos diferentes suportes de leitura. Nos meios digitais, a hipertextualidade e a multimídia reconfiguraram a disposição das informações, o que

inclui diversas possibilidades de leitura com o texto multisequencial, construído a partir da interação do leitor. Além de condensar, em um mesmo local, linguagem verbal, sonora e visual, ampliam-se as possibilidades de armazenamento da informação sem limites de tempo e espaço. No próximo capítulo busca-se analisar como acontece a leitura e a compreensão da notícia, a partir de teorias da neurociência, sociocognitivas e culturais.

3 LEITURA E CONHECIMENTO: ASPECTOS SOCIOCOGNITIVOS E CULTURAIS NA COMPREENSÃO DA NOTÍCIA

Enquanto toma seu café da manhã, o leitor folheia as páginas de um jornal. Ele lê as manchetes, passa para as seções de economia e política. Lê a notícia sobre o seu time de futebol na coluna esportiva. Na biblioteca de uma universidade, outro leitor debruça-se sobre um livro. Ele se envolve tanto com a história que esquece até mesmo do passar das horas. Perto da biblioteca, uma jovem leitora, no intervalo do seu trabalho, acessa a página da web do seu jornal preferido e lê as notícias de cultura e moda, enviando seus comentários sobre uma apresentação teatral pela própria página do jornal.

Todos esses leitores possuem algo em comum: estão interagindo com o texto e atribuindo significados a ele por meio da leitura. Uma vez que a leitura da palavra é antecedida pela leitura do mundo (FREIRE, 1989), através dela, podemos reafirmar nossa existência. Pois, ler é afirmar-se como cidadão integrante de um determinado contexto social e cultural. Durante a leitura, mostramos nossos conceitos e ideias, posicionamo-nos perante o mundo que, em pleno século XXI, apresenta um cenário renovado para a leitura e a interatividade.

Mas de que maneira selecionamos os temas de nossa leitura? Por que escolhemos determinados assuntos para ler? Os temas de leitura têm a mesma importância para todas as pessoas? Uma série de livros enfileirados e fechados em uma prateleira não tem razão de ser até que alguém os leia. Todas as histórias narradas somente terão vida a partir da leitura de um indivíduo. Assim, o ato de ler não representa a simples assimilação de informações, mas a construção do texto através da atribuição de sentido pelo leitor. Portanto, o texto é construído com a intervenção da leitura que, como já vimos, está pautada na experiência de vida e no contexto social do leitor. Assim, não há uma única possibilidade de atribuição de significados, cada leitor interpretará o texto de acordo com a sua maneira de ver o mundo.

Piaget (1973) e Vygotsky (1989) acreditam que todo processo de aprendizagem humana, dá-se através do desenvolvimento biológico e das interações com o meio social, onde as relações de troca, por meio de processos de mediação e interação, são responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento do indivíduo. É por meio das experiências que construímos nossa biblioteca de significados, utilizada durante a leitura. Portanto, todas as experiências do cotidiano são importantes para a formação de nossos modelos de mundo.

Ao interagir e transformar o ambiente, o homem transforma a si mesmo e reconstrói suas formas de pensar e ver o mundo: “é essa articulação entre o biológico e o cultural que vai fazer emergir uma episteme, uma forma de ver, pensar e explicar o mundo” (FIALHO, 2001, p. 15). Por meio da leitura apreendemos o mundo, reafirmamos nossas capacidades cognitivas e ampliamos nossos conhecimentos. A leitura corresponde à interpretação e à criação de novos significados, ativando em nossa mente os diversos conceitos adquiridos a partir das experiências.

Com a evolução das plataformas de leitura e apreensão de conhecimentos, surgidas ao longo dos tempos, as capacidades biológicas do homem evoluíram, possibilitando uma maior adaptação ao meio ambiente e ampliando as capacidades cognitivas. Os estudos da neurociência indicam que o cérebro humano, desde a formação do feto, desenvolve seus potenciais para ler. “A leitura, invenção cultural recente, pertence desde milênios ao envelope de possibilidades acessíveis aos circuitos cerebrais” (DEHAENE, 2012, p.23). E uma vez que as impressões da mente são influenciadas pelo ambiente externo, fatores biológicos e culturais não devem ser separados para pensar a leitura.

Para compreendermos a dinâmica da leitura enquanto conhecimento do mundo, passaremos a observar as características do funcionamento cognitivo do cérebro, bem como as influências do contexto social e cultural. Para isso, é preciso observar o indivíduo em sua totalidade, enquanto ser biológico, integrante de um contexto social e cultural, que desde a infância recebe estímulos externos que formam suas concepções de mundo. As experiências em família, na escola, na vida profissional, nos relacionamentos e circunstâncias a que somos expostos diariamente, vão formando nossas concepções. Essas concepções não são estáticas, mas remodeladas com as novas experiências, no movimento do indivíduo enquanto cidadão do mundo. Com sua capacidade de adaptação ao ambiente, o homem evoluiu e criou formas de se relacionar, transmitir e apropriar-se de novos saberes. Essas concepções, construídas ao longo da vida, são utilizadas para atribuir significados às palavras durante a leitura.

Depois de verificarmos, no capítulo anterior, os conceitos de leitura e as transformações nas maneiras de ler a partir das novas tecnologias, lançaremos olhar sobre o processo de leitura enquanto atividade biológica, sociocognitiva e cultural. A perspectiva adotada para a discussão da leitura evidencia que o texto não está fechado em um significado único, ele é variável em relação ao contexto, à época, e a

cada indivíduo que contribuirá com o seu conhecimento de mundo para a formulação da leitura. Isso significa dizer que um leitor de Machado de Assis, do início do século XX, por exemplo, não verá a obra do autor do mesmo modo que vê um leitor contemporâneo. Assim como dois leitores contemporâneos também não terão a mesma leitura de sua obra. A leitura pressupõe a relação de cada indivíduo com o mundo, por isso ela é particular e única.

Mas se o leitor tem participação tão fundamental para a significação do texto e se o conjunto de discursos aos quais ele tem acesso é determinante na sua interpretação, há um conhecimento e interesse prévio por determinados temas, o que certamente leva esse leitor optar por determinados assuntos de seu interesse. Nesse sentido, quais os desafios do jornalismo e do webjornalismo diante desses receptores? Como a leitura acontece no cérebro humano e de que maneira os fatores sociocognitivos e culturais influenciam na compreensão de um texto? Estas serão algumas das questões abordadas neste capítulo.

3.1 O OLHO QUE LÊ E O CÉREBRO QUE ATRIBUI SIGNIFICADO

Ao observar o funcionamento do cérebro durante a leitura, o neurocientista Dehaene (2012) desenvolveu sua Teoria da Leitura. Nesta teoria, além da influência dos fatores culturais, no qual o cérebro virgem vai sendo moldado pelos hábitos do ambiente, fatores genéticos determinam as possibilidades e os limites do cérebro humano para ler. Segundo Dehaene (2012), nascemos com capacidades para a leitura, e o cérebro humano possui uma plasticidade que é adaptada pela cultura.

Nosso cérebro se adapta ao ambiente cultural, não absorvendo cegamente tudo o que lhe é apresentado em circuitos virgens hipotéticos, mas convertendo a outro uso as predisposições cerebrais já presentes. Nosso cérebro não é uma *tabula rasa* onde se acumulam construções culturais: é um órgão fortemente estruturado que faz o novo com o velho (DEHAENE, 2012, p. 20, grifo do autor).

Neste sentido, um leitor não é uma máquina que apenas processa as informações trazidas pelo autor do texto. Ele seleciona, organiza e atribui significados aos conceitos, a partir dos modelos de mundo que

constrói ao longo das experiências. À medida em que novos conhecimentos são processados, readaptamos nossos circuitos cerebrais e, assim, os conhecimentos são armazenados. Esses conhecimentos são chamados por Dehaene (2012) de modelos de reciclagem neuronal e por Van Dijk (2012) de modelos mentais.

Os estudos da neurociência nos mostram o quanto é interessante o funcionamento do cérebro durante a leitura. E respondem a perguntas como: de que maneira o cérebro organiza as letras para formar as palavras? Como se dá o processo de significação para a compreensão de um texto? A leitura pode ser entendida como um complexo sistema que inicia em nosso olho, que lê por meio de movimentos rápidos e de forma descontínua.

De acordo com Dehaene (2012), a maior precisão e foco estão no centro do olho, sendo que perdemos a nitidez nas extremidades do objeto observado. É no centro da retina, mais precisamente em uma região chamada fóvea, que a visão é utilizada para reconhecer as letras e seus detalhes, distinguir as sílabas, ativando o sistema cerebral. Mas as palavras não são reconhecidas de forma completa, mas lidas pelo cérebro de maneira fragmentada, quando as letras são recompostas dentro das sílabas até formar as palavras novamente.

Outra questão constatada pelo mesmo autor é que a cada pausa que o olho faz somos capazes de identificar uma ou duas palavras. Quando essas palavras são identificadas, os neurônios da retina entram em ação para fragmentar as palavras que são reconstruídas e significadas pelo cérebro. Após a fragmentação e a nova formação das palavras, o cérebro atribui significados. Esse processo pode acontecer através de duas vias, a lexical e a via fonológica:

Entram enfim em cena duas grandes vias paralelas de tratamento: a via fonológica e a via lexical. A primeira permite converter a cadeia de letras em sons da língua (os fonemas). A outra permite acessar um dicionário mental onde está armazenado o significado das palavras (DEHAENE, 2012, p. 25).

Nos adultos, a leitura acontece de forma simultânea por meio dessas duas vias. No entanto, estudos recentes apontam que, além dessas duas vias citadas por Dehaene (2012) para a decodificação e significação das palavras, a arquitetura do córtex cerebral utiliza vias múltiplas e paralelas para decifrar as palavras.

Para compreender as palavras também criamos associações entre palavras parecidas. No caso de palavras desconhecidas, primeiro nosso cérebro decodifica os grafemas, tenta deduzir uma pronúncia, pela via fonológica, e depois busca seu significado. Já com as palavras conhecidas, a significação acontece de forma direta, pela via lexical, segundo o autor. Com esse processo responsável pelo reconhecimento das palavras conhecidas, nosso cérebro cria uma espécie de dicionário que armazena milhares de termos e seus significados e associações que são atribuídas às palavras no momento do reconhecimento durante a leitura, como observa o referido autor:

Mede-se melhor o extraordinário desempenho de nosso aparelho de leitura, que é capaz de acessar, em algumas dezenas de segundos, a partir de alguns traços sobre a retina, a palavra apropriada entre, no mínimo, 50.000 candidatas (DEHAENE, 2012, p. 57-58).

Guardamos em nosso cérebro milhares de palavras e representações de seus significados usados durante a leitura. Primeiro, reconhecemos as letras, formando as palavras. O cérebro apresenta a palavra que mais se encaixa ao estímulo dado pelos neurônios, escolhendo entre os milhões de termos, o que mais se enquadra ao significado que procuramos.

Nosso cérebro possui uma grande capacidade cognitiva. Até mesmo quando lemos uma palavra com alguma letra faltante, os estímulos neurais completam os espaços em branco. Para entender o significado da frase, nosso cérebro percebe as sílabas em seu contexto, o que auxilia na compreensão do sentido das sentenças. Sendo assim, não lemos letra após letra, mas atribuímos sentido e buscamos o contexto para cada termo. O contexto, portanto, será fundamental para entender as palavras e suas pronúncias (DEHAENE, 2012).

Conforme o mesmo autor, a região do cérebro que é ativada para reconhecer a escrita é a região occípito-temporal esquerda, que analisa e envia o resultado das palavras às áreas da linguagem verbal. Mas o cérebro humano, além da capacidade de ler e aprender pode ir além: criar. Com nossas capacidades cognitivas somos capazes de inovar e criar com autenticidade. A plasticidade do cérebro permite novas associações e modificações no “dicionário” de significados que armazenamos, o que possibilita a adaptação aos diversos ambientes e realidades. Um exemplo disso é a capacidade cognitiva de interagir

através da leitura na tela. As mídias digitais ampliam essa possibilidade em dimensões ainda maiores.

Como vimos no segundo capítulo, a escrita foi inventada pelos sumérios na Mesopotâmia há cerca de 3.500 a.C. Até chegar ao alfabeto que conhecemos hoje, o homem foi aprimorando suas técnicas e habilidades com a escrita e a leitura. Os próprios avanços tecnológicos, que permitiram a troca de conhecimentos e a interação entre indivíduos separados fisicamente, evidenciaram as capacidades do homem para aprimorar suas criações, como aconteceu com a leitura. O primata evoluiu com a invenção da escrita e passou a se comunicar a distância, através de uma rede de signos e símbolos convergentes, o que reafirma que as capacidades inventivas e de transformação do ser humano são infinitas. A leitura foi uma invenção cultural importante e as novas tecnologias permeiam o cenário moderno apontando as possibilidades de ampliação de conhecimentos e da comunicação.

Só nossa espécie, pelo viés de seu espaço de trabalho consciente, consegue reutilizar esses módulos cerebrais, conforme os encadeamentos novos e os algoritmos inovadores. Nosso córtex pré-frontal funciona como uma máquina Turing humana, por certo lenta e imperfeita, mas cujas invenções, acumuladas por transmissão cultural ao longo de milênios, ultrapassaram mil vezes as competências que nossa espécie havia herdado de sua evolução biológica. A leitura faz parte desta “nova herança” que nos compete hoje transmitir da melhor maneira às próximas gerações (DEHAENE, 2012, p. 341).

Muito embora a mente humana apresente uma estrutura neuronal semelhante para todos os indivíduos, as conexões sinópticas do cérebro são estabelecidas progressivamente, desde o feto até a vida adulta, a partir dos estímulos externos. Esses estímulos compreendem o que Van Dijk (2012) chama de contextos. Por meio de uma visão sociocognitiva, o autor explica como utilizamos e adaptamos nossos modelos de mundo durante a compreensão do texto. A leitura, portanto, além de ser observada a partir dos aspectos da neurociência, também resulta dos modelos construídos nas interações sociais, o que passaremos a discutir na sequência.

3.2 CONTEXTO CULTURAL E SOCIOCOGNITIVO NA COMPREENSÃO DO TEXTO

Enquanto pertencentes a um contexto social, os indivíduos partilham hábitos e costumes com os demais integrantes, modificando suas representações mentais e buscando novas formas de integração ao seu grupo e ao mundo. O próprio uso dos meios tecnológicos, cujos aparelhos são constantemente modernizados, caracteriza um conjunto de pessoas adaptadas para as novas formas de comunicação e interação.

Se nossas experiências são responsáveis pela construção de nossos modelos de mundo, assim como uma palavra não pode ser compreendida fora do contexto da frase, o ser humano somente pode ser entendido dentro do seu contexto social e individual. Mesmo que o cérebro humano tenha uma estrutura semelhante para todos os indivíduos, cada um vai formar seu universo de conceitos e visões do mundo a partir do cenário em que está inserido.

Assim como cada pessoa fala e escreve de uma maneira, a leitura também acontece de forma única para cada indivíduo. Portanto, os contextos são subjetivos e variam de pessoa para pessoa. A conduta humana é formada por estímulos externos que, desde a infância, vão formando nossas percepções, gostos, hábitos, conceitos e formas de ver o mundo. Observar o contexto do indivíduo é o que propõe Van Dijk (2012). Segundo este autor, com todas as nossas percepções formamos nossos contextos, que também condicionam a linguagem.

Van Dijk (2012) explica que o leitor é influenciado por seu contexto para interpretar um texto. Por exemplo, um discurso de um candidato à câmara de vereadores, falando sobre supostas melhorias que pretende implantar em determinada região, requer um conhecimento prévio sobre os problemas sociais enfrentados por aquela população. É preciso também ter conhecimentos políticos e econômicos para identificar determinados discursos feitos pelo candidato.

O autor ressalta que essa contextualização requer uma suposição ligada à pragmática, na qual: “compreender o discurso significa compreender texto/conversação-em-contexto” (2012, p. 18). Toda interação com o ambiente e toda percepção e interpretação que fazemos no cotidiano são influenciadas pelo que o autor define como modelos mentais das experiências culturais (VAN DIJK, 2012). Como as experiências são únicas e variam de pessoa para pessoa, podemos dizer que a linguagem utilizada, tanto para comunicar-se como para compreender um texto é diferente para cada indivíduo. Sendo assim, os contextos não se resumem ao texto. Eles vão além do que é apresentado

pela linguagem, pois são formados de informações prévias, tanto do leitor como do autor do texto, sobre os assuntos presentes em um discurso.

Voltando ao exemplo citado sobre a candidatura de um político que faz promessas eleitorais, para compreender as necessidades das supostas implantações que ele pretende realizar em determinada região, precisa-se ter conhecimentos prévios sobre os problemas e as necessidades dessa região. Sendo assim, um texto nada mais é do que um conjunto de pistas que o leitor vai percorrendo e complementando com seus modelos de mundo. Por exemplo, se um texto tiver a informação sobre o casamento de certa pessoa, teremos o conhecimento de seu estado civil. Portanto, o que um texto traz, de forma intrínseca e intertextual, é fundamental para sua compreensão:

Há dimensões sócio-cognitivas específicas de produção e interpretação textual, que se centralizam na inter-relação entre os recursos dos membros, que os participantes do discurso têm interiorizados e trazem consigo para o processamento textual, e o próprio texto. Este é considerado como um conjunto de traços do processo de produção, ou um conjunto de pistas para o processo de interpretação (FAIRCLOUGH, 1994, p. 109).

São essas pistas que o leitor vai seguir para compreender o significado do texto. Fairclough (1994) ainda analisa o discurso por meio de uma concepção tridimensional formada por três bases: a produção, a distribuição e o consumo, ou ainda, texto, prática discursiva e prática social. Nessas bases, a produção e o consumo são mediados pela natureza sociocognitiva que permeia o contexto social do indivíduo. Portanto, cada pessoa vai selecionar os temas que mais se aproximam do seu contexto. Essa seleção, segundo Van Dijk (2012), pode ser compreendida pela teoria da relevância⁹, uma vez que somente são observados e compreendidos os contextos relevantes para o leitor.

Em minha teoria do contexto, a noção de relevância é definida pela noção mesma do contexto, a saber, em termos do processo

⁹ A teoria da relevância foi proposta por Sperber & Wilson (1986) e tem por base o “princípio cognitivo da relevância” e o “princípio comunicativo da relevância”, segundo Van Dijk (2012).

cognitivo de construir um modelo de contexto com base nos dados procedentes de uma interpretação da situação guiada por um esquema adquirido e compartilhado socioculturalmente dos tipos de categoria que definem esses contextos e pelas experiências comunicativas passadas (modelos de contextos antigos) (VAN DIJK, 2012, p. 117-118).

Portanto, a relevância, além de estar centrada na importância que um fato assume para um contexto geral de uma situação, também determina a produção e compreensão dos discursos, pois à medida que esses são compreendidos, também o são os contextos sociais. O autor ressalta que a relevância pode estar relacionada à semântica ou à pragmática. A primeira diz respeito ao conhecimento necessário para que um discurso faça sentido. Já a relevância pragmática representa “as condições que influenciam sua adequação, a exemplo das condições de felicidade dos atos de fala” (VAN DIJK, 2012, p. 117).

Como a construção do conhecimento acontece no movimento do indivíduo em sociedade, os modelos mentais não são estáticos. À medida que vamos experimentando novas situações, agregamos novos conceitos e atualizamos os existentes. Sendo assim, os modelos mentais são constantemente adaptados, ajustando-se às situações sociais pelas quais o indivíduo passa em seu dia a dia. Da mesma forma também acontece com a leitura de um texto. A dinâmica da leitura acontece entre a dimensão mais global, que é a *base comum* de conhecimentos compartilhados entre os integrantes de um grupo social, e os conhecimentos individuais e únicos para cada ser humano. Para Clark (1996 *apud* VAN DIJK, 2012, p. 135), a *base comum* é definida como “soma dos acontecimentos e crenças que os participantes partilham”. Ao longo das experiências comuns, como as eleições, por exemplo, os indivíduos utilizam ideias comuns, como neste caso, a necessidade de ter no poder políticos capazes de trazer mudanças e melhorias para a sociedade.

A *base comum* também é usada no discurso quando se busca o entendimento do público para determinada situação social. Ao escrever uma notícia sobre guerra, o jornalista, por entender que os indivíduos têm conhecimentos comuns sobre o que representa uma guerra e de que todos conhecem aquela situação em específico, ele pode partir para dados mais específicos: “os participantes ou membros compartilham conhecimentos sobre algum fato, e isso de maneira reflexiva: eles têm

base para acreditar que os outros sabem dele também” (VAN DIJK, 2012, p. 136). A compreensão de um discurso acontece na relação que o receptor faz de um texto ou de uma fala com situações de referência e que irão trazer significados formando um contexto para aquela situação. Por isso, o que pode fazer sentido para quem escreve ou fala, pode não ser significativo para o receptor.

Uma vez que nossos modelos de mundo são subjetivos, a partir de um texto também são despertadas as emoções. Ler uma notícia de guerra, por exemplo, ou sobre desastres naturais que destruíram cidades deixando centenas de desabrigados, pode despertar um sentimento de tristeza. Assim como uma notícia sobre a vitória do Brasil na Copa do Mundo pode trazer alegria aos torcedores e leitores brasileiros: “tem a ver, portanto, com uma troca de experiências onde intervêm inúmeros fatores objetivos, mas, principalmente, aqueles fatores subjetivos e intersubjetivos (memória, emoções, sentimentos, paixões etc)” (MOTTA, 2004, p. 120).

Quando afirma que a linguagem, além de informar, possui a função de transmitir sentimentos e emoções, Motta (2004) ressalta a importância de fazer emergir as condições emocionais do receptor. Além da racionalidade, o ser humano é capaz de humanizar-se e faz isso por meio da afetividade e das emoções. Um discurso, que para Motta (2004) representa um “jogo de linguagem”, acontece na dinâmica entre as duas funções da linguagem - informativa e emotiva -, nas quais as intenções do autor somente se concretizam quando existe um pacto com o receptor que, ao aderir ao discurso, reconhece o objetivo do autor e, assim, compreende o texto.

Todo ato comunicativo é um processo dinâmico, um jogo dialético de cocriação de sentidos entre um sujeito emissor e um sujeito destinatário. Um princípio de contrários, um jogo entre efeitos pretendidos e resultados alcançados. Um jogo entre aquilo que o emissor diz explicitamente, ou as intencionalidades implícitas no seu ato de fala por um lado, e, por outro lado, as interpretações lineares ou criativas que o receptor destinatário leva a cabo no seu ato de leitura (MOTTA, 2004, p. 119).

Por meio desse jogo de linguagem entre emissor e receptor, de forma criativa e com a troca de saberes e emoções, nossos modelos mentais são remodelados. Van Dijk (2012) explica que os modelos são

armazenados na memória episódica, que faz parte da memória de longa duração. É a memória episódica que armazena os milhares de modelos mentais que são ativados a partir de situações sociais. Sendo assim, quanto mais relevância tiverem os modelos, mais facilmente serão acessados, ou seja, é o grau de importância de certa situação que fará com que um modelo seja mais ou menos detalhado.

Alguns modelos, por terem pouca importância e poucas relações de significados, não são tão facilmente resgatados da memória. Van Dijk (2012) explica que, em geral, com o passar do tempo, armazenamos apenas os fatos que realmente tiveram importância e foram marcantes entre nossas experiências. Da mesma forma, episódios mais detalhados, como um jantar durante a visita aos familiares nas férias do final do ano, serão mais difíceis de serem recordados do que o evento de maneira geral, nesse caso, as férias. Os modelos mais gerais são mais fáceis de serem recordados do que os modelos mais específicos e com mais detalhes.

Os conhecimentos gerais funcionam como uma espécie de base estrutural para os conhecimentos pessoais. Na leitura de uma notícia sobre a candidatura de um político, os conhecimentos gerais nos darão a base das informações indicando o partido ao qual pertence, a proximidade das eleições, as responsabilidades do cidadão ao escolher um candidato, entre outras indicações mais específicas. Esses saberes gerais são fundamentais para a compreensão de uma história, pois poderão situar o leitor no contexto do acontecimento. Podemos dizer ainda que a construção do conhecimento se dá por meio da generalização dos fatos a partir dos modelos construídos em nossas experiências. Como passamos por inúmeras experiências todos os dias, nossos modelos sobre os temas vividos são reconstruídos:

[...] se as pessoas representam as experiências e os eventos ou situações do dia a dia em modelos mentais subjetivos, esses modelos mentais formam ao mesmo tempo a base da construção das representações semânticas dos discursos sobre esses eventos, como é típico das histórias ou dos relatos de notícias do cotidiano (VAN DIJK, 2012, p. 91).

Nesse sentido, apesar de sua condição material e objetiva, os textos assumem um caráter de incompletude, uma vez que são indicações para que o indivíduo acesse seus conhecimentos para

interpretá-los. Os conhecimentos compartilhados não precisam estar especificados no texto. Eles se apresentam implícitos e sugerem ao indivíduo que busque seus modelos mentais para interpretar e construir novos conhecimentos.

Se o ser humano é formado por dimensões biológicas, sociocognitivas e culturais, além dos neurônios da leitura, dos contextos e modelos mentais, as *matrizes culturais* também compõem o sistema que compreende o homem enquanto ser capaz de atribuir significados e participar ativamente do texto. Portanto, para avançar no estudo da compreensão da notícia, passaremos a abordar a comunicação a partir da cultura, na perspectiva da teoria das mediações, de Martín-Barbero (2004).

3.2.1 Mediações culturais e recepção da notícia

O homem sempre fará parte de um contexto cultural, partilhando hábitos e costumes com os demais integrantes. Toda apropriação cultural faz com que ele se identifique e se sinta integrante de um grupo, constituindo sua identidade e maneiras de ver o mundo. A linguagem é uma construção cultural. O uso de gírias, por exemplo, identifica as características de determinado grupo, que cria formas próprias de se comunicar e se desenvolve como tal. Os avanços no campo da comunicação podem ser considerados avanços culturais, pois as novas tecnologias e a cultura da convergência, que trataremos com maior profundidade no quarto capítulo, alteram as formas de relacionamento dos indivíduos e transformam a cultura.

É por meio do contexto cultural que Martín-Barbero (2009) propõe pensar a comunicação. Para tanto, ele deixa de observar os meios, a fim de refletir sobre as mediações. Para o autor, a relação entre emissor e receptor não é unilateral. O leitor não apenas recebe as mensagens, mas é visto como sujeito ativo no processo de comunicação, no qual atribui significados, durante a interpretação, por meio de sua própria linguagem. Além dos fatores biológicos que delimitam, de certa forma, as possibilidades da leitura, as questões sociocognitivas, em que o indivíduo utiliza de seus modelos subjetivos do mundo, o meio cultural e as experiências irão compor o repertório de significados do sujeito enquanto integrante de determinado ambiente sociocultural.

Nesses termos, toda comunicação acontece em um espaço simbólico, cujas raízes estão nas experiências do emissor e do receptor da mensagem. Entretanto, a interpretação do texto, como vimos através dos estudos sociocognitivos, não é única, pois cada indivíduo vai

interpretar as situações a partir de seu contexto. Por isso, o foco é transferido da mensagem para a interpretação de seus modos de internalização e ressignificação pelo receptor.

Como a relação entre emissor e receptor se estabelece em um espaço representativo, vai dos meios às mediações, ou seja, às matrizes culturais (MARTÍN-BARBERO, 2009). Deste modo, os processos de comunicação passam pelas lentes socioculturais, as matrizes ou origens cristalizadas pelas experiências individuais que são reativadas nas relações sociais e influenciam o modo com o qual o indivíduo percebe o mundo ao seu redor. O referido autor indica que entre as partes envolvidas no processo comunicativo existe um entrelaçamento e uma relação subjetiva, o que possibilita as trocas simbólicas.

No entanto, no mundo moderno, as tecnologias transformaram a cultura, desconstruindo os modelos de comunicação conhecidos até então. A cultura de massa, arraigada em padrões cultivados durante muitas décadas, é substituída pela cultura das redes e das velocidades. Martín-Barbero (2004, p. 209) indica que tais mudanças “trazem à superfície estratos profundos da memória coletiva ao mesmo tempo em que movimentam imaginários que fragmentam e des-historicizam”.

Como vimos no capítulo anterior, a leitura na tela se dá a partir de linguagens híbridas e fragmentadas, em especial pela hipermídia e multimidialidade. Martín-Barbero (2004) acredita que estejamos vivendo uma hibridização também das identidades, característica que se estende aos modos de pensar e, nas palavras do autor, a “novas formas de sensibilidade”. Com a complexidade do mundo contemporâneo, no qual a tela é um veículo que atravessa as fronteiras do tempo e do espaço, a comunicação atravessa e desloca a cultura.

Para compreender a comunicação pelas instâncias culturais e políticas, Martín-Barbero (2009) propõe um mapa, apresentado a seguir, que aponta dois eixos de análise. Um diacrônico ou histórico, que compreende a tensão existente entre as matrizes culturais e os formatos industriais; e outro sincrônico, constituído entre as lógicas de produção e a relação que estabelecem com as competências de recepção e consumo. Entre as matrizes culturais e as lógicas de produção estão as questões que se referem à institucionalidade. Intercedendo as matrizes culturais e as competências de recepção, encontramos a sociabilidade. Já entre as lógicas de produção e os formatos industriais, as tecnicidades e, por fim, as ritualidades entre os formatos industriais e as competências de recepção.

Figura 1 – Mapa das mediações culturais



Fonte: Martín-Barbero (2009, p. 16)

No que se refere à ritualidade, que se localiza no mapa barberiano entre os formatos industriais e as competências de recepção, Martín-Barbero (2009) propõe uma análise dos ritos, da interação, da repetição e da memória dos receptores ao utilizarem o meio. Como estamos tratando de novas técnicas que influenciam os modos de ler e que representam muito mais do que meros aparatos tecnológicos, as tecnicidades no mapa barberiano serão úteis para pensar as práticas de leitura e os modos de comunicação na atualidade.

Ao referir-se às tecnicidades, o autor observa todas as instâncias que permeiam o consumo e as influências na apropriação dos conteúdos. No cenário moderno, os novos tipos de tecnicidades indicam a globalização, mas ao mesmo tempo, uma fragmentação e renovadas formas de acesso ao saber. Portanto, o que Martín-Barbero (2009) propõe é um repensar dos processos comunicativos a partir das novas técnicas, mas que não se descarte a relação dessas com o contexto sociocultural, pelos quais passam os aspectos subjetivos do receptor. A contribuição de Martín-Barbero (2004) para pensar a leitura na modernidade está no fato de que o autor analisa as novas tecnicidades de forma integrada, sem separá-la das instâncias socioculturais que envolvem o contexto do leitor.

Entre as matrizes culturais e as competências de recepção, o autor descreve a socialidade que nasce das relações cotidianas entre os indivíduos, nas quais são constituídas as identidades. “Isso é o que

constitui o sentido da comunicação como questão de *finis* e não só de *meios*, enquanto mundo da vida que se insere, e desde onde opera, a práxis comunicativa” (2004, p. 231, grifo do autor). Na perspectiva da socialidade, segundo o referido autor, a comunicação é responsável pela constituição de sentido e construção da sociedade. Se na socialidade a comunicação institui-se como fim, na institucionalidade, passa a servir a interesses privados, deixando de ser fim para tornar-se meio.

A institucionalidade é uma mediação espessa de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado, e continua a afetar, especialmente a regulação dos discursos que, de parte dos cidadãos – maiorias e minorias –, procuram defender seus direitos e se fazer reconhecer, isto é, reconstruir permanentemente o social (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 234).

A contribuição dos estudos de recepção para pensar a comunicação, cujo foco está na relação dos meios com a audiência, teve maior destaque na década de 80, no Brasil. Tais estudos passam a ser observados com outros olhos a partir das mudanças trazidas pelos meios tecnológicos. Entre os anos de 1950 e 1960, com a afirmação do rádio como meio de comunicação de massa e o surgimento da televisão durante a década de 70, foram criados os primeiros cursos de pós-graduação no país, incrementando as pesquisas científicas na área da recepção. Foi a partir dos anos 80 que as pesquisas de recepção cresceram e passaram a se aproximar dos estudos culturais. A partir de então, desenvolveram-se estudos mais teóricos associados a questões ideológicas no campo da comunicação. Na década de 90, nas pesquisas brasileiras, também são introduzidos os conceitos latino-americanos da área e dos estudos culturais ingleses.

Orozco Gómez (1996), um dos primeiros estudiosos da recepção, dedicou-se à análise das audiências do meio televisivo. O autor aborda a relação que o meio estabelece com o conteúdo. Para ele, cada meio e, sobretudo, cada gênero programático, tem uma tenacidade específica, que serve de mediação para o sujeito quando este organiza sua percepção ao combinar significados com os conteúdos. Portanto, a recepção é uma atividade produtiva de apropriação de conhecimento, um local de produção de sentido (MARTÍN-BARBERO, 2009), em que o receptor:

[...] ocupa um espaço contraditório, o da negociação, o da busca de significações, e de produções incessantes de sentido na vida cotidiana. O receptor deixa de ser visto, mesmo empiricamente, como consumidor necessário de supérfluos culturais ou produto massificado apenas porque consome, mas resgata-se nele um espaço de produção cultural; é um receptor em situações e condições, e por isso mesmo cada vez mais a comunicação busca na cultura as formas de compreendê-lo, empírica e teoricamente (SOUZA, 1995, p. 26-27).

Sendo assim, é na interpretação de um texto que o leitor retoma suas matrizes culturais e produz novos significados. Ao investigar o uso social dos meios, Martín-Barbero (2004), observa as competências culturais, o gênero, a idade, os costumes e condições sociais. O autor propõe um outro modo de ler e reafirma a posição ativa e fundamental que o leitor assume ao participar do texto por meio de sua interpretação:

Nessas oportunidades, o que é lido funciona não como ponto de chegada e de fecho do sentido mas, pelo contrário, como ponto de partida, de reconhecimento e colocação em marcha da memória coletiva que acaba escrevendo o texto, reinventando-o ao utilizá-lo para falar e festejar outras coisas diferentes daquelas de que falava, ou das mesmas porém em sentidos profundamente diferentes (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 164).

Tanto na teoria dos modelos mentais, como na teoria das mediações, os novos modos de apropriação e ressignificação do conhecimento trazidos pelo jornalismo instigam a observarmos o leitor para além do uso das tecnologias da comunicação. É certo que o veloz desenvolvimento das técnicas instaurou novas práticas de leitura que foram somando-se às já existentes. Contudo, o elo de ligação que compõe a complexidade da comunicação no mundo atual está nos entornos socioculturais, uma vez que técnica e cultura influenciam-se e reconfiguram-se mutuamente.

3.3 COMPREENSÃO DA NOTÍCIA

O processo comunicativo representa a interação entre emissor e receptor em um contexto sociocultural no qual o indivíduo é compreendido a partir de fatores biológicos e cognitivos. Existe sempre um sistema de troca em que o sujeito falante expõe o que pretende dizer, suas intenções, e, por outro lado, o ouvinte as interpreta, acionando sua capacidade criativa. A partir de seus modelos mentais, reconstrói a informação recebida, atribuindo novos significados. Como já foi dito, a prática discursiva compreende um complexo formado pela produção, distribuição e consumo do texto, levando-se em consideração o contexto social, econômico e político onde acontecem os fatos (Fairclough, 1994).

No jornalismo, as informações são selecionadas pelo repórter a partir dos seus conhecimentos de mundo, e transmitidas ao leitor através das notícias. Mas enquanto o jornalismo apresenta a realidade também a transforma. No momento em que a notícia é compreendida, temos uma mudança de paradigmas, de pensamentos e opiniões. Fairclough (1994) vê o texto jornalístico como um conjunto de pistas para a interpretação, o que acontece de forma inconsciente e automática. O receptor não apenas recebe a informação como um arquivo que é salvo em um computador e permanece intacto. Sua compreensão implica na atribuição de sentido.

Se o texto jornalístico apresenta lacunas de significação que somente serão preenchidas pela identificação do leitor, as informações que este dispõe farão com que ele acesse em seu banco de dados mentais, os conhecimentos prévios sobre determinado assunto. Dessa maneira, a eficiência da interpretação dependerá da quantidade e qualidade das informações que dispõe o leitor sobre o assunto tratado. Como vimos, Van Dijk (2005) conceitua essa rede de informações, tanto do enunciador como do enunciatário, como os conhecimentos pessoais, interpessoais, sociais e culturais que compõem os modelos mentais, que são readaptados com o passar das experiências.

Sendo assim, tanto o enunciador quanto o receptor usam seus conhecimentos de mundo para produzir e compreender uma notícia. Na produção, o jornalista utiliza conhecimentos gerais e específicos sobre os fatos, escolhendo de que maneira organizar o texto e quais conteúdos incluir. Como já observado, a *base comum* representa os conhecimentos compartilhados por um grupo de pessoas. Mas como o jornalista vai saber o que de fato o público conhece? Como vai eleger o que será manchete e o que irá compor o *lead* da notícia?

Para propor uma estratégia para o evento informativo das notícias, Van Dijk (2012) ressalta alguns tópicos que devem ser observados pelo repórter. Entre eles, destacamos o fato de levar em consideração as notícias anteriores como sendo de conhecimento do público. Após, o autor sugere que os leitores sejam observados como detentores dos mesmos conhecimentos de mundo do jornalista. Nesse sentido, tendo a *base comum* de conhecimentos gerais, o repórter pode partir para os conhecimentos específicos. O texto jornalístico, portanto, deve trazer informações adicionais às notícias já veiculadas. Por isso a importância dos veículos jornalísticos mostrarem fatos atuais que serão complementados com as informações que o leitor já tem sobre o tema.

Ao analisar a compreensão da notícia, Van Dijk (1990), acredita que o processamento da informação não é um processo puramente cognitivo, mas também compreende um acontecimento social. As notícias são compreendidas dentro de um contexto e, segundo o autor, não são lidas unicamente para atualizar os modelos de mundo dos leitores, mas porque esses modelos são importantes para sua posterior atuação social.

A compreensão das notícias, segundo o autor, acontece dentro de algumas etapas: percepção e atenção; leitura; decodificação e interpretação; representação na memória episódica; formação, usos e atualização de modelos situacionais; usos e mudanças do conhecimento social geral e das crenças (estruturas, argumentos, atitudes, ideologias). A atenção, segundo o pesquisador, está relacionada às intenções e aos interesses do leitor para ler sobre determinado assunto. A atenção influencia na compreensão do texto, sendo que para compreender um texto jornalístico, é necessária uma atenção quase exclusiva. No que se refere à percepção, o autor explica que “os processos de percepção do texto jornalístico implicam a identificação dos formatos do periódico e a distribuição do item informativo, e estão relacionados com a informação visual associada com nosso conhecimento geral dos artigos jornalísticos na imprensa” (VAN DIJK, 1990, p.202)¹⁰.

O segundo momento do processo é a leitura que, conforme o autor, inclui os movimentos anteriores de percepção e atenção, e representa “um ato voluntário específico de decodificar e interpretar um texto dado (VAN DIJK, 1990, p. 203). O leitor é quem vai determinar quando inicia ou finaliza a leitura de um jornal, sendo que o primeiro passo seria a leitura dos títulos. Segundo o referido autor, é pela leitura

¹⁰ Estamos utilizando a versão espanhola do livro de Van Dijk, *News as Discourse*, e as traduções das citações utilizadas desse volume foram feitas por nós.

dos títulos que o leitor decide se continua ou não a leitura de uma reportagem. Essa decisão é influenciada pelos modelos prévios sobre o assunto, além do seu interesse sobre determinado tema. Como pode decidir interromper sua leitura também no meio da reportagem, o pesquisador acredita que o jornal utiliza estratégias para manter a atenção do leitor, com a indicação das principais informações no início da notícia.

Depois do processo de leitura acontece a decodificação e interpretação, que engloba as etapas anteriores. A compreensão inicia nos títulos, seguindo para o desenvolvimento do texto. “Este processo pressupõe a ativação de conceitos relevantes, estruturas de conhecimentos ou argumentos, assim como de modelos prévios acerca do mesmo acontecimento, pessoa, instituição ou país” (VAN DIJK, 1990, p. 204-205). Na compreensão, ao mesmo tempo em que são ativados conhecimentos sobre o tema, formam-se novas opiniões. Depois de assimilar os títulos, o leitor decide entre continuar ou não lendo a notícia e interpretar o restante do texto.

Após interpretar os textos, as informações são armazenadas na memória episódica, que vai armazená-las e arquivá-las na memória de longo prazo. Essa representação dos fatos interpretados na memória vai permitir que novas informações sejam relacionadas com as antigas. O pesquisador explica que tal representação é hierárquica, iniciando pelas temáticas gerais seguida pelos detalhes.

A formação, usos e atualização de modelos situacionais representa o próximo passo do processo de compreensão da notícia. Como observa o autor, esses modelos são compostos pelas experiências acumuladas, utilizadas na leitura de notícias, uma vez que “para o discurso jornalístico, a compreensão frequentemente implica na recuperação e na atualização de modelos existentes” (VAN DIJK, 1990, p.209). Na etapa final, estão os usos e mudanças do conhecimento social geral e das crenças (estruturas, argumentos, atitudes, ideologias). “Uma informação nova pode provocar nos leitores certas revoluções, em primeiro lugar das opiniões particulares, logo de opiniões mais gerais [...] e finalmente incluindo as atitudes gerais” (VAN DIJK, 1990, p. 210). No entanto, o autor deixa claro que não existem regras fixas para os processos cognitivos da compreensão de um texto.

Para reter as informações na memória, uma das questões abordadas por Van Dijk (1990) é a proximidade dos fatos noticiados com a vida do leitor e as possibilidades desse utilizar as informações em seu cotidiano. Assim como o referido autor, Dittrich (2003, p. 58) acredita que a efetividade da comunicação e da compreensão de um

texto está centrada na referencialidade. O receptor terá interesse pela leitura se encontrar alguma proximidade com seu contexto. Assim, uma notícia sobre a crise financeira mundial somente poderá ser compreendida se o leitor tiver conhecimentos sobre a situação econômica dos países, por exemplo. Portanto, conhecer o contexto do receptor é fator determinante para despertar o interesse do público. Se para fazer sentido as notícias precisam ser complementadas pela interpretação do leitor, esses sistemas informacionais são conjuntos simbólicos capazes de despertar, de forma inconsciente, redes de informações armazenadas pelo leitor.

Nestes aspectos, toda informação nova é processada de forma cognitiva, e associada à informação já existente, reestruturando a rede de dados que compõem os modelos mentais. “A notícia é uma complexa interação entre conhecimento conhecido e desconhecido” (VAN DIJK, 2005, p. 16). Portanto, o conhecimento é acionado no processo de interpretação do discurso, assim como o discurso é construído levando em conta os conhecimentos de seu produtor. Podemos considerar esses dois aspectos como construções paralelas que agem de maneira inter-relacionada e interdependente.

Porém, como já abordado, as estruturas não são estáticas, mas reconfiguram-se e complementam-se ao longo das experiências. Parte-se de um foco central, universal, com conhecimentos comuns e estruturas básicas como a linguagem e costumes para o convívio em sociedade, mas as ramificações desta estrutura são constituídas individualmente, com conhecimentos específicos e individuais. Uma vez que a notícia expressa opiniões e intenções em um texto (MOTTA, 2004), também atua como meio formador de opiniões. A intenção do produtor da notícia, em sua função ideativa, busca atingir o emocional do leitor, suas mais internas crenças e valores. Motta (2004) explica que a essa função compreende nossas representações sobre os fatos do mundo. Neste contexto, podemos verificar que cada veículo de comunicação, a partir do seu estilo de linguagem, de sua forma de transmitir a informação, atinge públicos específicos.

Por esse motivo, Van Dijk (2005) chama a atenção para a observação do contexto social em que o leitor se insere para, a partir disso, construir o texto. Segundo o pesquisador, a proximidade do meio de interesses do receptor vai aumentar as chances de o leitor dar continuidade à leitura, pois, como ressalta Fairclough (1994, p. 113), “um texto só faz sentido para alguém que nele vê sentido”. Portanto, a natureza do discurso determinará o resultado da leitura. Vemos, assim, que o sentido da interpretação está centrado na produção, nos modos de

escrita, na disposição das palavras, frases e organização das estruturas que compõem o texto.

Um texto coerente é um texto cujas partes constituintes (episódios, frases) são relacionadas com um sentido, de forma que o texto como um todo faça sentido [...]. Os textos estabelecem posições para os sujeitos intérpretes que são capazes de compreendê-los e capazes de fazer as conexões e as inferências, de acordo com os princípios interpretativos relevantes, necessários para gerar leituras coerentes (FAIRCLOUGH, 1994, p. 113).

Partindo desse princípio, vemos que o enunciador precisa saber o que o enunciatário pensa sobre o mundo, ou seja, precisa conhecer seu contexto social e sua bagagem cultural. E será este auditório que irá determinar as escolhas da linguagem. Para isso, o emissor deve conhecer o contexto em que se insere seu destinatário e perceber que o texto somente será lido se fizer algum sentido, ou seja, se tiver proximidade com o contexto social do leitor.

A compreensão da notícia, portanto, acontece por meio dos conhecimentos prévios do leitor, ativados com as informações do texto. Como ressalta Van Dijk (1990), através das notícias o leitor pode participar dos acontecimentos públicos e, assim, interagir com os demais integrantes de determinado grupo. A partir dessa discussão, passaremos a observar o conhecimento que o jornalismo é capaz de produzir, tendo por base a singularidade com que representa a realidade cotidiana para os leitores (GENRO FILHO, 1987).

3.4 O CONHECIMENTO DO MUNDO POR MEIO DA NOTÍCIA

Atualizadas a todo o momento nos meios digitais, transmitidas pelas ondas do rádio e pelas imagens da televisão e estampadas nas páginas dos jornais, as notícias têm a função de mostrar aos cidadãos fragmentos da realidade e de interligar a sociedade em função de acontecimentos comuns. Entretanto, como vimos, a leitura do texto é feita a partir da leitura que fazemos do mundo (FREIRE, 1989), o que significa dizer que a leitura da realidade é construída a partir dos conhecimentos que temos em nossos modelos de mundo, ativados por meio dos fatos selecionados pelo jornalista ao produzir uma notícia.

A partir da análise sociocognitiva, percebemos que a compreensão do texto se dá pelos modelos de acontecimentos, que podem ser mais gerais ou mais específicos, e são influenciados pela relevância que tiverem no contexto (VAN DIJK, 2012). A notícia, portanto, compreende um conjunto de pistas que o leitor vai “completar”, com o seu conhecimento de mundo, as informações que não estão presentes no texto. Para isso, a *base comum* de conhecimentos compartilhados por um mesmo grupo pode auxiliar tanto na construção, quanto na compreensão de um discurso.

Esse conhecimento cultural compartilhado é base de toda a cognição social. Qualquer conhecimento de grupo ou pessoal em última instância tem raízes nesse conhecimento comum, mesmo o conhecimento do perito altamente especializado (VAN DIJK, 2005, p. 21).

Como as notícias se utilizam dos conhecimentos gerais para então chegar aos específicos, o leitor interpreta o sistema simbólico presente na notícia e o recria através de suas experiências pessoais. Com o conhecimento que o jornalismo é capaz de produzir, Genro Filho (1987) ressalta que a notícia é uma forma de compreensão do real, já que os fatos são analisados subjetivamente e reconstruídos no âmbito do fenomênico, representando uma atividade em busca da liberdade humana. Para definir o conhecimento social produzido pelo jornalismo, o autor utiliza as categorias hegelianas do *universal*, *particular* e *singular*:

O singular, então, é a forma do jornalismo, a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados. O particular e o universal são *negados* em sua preponderância ou autonomia e mantidos como horizonte do conteúdo (GENRO FILHO, 1987, p. 163).

Mesmo que o singular seja a essência do jornalismo, o conteúdo das informações estará ligado à universalidade e às particularidades, que são delimitadas pela subjetividade do jornalista. Na estrutura da matéria jornalística, Genro Filho (1987) propõe que se inicie pelo singular em direção ao particular. Mas isso não representa mostrar os fatos mais importantes primeiro, mas partir de uma “singularidade decrescente, tal

como acontece com a percepção individual” (GENRO FILHO, 1987, p. 105).

No contexto histórico, a evolução da atividade jornalística foi marcada por revoluções e lutas sociais, cujas transformações acompanharam a evolução da civilização. Segundo Traquina (2005) a evolução do jornalismo aconteceu em dois processos: da comercialização e da profissionalização dos trabalhadores. Com a explosão dos meios e a comercialização, a informação passa a ser uma valiosa “mercadoria”, assumindo caráter comercial. Identifica-se, assim, uma dualidade. Um polo econômico, no qual a notícia é objeto de interesse, e outro ideológico e intelectual, cuja função estaria ligada a um bem maior, de âmbito social, universal. Ao traçar um panorama histórico do desenvolvimento do jornalismo na democracia, Traquina (2005) aponta para três vertentes:

1) A sua expansão, que começou no século XIX com a expansão da imprensa, e explodiu no século XX com a expansão de novos meios de comunicação social, como o rádio e a televisão, e abre novas fronteiras com o jornalismo *online*; 2) a sua comercialização, que teve verdadeiramente início no século XIX com a emergência de uma nova mercadoria, a informação ou melhor dito, a notícia; 3) concomitantemente, o polo econômico do campo jornalístico está em face da emergência do polo intelectual com a profissionalização dos jornalistas e uma consequente definição das notícias em função de valores e normas que apontam para o papel social da informação numa democracia (TRAQUINA, 2005, p. 33).

Segundo o mesmo autor, alguns critérios identificam o processo de “modernização” do jornalismo, como a veiculação de fatos no lugar de opiniões, a introdução da figura do repórter e das técnicas de redação na produção das notícias. Assim, no século XIX, os textos tornavam-se mais objetivos, e o jornal deixava claro o que eram opiniões e o que eram fatos. “A nova ideologia pregava que os jornais deveriam servir os leitores e não os políticos, pregava que traziam informação útil e interessante aos cidadãos, em vez de argumentos tendenciosos em nome de interesses partidários, pregava fatos e não opiniões” (TRAQUINA, 2005, p.50). Tais transformações, aliadas ao avanço das tecnologias, marcam a evolução do jornalismo que, mais do que uma técnica,

afigura-se como forma de conhecimento social que, apesar de condicionado pelos interesses do mercado, atua em busca da democracia.

O jornalismo moderno possui não só um potencial crítico e revolucionário na luta contra o imperialismo e o capitalismo, mas um “potencial desalienador” insubstituível para a construção de uma sociedade sem classes. Ele permite, pela natureza mesma do conhecimento que produz, uma imprescindível participação subjetiva no processo de significação do real (GENRO FILHO, 1987, p. 96).

Genro Filho (1987, p. 27) sugere que quando o conhecimento representa uma “dimensão simbólica do processo global de apropriação coletiva da realidade, poderemos conceber o jornalismo como uma das modalidades partícipes deste processo”. Neste sentido, o jornalismo vai perceber o contexto social e aproximar o público de experiências para reconstruir uma realidade na qual está inserido. Apesar da objetividade dos fatos, as notícias assumem um caráter subjetivo e imaterial, matéria-prima do conhecimento. É por meio das notícias que os cidadãos têm a possibilidade de, além de orientarem-se sobre os acontecimentos sociais, participarem das ações do cotidiano.

O jornalista e sociólogo norte-americano Robert Park (1969), pioneiro nas pesquisas em jornalismo, acredita que o conhecimento produzido por essa área corresponde às mesmas funções da percepção para o indivíduo. Park (1969) distingue o conhecimento como “familiarizado com” ou “adquirido” e “sobre ou acerca de”. O primeiro deles refere-se àquele dos encontros entre as pessoas ao longo da vida, como forma de “adaptação ao entorno social, representando uma acumulação e se apresentando como uma mistura de experiências” (PARK, 1969, p. 84). O conhecimento “familiarizado com” diz respeito a:

Um amplo e íntimo conhecimento adquirido dos homens e das coisas são essenciais para a grande maioria dos nossos juízos, tanto em matérias práticas como também em aquelas instituições em que os especialistas dependem em circunstâncias difíceis e em aqueles conhecimentos repentinos, que, na evolução da ciência, estão frequentemente

na antessala de importantes descobrimentos (PARK, 1969, p. 36).

Assim, na vida diária, as opiniões que criamos nada mais são do que projeções do próprio conhecimento adquirido. Como esse tipo de saber é unicamente pessoal e individual, Park (1969) o denomina “traços da personalidade”. Essa estrutura passa por modificações ao longo da vida e do contexto social. Já o conhecimento “acerca de”, em contraponto ao “adquirido” por experiências, resulta da observação racional dos fatos, sendo mais formal, pois estaria ligado às ideias e não à realidade, às palavras e não às coisas em si. Park (1969) ainda sustenta que o conhecimento que se tem de si mesmo, de forma intuitiva, será o mesmo atribuído aos outros e às coisas do mundo.

Sob essa ótica, o indivíduo, integrante de um contexto social em constante interação, é capaz de recriar seus modelos de mundo. Temos na interação entre indivíduos, entre indivíduos e máquinas, no caso do computador, as maiores formas de conhecimento. Para Vigotski (1989), tudo o que é de fato humano, como pensamentos, sentimentos em relação ao mundo, ao outro e a si mesmo é constituído no meio social. Participante desse processo, o jornalismo, tem papel fundamental na formação de opiniões e na construção de conhecimento. Veiculadas quase que instantaneamente pelos meios de comunicação, as notícias trazem consigo o ineditismo, a proximidade e a relevância, fatores fundamentais para atingir o interesse do público.

Enquanto maneira singular de representar a realidade na qual as informações são apresentadas em forma de signos que irão nortear o leitor em sua compreensão, as notícias trazem consigo a necessidade da reflexão. Neste processo, o resultado, segundo Park (1972, p. 180) está em uma “significação nova e ideal”, em que toda informação recebida não é simplesmente transferida, mas sim reconstruída, reinterpretada, recriada.

Nessa etapa de estudo nosso objetivo foi refletir sobre as formas de ler o mundo e compreender as notícias por meio dos modelos subjetivos. Assim, talvez possamos pensar o jornalismo como processo que, além da objetividade, concentra fatores subjetivos que compreendem a dimensão humana, tanto no âmbito da produção quanto da recepção.

Após verificarmos, no segundo capítulo, a evolução da linguagem e da leitura na cultura humana e a reconfiguração dos seus modos de comunicar, produzir, armazenar e difundir o conhecimento por meio das tecnologias, neste capítulo nos voltamos para o processo de leitura como

atividade biológica, cultural e sociocognitiva. Os leitores interagem com o texto e atribuem significados através da sua própria leitura de mundo (FREIRE, 1989), que está associada ao contexto social e cultural de cada indivíduo. O leitor, a partir desse ponto de vista, está longe de ser considerado um assimilador de informações. Ao contrário, ele é visto como um construtor de sentido, o que resulta em uma leitura particular e de acordo com a sua maneira própria de ver o mundo.

A construção do conhecimento acontece através do desenvolvimento biológico e das interações com o meio social, em que as relações de troca, através de processos de mediação e interação, são responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento do indivíduo (PIAGET, 1973; VIGOTSKY, 1989). Assim, as experiências do cotidiano tornam-se importantes para a formação dos modelos de mundo (VAN DIJK, 2012) de cada sujeito. Para Martín-Barbero (2009) é através do contexto cultural que acontece a comunicação. Para o autor, a relação entre emissor e receptor não é unilateral. O leitor não é apenas um receptor, mas contribui ativamente para o processo de significação das mensagens.

Os fatores sociocognitivos, em que o indivíduo utiliza seus modelos subjetivos do mundo, o meio cultural e as experiências pessoais irão compor o repertório de significados do sujeito enquanto integrante de determinado ambiente social. Assim, quando o jornalismo apresenta lacunas de significação, o leitor poderá preenchê-las com as informações de que dispõe em seu banco de dados mental e com o conhecimento prévio que tem sobre determinado assunto (MOTTA, 2004). Por isso, a eficiência de cada interpretação está associada à quantidade e à qualidade das informações do leitor.

Van Dijk (2005) denomina essa rede de informações, tanto do enunciador como do enunciatário, como conhecimentos pessoais, interpessoais, sociais e culturais que constituem modelos mentais, que não são estanques, ampliam-se com a experiência de cada indivíduo. A partir de agora, passaremos a refletir sobre as particularidades da leitura da notícia na tela, que passa a ser mediada pelas interfaces. Nesse momento, estamos diante de renovadas práticas de leitura, que interferem tanto nos hábitos culturais quando na própria cognição humana. Os meios digitais, com suas características próprias, requerem de seus usuários arranjos perceptivos e habilidades específicas para interagir com os códigos e linguagens que se apresentam na rede.

4 A LEITURA NA TELA: RECONFIGURAÇÕES E USO DOS MEIOS

Com os meios eletrônicos, como o rádio, a televisão e o cinema, os modos de produção e consumo de notícias passaram por mudanças. Além de terem introduzido a comunicação em tempo real, no caso dos dois primeiros, trouxeram o som e imagem em movimento. Num processo constante de arranjos e reconfigurações, os meios afetam seus produtos, assim como se influenciam mutuamente, como observou McLuhan. O autor canadense introduziu a ideia de que os meios são “extensões do homem” (1974, p. 72), e ao mesmo tempo, extensões de nossos sentidos, estabelecendo “novos índices relacionais, não apenas entre os nossos sentidos particulares, como também entre si, na medida em que se inter-relacionam” (1974, p. 72).

Mais especificamente a respeito da notícia, é o mesmo autor que observa como o rádio teve influência na mudança de seu formato: “o rádio alterou a forma das histórias noticiosas, bem como a imagem fílmica, com o advento do sonoro. A televisão provocou mudanças drásticas na programação do rádio e na forma das radionovelas” (MCLUHAN, 1974, p. 72). Nas últimas décadas do século XX, a revolução tecnológica modifica novamente os modos de comunicar, introduzindo o computador e, mais recentemente, os dispositivos móveis, como meio capaz de armazenar uma grande quantidade de informações e facilitar a vida moderna.

Hoje, a comunicação e a troca de conhecimentos acontecem através de máquinas conectadas em rede, capazes de englobar todos os suportes anteriores. Modernos e eficientes aparelhos nos dão a possibilidade de obter informações acessíveis a qualquer instante e em qualquer lugar, o que altera nossos hábitos. Se antes acessávamos os conteúdos em determinados lugares e horários, hoje, com as opções de suportes tecnológicos móveis, por exemplo, podemos fazê-lo da maneira que nos convém. Além disso, as notícias, atualizadas quase que instantaneamente, podem ser comentadas e compartilhadas em redes sociais ou por outras vias, como o correio eletrônico, etc.

A rapidez com que se desenvolve a sociedade, com tecnologias cada vez mais avançadas, transformou os modos de comunicação e leitura. Se na cultura oral o homem era a única fonte de conhecimento, agora são inúmeros meios de informação. O público, que antes ouvia de perto as histórias contadas em livros ou jornais, agora conecta-se em rede. Os ambientes digitais, mediados pelas interfaces, passaram a fazer parte dos lares. A partir de então, o contato com as máquinas tornou-se

mais habitual, uma vez que os computadores tornaram-se indispensáveis à vida moderna.

As inovações, constantes no contexto atual, introduziram novas técnicas e linguagens. A partir disso, Martín-Barbero acredita que estejamos presenciando um “novo modo de relação entre os processos simbólicos” (2004, p. 36), que renova o cenário da comunicação. As redes, ao mesmo tempo em que propõem a coletividade, também fragmentam os saberes.

Aí estão as redes pondo em circulação, ao mesmo tempo, fluxos de informação que são movimentos de integração à globalidade tecnoeconômica, mas também o tecido dum novo tipo de *espaço reticulado* que transforma e ativa os sentidos do comunicar. *Território-cidade* pois nele se configuram novos cenários de comunicação dos quais emerge um *sensórium novo*, cujos dispositivos-chave são a fragmentação – não só dos relatos mas da experiência, da desagregação social – e o fluxo: o ininterrupto fluxo das imagens na multiplicidade de telas – de trabalho e ócio – enlaçadas (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 36-37, grifo do autor).

Multiplicidade pode ser um conceito importante para pensar a comunicação na sociedade atual. São múltiplos formatos, múltiplas rotas de leitura disponíveis a uma infinidade de indivíduos interconectados. O jornalismo, para acompanhar o ritmo do desenvolvimento das técnicas, precisou adaptar suas linguagens. A cultura da convergência, além de trazer mudanças no cotidiano e no funcionamento da sociedade, apresenta-se com novas instâncias de leitura (JENKINS, 2008).

De que modo os indivíduos se apropriam e interagem com o conhecimento na tela? Como a tela alterou o contato com as informações? Para respondermos tais questões, buscaremos identificar o cenário da leitura de notícias na atualidade a partir das especificidades do meio digital. Neste capítulo pretendemos apresentar questões que envolvem a leitura na tela. Conceitos como cibercultura (Lévy, 1999), cultura da convergência (Jenkins, 2008) e aldeia global (McLuhan, 1974) indicam o panorama das transformações da sociedade atual, na qual novos e antigos hábitos convergem e apontam os aspectos da interação entre o homem, a máquina e o conhecimento. Para ilustrar nossa pesquisa, apresentaremos, ainda, alguns estudos empíricos sobre a

leitura nos ambientes digitais, a partir de diferentes aspectos que envolvem as especificidades da leitura na tela.

4.1 CONVERGÊNCIA DIGITAL, INTELIGÊNCIA COLETIVA E INTERATIVIDADE

O surgimento dos meios digitais não fez desaparecerem as mídias anteriores, mas utilizou as particularidades de cada meio para criar um único espaço de informação. As mídias convergem formando uma linguagem híbrida capaz de mover diferentes sentidos no acesso ao conhecimento, resultando também em diferentes modos de interação dos indivíduos entre si e com as máquinas. A partir de um espaço de inúmeras possibilidades, o digital afigura-se como importante mídia que possibilita ampliar a participação e a democratização da informação.

Com mais de 17 anos de trajetória no Brasil, a internet já conta com mais de noventa e quatro milhões de usuários¹¹ interconectados em rede. Nesse novo espaço da informação, o ciberespaço¹², é conceituado por Lévy (1999) como uma matriz de comunicação aberta e de interconexão mundial através de computadores. Esse ambiente possibilita integrar “dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação” (LÉVY, 1999, p. 93). Portanto, o ciberespaço compreende um suporte no qual as tecnologias convergem sendo composto por informações fornecidas pelos seres humanos. As informações apresentam-se, nas palavras do autor, como interconectadas e, ao mesmo tempo, independentes.

A hipótese que levanto é que a cibercultura leva a copresença das mensagens de volta a seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em uma órbita completamente diferente. A nova universalidade não depende mais da autossuficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ele se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente (LEVY, 1999, p. 15).

¹¹ Dados da pesquisa Ibope Nielsen, realizados no terceiro trimestre de 2012.

¹² A palavra ciberespaço foi concebida por William Gibson, em 1984, no romance de ficção científica *Neuromancer*, para definir o “universo das redes digitais”, segundo Longhi (2000).

A navegação no ciberespaço propõe mais liberdade para o leitor. Ele pode escolher quais nós pretende ativar e, a partir de suas escolhas, forma-se a leitura. Outra característica desse espaço é a virtualidade. Assim, o virtual pode remeter à simulação da realidade. Para Lévy (1999), o virtual não deve ser pensado como oposto do real, mas sim, do atual. Dessa forma, conteúdos disponíveis por um longo período continuam sendo virtuais, mesmo não assumindo um caráter de atualidade. Como o virtual representa uma dimensão da realidade, a interação do homem com a máquina configura-se como um aspecto importante a ser observado no mundo contemporâneo.

A palavra “virtual” pode ser entendida em ao menos três sentidos: o primeiro, técnico, ligado à informática, um segundo corrente e um terceiro filosófico. O fascínio suscitado pela “realidade virtual” decorre em boa parte da confusão entre esses três sentidos. Na acepção filosófica, é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato, o campo das forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está virtualmente presente no grão). No sentido filosófico, o virtual é obviamente uma dimensão muito importante da realidade (LÉVY, 1999, p. 47, grifo do autor).

Lévy (1999) observa a palavra virtual no sentido técnico, tecnológico e filosófico, este último indicando um caráter de realidade. Portanto, a cibercultura, enquanto “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (Lévy, 1999, p. 17), trouxe mudanças culturais em todos os segmentos da sociedade. A ideia de separação entre as pessoas e seus contextos culturais pode ser diminuída quando temos a possibilidade de construir relações, ensinar, trocar informações e acessar o conhecimento social trazido pelas notícias por meio da virtualidade. A relação que temos com o tempo também é modificada neste espaço que tudo armazena, distribui e reconstrói.

Assim como Lévy (1999), Jenkins (2008, p. 31) acredita que o digital compreende uma transformação cultural na qual existe uma relação complexa “entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima”. A comunicação, neste

sentido, acontece a partir de múltiplos meios, estando disponível a diversos modos de acesso. Também é complexa a interação entre as mídias anteriores, o que implica, além de transformações no consumo, mudanças na produção da notícia. O referido autor argumenta que a convergência acontece dentro de cinco processos: econômico, tecnológico, social, global e cultural. A partir de então, as relações entre produção e consumo de notícias são observadas em um contexto mais amplo, que envolve o mercado e os processos industriais. Ao aplicar o conceito ao jornalismo, Salaverría et al (2010) acredita que:

Convergência jornalística é um processo multidimensional que, facilitada pela implantação generalizada das tecnologias digitais da telecomunicação, afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregadas, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que são distribuídos através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma (SALAVERRÍA et al, 2010, p. 59).

Ao mesmo tempo em que vivemos um novo paradigma com a velocidade em que as informações são produzidas e transmitidas, temos a intersecção de novos e antigos meios de comunicação, que refletem tanto na produção como no consumo das mídias. A convergência sugere um espaço coletivo no qual os conhecimentos são compartilhados em rede e a leitura acontece a partir da interação com as interfaces gráficas.

O jornalismo híbrido e a multimídia inserem novas maneiras de ler. A linearidade, a leitura individual e fechada pelos enquadramentos da edição e da impressão tem na tela uma ruptura nos modos de interação e linguagem. Há que se pensar, ainda, que temos disponíveis diferentes formatos e tipos de telas, como os *smartphones* e *tablets*, por exemplo. A interação com esses dispositivos torna-se cada vez mais imersiva, já que o toque é o comando utilizado para interagir com suas inúmeras funcionalidades.

A cultura da convergência representa a possibilidade de participação do público e indica um processo que acontece em duas vias, tanto no âmbito da produção e do mercado em direção ao consumo, quanto partindo do consumo em direção à produção. Para Jenkins (2008), nesse processo é importante observar a questão da inteligência

coletiva levantada por Lévy (1998), uma vez que as inteligências individuais não atuam somente de forma isolada, mas compõem um conhecimento coletivo, disponível a todos os integrantes da rede. A convergência proposta por Jenkins (2008) pode levar a uma mídia comunitária e ao caminho de uma cultura mais participativa.

A convergência não depende de qualquer mecanismo de distribuição específico. Em vez disso, a convergência representa uma mudança de paradigma – um deslocamento de conteúdo midiático específico em direção a um conteúdo que flui por vários canais, em direção a uma elevada interdependência de sistemas de comunicação, em direção a múltiplos modos de acesso a conteúdos midiáticos e em direção a relações cada vez mais complexas entre a mídia corporativa, de cima para baixo, e a cultura participativa, de baixo para cima (JENKINS, 2008, p. 310).

Em relação ao conhecimento que a leitura da notícia representa, a questão da inteligência coletiva retrata o potencial dessa grande rede. Não são apenas os conhecimentos de mundo no âmbito individual que tínhamos com a leitura no impresso. O ciberespaço propõe uma ampliação do espaço da informação, no qual cada integrante participa com uma parcela dos seus saberes individuais, complementando o conhecimento coletivo. Para Jenkins (2008), nos anos 90, a revolução digital propôs uma libertação da tirania dos meios de comunicação de massa, possibilitando a liberdade do leitor para escolher os conteúdos do seu interesse. Ampliam-se, assim, os potenciais para a democratização da informação (LÉVY, 1998; JENKINS, 2008).

Bem-vindo à cultura da convergência, onde velhas e novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. A cultura da convergência é o futuro, mas está sendo moldada hoje. Os consumidores terão mais poder na cultura da convergência – mas somente se reconhecerem e utilizarem esse poder tanto como consumidores quanto como cidadãos, como plenos participantes de nossa cultura (JENKINS, 2008, p. 328).

Ao readaptar as maneiras tradicionais de interação e comunicação também formamos novas comunidades de interesses comuns. Jenkins (2008) acredita que a convergência representa uma transformação cultural, uma vez que exige que o consumidor mude seus hábitos e seus modos de interação. Como as mídias anteriores não são substituídas pelas recentes, existe uma interação entre elas. O rádio, a TV e o jornal impresso não desapareceram com o surgimento da internet. Mas em relação ao consumo, os receptores deixam de ser isolados, tornando-se conectados e ativos. A convergência midiática propõe, nas palavras do autor, uma “audiência comunitária”.

Um cenário em que o receptor se transforma em emissor, em que o novo e o antigo dividem espaço, som, imagem e texto convergem em um ambiente de conhecimento comum, da inteligência coletiva (LÉVY, 1998). Para o autor, todo o conhecimento armazenado na rede e que compõe o mapa cognitivo das mentes ali conectadas, está disponível para todos. O conhecimento coletivo, segundo Lévy (1998), altera a cultura de massa, uma vez que amplia a mente individual em uma mente coletiva. Mas estarão todos os indivíduos prontos para essa ruptura nos modos de acesso ao conhecimento? É certo que novas comunidades estão surgindo, assim como a comunicação e as mídias desenvolvem-se com a velocidade da luz.

4.1.1 Tecnologias digitais, conhecimento e interface

Se a cultura impressa introduziu a leitura individual e silenciosa, nas mídias digitais as mensagens passam a estar disponíveis para um grande público. A leitura na tela trouxe novas formas de perceber e atuar cognitivamente com a informação. As tecnologias digitais modificam a relação com a linguagem e reconfiguram as práticas culturais e o funcionamento cognitivo da mente (KERCKHOVE, 2003). Na perspectiva de Martín-Barbero (2004), que observa o processo comunicativo no contexto social, político e cultural, as novas mídias representam uma mutação cultural afetando, ainda, as práticas industriais e o mercado.

Radicalizando a experiência de des-ancoragem produzida pela modernidade, a tecnologia deslocaliza os saberes, modificando tanto o estatuto cognitivo como o industrial das *condições do saber* e das *figuras da razão*, o que está conduzindo a um forte apagar, borrando-se as

fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, natureza e artifício, arte e ciência, saber perito e experiência profana (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 35-36, grifo do autor).

Nesse processo, as percepções dos indivíduos, definidas por Martín-Barbero (2004) como tecnopercepções, também são modificadas. Se a tela passa a fazer a mediação entre o texto e o indivíduo, modifica-se o relacionamento com os processos simbólicos a partir da leitura, uma vez que no contexto da convergência misturam-se os formatos, os fluxos e os papéis dos produtores e receptores. Na rede mesclam-se signos e símbolos, informações de diversas naturezas que requerem novas capacidades dos indivíduos. Estará a sociedade habituada a pensar de forma fragmentada e preparada para acompanhar o ritmo acelerado do fluxo das informações nos dias atuais?

Outra característica desse cenário é a instantaneidade com que as notícias são atualizadas, tornando o tempo presente como tempo primordial das informações. Assim como grande parte dos jornais disponibiliza seus conteúdos na rede, as notícias podem ser comentadas, reproduzidas e compartilhadas em outras plataformas de comunicação digital, como as redes sociais e os *blogs*. Com a convergência de meios, o jornalismo torna-se híbrido, integrando características e linguagens das mídias anteriores.

Sabe-se que o jornalismo na rede é híbrido, mistura concepções do impresso e agrega novas possibilidades, com a colaboração (caso do chamado jornalismo de fonte aberta e dos *blogs*) e a interação, bem como cria caminhos para uma leitura única quando possibilita um trajeto não linear (BALDESSAR; LONGHI, 2008, p. 128, grifo do autor).

Para as autoras, a principal característica das mídias digitais é, certamente, a interatividade. Se antes a produção das informações era definida apenas pelo produtor, agora o leitor também pode construir a narrativa. A relação que o público estabelecia com os meios de comunicação passa a ser mais participativa tanto em relação à mensagem como ao meio (BALDESSAR; LONGHI, 2008). Santaella (2003) acredita que o caráter interativo de um texto híbrido amplia os sentidos do usuário, o que é possível graças à convergência das mídias anteriores.

Como observado nos capítulos anteriores, a partir da leitura que fazemos do mundo e dos modelos mentais acumulados e remodelados ao longo das experiências, atribuímos sentido aos signos durante a leitura. Portanto, o funcionamento de nossa mente está relacionado com a linguagem (KERCKHOVE, 2003). Segundo o mesmo autor, as tecnologias da inteligência transferiram os processos da mente para a tela. Assim, com todas as condições dos meios tecnológicos, ampliam-se também as capacidades cognitivas do indivíduo. Sendo a linguagem “um sistema para articulação da mente” (Kerckhove, 2003, p. 7), é muito próxima a relação entre linguagem e subjetividade. Hoje, as máquinas fazem o trabalho da mente que, na cultura oral, precisava da memória para armazenar todas as informações e transmiti-las a novos públicos. O passado somente poderia fazer-se presente se o indivíduo armazenasse o conhecimento em sua memória e transmitisse através da fala.

Ao discorrer sobre as condições da linguagem e da mente humana, Kerckhove (2003) aproxima os estudos dos Objetos Mentais (OM), de Jean-Pierre Changeux¹³, com os Objetos Digitais (OD), observando as características da mente hipertextual. Para o autor, o tempo atual é de convergência das características da oralidade, em que as ferramentas podem armazenar informações e criar uma mente coletiva. Com as tecnologias digitais, podemos ampliar nossa maneira de pensar o mundo. Na cultura da convergência, ampliam-se os sentidos e percepções, uma vez que a diversidade de signos de linguagem que formam um novo ecossistema compõe o cenário da informação.

Ao apontar os três principais estágios da linguagem, oral, escrita e eletrônica, Kerckhove (2003) ressalta algumas características desta transição. Sem as ferramentas para armazenar a linguagem, é a memória que recordará os fatos do passado e tratará de criar meios para trazê-los ao presente. Para sobreviver era preciso compartilhar os saberes na tentativa de manter vivas as experiências do passado, bem como o seu contexto. Com a escrita, a linguagem pôde ser armazenada de modo que os indivíduos passassem a agir em seu contexto individual e, a partir dele, construir o sentido para a leitura (KERCKHOVE, 2003).

No entanto, a escrita e, posteriormente, a impressão, fragmentaram os modos de pensamento dos indivíduos, a partir de um novo formato: “livros e papéis propõem amplamente às pessoas os

¹³ Neurobiologista francês que criou a teoria dos objetos mentais que compreende a atividade do cérebro em criar imagens sobre as experiências. São os gráficos neurais divididos entre perceptos, conceitos e ícones (KERCKHOVE, 2003).

conteúdos de ‘realidade’ filtrados através da modalidade do texto” (KERCKHOVE, 2003, p. 8, grifo do autor). O desenvolvimento da escrita, após ter separado os indivíduos em seus contextos individuais, também iniciou um processo de transformações que permitiu interligar novamente os indivíduos em um mesmo espaço da informação.

Para o autor, o hipertexto, além de possibilitar uma leitura fragmentada com textos unidos em forma de nós, promove uma nova forma de articulação da mente. Essa linguagem interconecta os usuários em uma mesma estrutura, uma rede em que “qualquer um que esteja online é, de fato, parte de um hipertexto mundial” (KERCKHOVE, 2003, p. 9). A chamada “mente hipertextual” é aquela capaz de dar conta das diferentes linguagens e formas de representação presentes nos ambientes digitais. Tendo a tela como interface para o conhecimento, a mente hipertextual atua fora da psique humana (KERCKHOVE, 2003). É a tela que funciona como mecanismo mental e visual para o processamento dos dados:

A mente do hipertexto compartilha das mentes do texto e do contexto. Tem um pouco de cada uma e mais. É conectiva. Isso significa que, enquanto a memória coletiva está mais ou menos disponível em bancos de dados e online, o portal de cada um de nós é privilegiado, nossa navegação única e nossa experiência são partilhadas apenas ao nível em que a permitimos (KERCKHOVE, 2003, p. 9).

Com o advento da eletricidade, frisa o referido autor, o conhecimento, antes armazenado na memória dos indivíduos passou a ser tarefa dos equipamentos eletrônicos, tornando públicas as informações. Nesse sentido, quais são as implicações de se ter o conhecimento armazenado fora da mente humana? Como as tecnologias afetam a leitura e a compreensão dos textos?

Buscando compreender a interação entre homem e máquina, Scolari (2004) observa as interfaces, que já fazem parte do cotidiano moderno e foram se aprimorando com o desenvolvimento das tecnologias. Ao definir as interfaces como “dispositivo capaz de assegurar o intercâmbio de dados entre dois sistemas”, o autor acredita que é preciso observar todo o processo de interação humana, que não é neutro nem automático (SCOLARI, 2004, p. 39).

As interfaces já são tão familiares que muitas vezes não nos damos conta de sua presença e interferência nos modos de leitura, é o

chamado “mito da transparência das interfaces” (SCOLARI, 2004). Esses dispositivos podem ser pensados até mesmo como extensões do corpo e da mente humana, que já estão tão próximos do homem, que nem percebemos a série de atividades cognitivas e semióticas que um simples clique no *mouse* representa. O autor ainda observa que as interfaces estão presentes também nos livros: são os números de páginas, as colunas, os elementos que somente notamos quando são utilizados, mas que existem e indicam a natureza do objeto.

Por meio de uma abordagem sociosemiótica das interações digitais, para compreender a relação da interação cultural e cognitiva dos indivíduos com os meios tecnológicos, Scolari (2004) acredita que todo contato do homem com as máquinas e seus modos de percepção mudaram, especialmente depois da criação do *Apple Macintosh*, em 1984. A fim de compreender os modos de percepção, Scolari (2004) discorre sobre as metáforas que existem no entorno da informática. Usamos metáforas, como janelas, menus e vírus para designar os objetos presentes na informática e que podem auxiliar na compreensão dos fatores intersubjetivos que compõem as interfaces.

Se antes a interface da leitura era o livro ou o jornal impresso, hoje passa a ser a tela, onde a interação entre leitor e mensagem acontece de forma síncrona. Com as mídias anteriores, as mensagens eram emitidas sem a ação do receptor. Na tela, o usuário deve acionar os dispositivos do seu interesse e navegar de uma leitura a outra, ativando os demais recursos multimídia, como vídeos e áudio.

Scolari (2004) estabelece quatro metáforas que delimitam as características e auxiliam na compreensão das *cosmovisões* acerca das interfaces. As metáforas são: a conversacional, a instrumental, a superficial e a espacial. Para efeito da nossa pesquisa, iremos nos deter nas metáforas conversacional e instrumental. A primeira sugere que, como os indivíduos interagem por meio dos comandos e têm uma resposta do computador, há um diálogo entre ambos. Como em qualquer processo comunicativo, vai existir um pacto, uma ação simbólica para o entendimento entre o enunciador e o público. Scolari (2004) acredita que da relação entre homem e máquina cria-se uma prótese simbólica. No caso do computador, essa prótese passa a ser o cursor do *mouse*. A metáfora conversacional representa o diálogo que se estabelece entre o homem e a máquina e permite a compreensão dos textos interativos.

As extensões do homem em forma de máquina, já anunciadas por McLuhan (1974), consistem na metáfora instrumental. Neste sentido, as próteses invisíveis são os instrumentos que estendem o corpo humano, como o *mouse*, por exemplo. Não estamos mais atuando sozinhos. A

rede conecta diversas mentes em um único espaço e possibilita o contato com essa diversidade de ideias e perspectivas (KERCKHOVE, 2003). Com o conhecimento disponível em rede, podemos acessar o pensamento coletivo. Nesse sentido, apesar de a leitura representar a atribuição individual de significados, na rede, acontece no âmbito da coletividade. Kerckhove (2003) acredita que as capacidades cognitivas também são compartilhadas. O referido autor compara as funções da mente coletiva, durante a apropriação dos signos disponíveis na rede, com as capacidades cognitivas e individuais do cérebro humano.

Entre os gráficos neurais presentes na teoria dos objetos mentais Changeux (*apud* KERCKHOVE, 2003), o que se refere à iconização pode enquadrar-se à leitura hipertextual. O que está disposto em uma tela são ícones que formam um mosaico de informações a serem decifrados pelo leitor. Os objetos mentais, portanto, têm uma relação com os objetos digitais (KERCKHOVE, 2003). Se pensarmos o sistema das informações digitais, os *bits* são os códigos que compõem a rede de informações disponíveis no ciberespaço. Para Kerckhove (2003, p. 11), existem alguns pontos em comum entre os objetos mentais e os objetos digitais:

- eles dependem de conexões;
- eles são recriados sob pedidos;
- eles são razoavelmente confiáveis (Ods mais do que Oms);
- são vulneráveis aos ataques sistêmicos e à destruição (colapsos mentais, víruses);
- fazem parte de algo maior – razoavelmente homogêneo;
- necessitam de muito pouca energia de intensidade elétrica (orgânica e eletrônica);
- são constituídos de doses variáveis de conteúdo perceptual, icônico e conceitual (wireframes e polígonos são equivalentes típicos dos conceitos de imagem, enquanto renderização é análoga ao trabalho da memória sensorial);
- possuem escalas e são suscetíveis aos curtos-circuitos e generalizações;
- são feitos para estarem em rede.

O autor acredita que o hipertexto, assim como as estruturas cognitivas da cultura oral e escrita, o contexto e o texto, respectivamente, já são práticas que fazem parte do funcionamento da

mente humana, uma vez que somos capazes de pensar de forma associativa, de relembrar informações ao ler sobre determinado assunto, somos capazes de pensar hipertextualmente: “sonhar a realidade é uma atividade inteiramente hipertextual” (KERCKHOVE, 2003, p. 12). O hipertexto, portanto, contribui para nossas capacidades imaginativas e de expansão da mente. Com a leitura hipertextual, os significados se ampliam, e com eles, a própria dimensão da linguagem e das capacidades cognitivas do homem.

A rapidez com que se desenvolvem as ferramentas tecnológicas, que aceleram ainda mais os processos cognitivos, remete à seguinte reflexão: até que ponto chegarão as capacidades e quais são os limites da criatividade humana? Se as tecnologias se desenvolvem com a velocidade da luz, também o fazem as condições humanas para acompanhar essas transformações.

Pensando na sociedade atual e nas velozes contribuições do digital para o contato do homem com o conhecimento e com o mundo, Kerckhove (2003) observa que se forem utilizadas as capacidades da mente coletiva em série, os resultados serão ainda maiores em relação à velocidade e à aproximação do biológico com a máquina. A mente humana irá se transformar em mente máquina? Até que ponto a inteligência artificial conseguirá se aproximar das funções desempenhadas pelo cérebro?

Mesmo que a máquina não seja capaz de desenvolver a subjetividade, ela traz uma série de mudanças significativas para o nosso dia a dia. Com a invenção da internet e dos meios digitais, as formas de comunicação e linguagem modificaram-se. Se as sociedades orais não possuíam suportes físicos para sua memória, o que foi adquirido com a cultura escrita, a cultura da convergência amplia as possibilidades de armazenamento e modifica também as percepções do indivíduo. Ao abordar a linguagem dentro de três estágios, a oralidade, a escrita e a eletrônica, Kerckhove (2003) afirma que as invenções da escrita e da eletricidade transformaram profundamente as formas de linguagem e, assim, a articulação da mente, o que representa uma mudança na comunicação, atingindo de modo direto a configuração do jornalismo.

Assim como Scolari (2004), Novais (2012) acredita que as interfaces não são neutras, mas contém elementos que podem funcionar como mapas de leitura. Esses elementos são construídos dentro de um contexto que determina a interface para a leitura. Para a autora, as interfaces são responsáveis por: “mediar a construção de sentidos no ambiente digital, provendo possibilidades de significação tanto para os designers e programadores (autores) quanto para os usuários (leitores)

[...]” (NOVAIS, 2012, p. 13). O uso das interfaces para leitura exige o domínio de certas habilidades mentais para atribuir sentido aos elementos da tela. Portanto, o domínio dos signos que compõem as interfaces gráficas é fundamental para a navegação e leitura em ambientes digitais. Segundo Novais (2012) esse aprendizado vai além da familiaridade com o computador, requer a referência a conhecimentos externos aos objetos da tela.

A leitura da interface exige a articulação de conhecimentos de diversos domínios, a busca por referentes externos ao ambiente digital e ao vocabulário técnico da informática. Exige que o leitor tenha habilidade de navegação muito bem desenvolvida e que construa associações, projeções e inferências muito rápidas e eficazes (NOVAIS, 2012, p. 13).

Assim como o leitor utiliza seus conhecimentos prévios para compreender uma notícia, a leitura nas interfaces acontece, portanto, a partir das pistas deixadas pelos autores. Segundo Novais (2012) a maior dificuldade encontrada pelos leitores de ambientes digitais talvez seja buscar referências em outros suportes de leitura e escrita. A autora acredita que essa dificuldade talvez exista em função das diferenças nas técnicas, que requerem novos mecanismos intelectuais.

Toda leitura é um espaço de representação onde são articulados, a partir dos elementos do texto, os modelos mentais construídos socialmente. A leitura em ambientes digitais envolve, ainda, as habilidades de navegação e as capacidades para fazer associações e construir significados para os signos que compõem as interfaces. Neste sentido, a leitura a partir das interfaces gráficas, diante dos elementos que compõem o ambiente digital, como os botões, comandos, ícones sublinhados, as chamadas metáforas, exigem conhecimentos de outras práticas de leitura (NOVAIS, 2012).

A autora também afirma que o design gráfico é outro fator importante na leitura das interfaces. Ela observa que o conhecimento das cores, da aparência, da localização dos ícones auxilia a memorização dos caminhos e, assim, a leitura. Portanto, a leitura na tela exige também que o leitor reconheça as particularidades do ambiente digital. “Conhecer uma funcionalidade do ambiente digital é, sem sombra de dúvidas, uma habilidade que envolve o processamento em paralelo de diversos domínios de leitura” (NOVAIS, 2012, p. 29).

Diversas particularidades diferenciam a leitura na tela das plataformas anteriores. No entanto, também sabemos que um leitor com conhecimentos mais apurados sobre os recursos e potencialidades do meio digital terá maior facilidade para ler e navegar. As características de um ambiente digital criam um certo padrão para navegar e compreender os caminhos e ações a realizar. A autora aponta algumas habilidades importantes que podem auxiliar na leitura e navegação em interfaces digitais. Entre elas, podemos citar a identificação dos ícones e o uso de suas legendas, em caso de dúvidas sobre suas funções, além das habilidades motoras para realizar as inferências nos ambientes digitais, como os cliques no *mouse*.

4.2 CARACTERÍSTICAS DO WEBJORNALISMO

Com características próprias como multimídia/convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização, memória e instantaneidade/atualização contínua (Palácios, 1999), o webjornalismo configura-se como importante espaço que possibilita a participação e a interação, reunindo as mídias anteriores em um mesmo ambiente. Com a convergência digital, as notícias assumem um novo caráter, amparado pelas potencialidades do meio.

Segundo Palácios et al (2011), o webjornalismo pode ser dividido em três etapas. No primeiro momento, do modelo transpositivo, as notícias eram copiadas do impresso para a web e o leitor tinha uma estrutura linear das informações. Na segunda fase, da metáfora, passou-se a utilizar o hipertexto para inserir informações adicionais sobre os textos. Aqui, “mesmo ‘atrelados’ ao modelo do jornal impresso, os produtos começam a apresentar experiências na tentativa de explorar as características oferecidas pela rede” (PALÁCIOS et al., 2011, p. 3, grifo do autor). Embora a interação entre leitores e veículos de comunicação tenha iniciado somente na segunda fase (através de *e-mails* e fóruns), os recursos interativos começam a ser mais explorados em uma terceira etapa, que corresponde ao cenário atual. A partir de então, imagens, vídeos, som, recursos gráficos etc., são utilizados simultaneamente, constituindo a estrutura hipertextual das webnotícias.

O primeiro grande jornal a utilizar a rede mundial de computadores foi o *The New York Times*, nos anos de 1970. Os primeiros materiais disponibilizados a assinantes eram resumos de artigos das edições diárias do jornal impresso. Aos poucos, outros jornais passaram a incluir notícias na internet sendo que, no Brasil, o

primeiro veículo de comunicação a publicar seu conteúdo no formato digital foi o Jornal do Brasil, em maio de 1995. Após, Folha de São Paulo, Estadão e O Globo também passaram a utilizar as mídias digitais (FERRARI, 2003).

De forma conceitual, o webjornalismo representa a produção, distribuição e o consumo de notícias em uma plataforma *web*. Para Palácios (2002, p. 3) é na rede que o jornalismo tem sua primeira “forma de memória múltipla, instantânea e cumulativa”, uma vez que não possui limites de tempo e espaço. Com a possibilidade de armazenamento de conteúdos por tempo indeterminado, o usuário tem acesso a um maior número de informações publicadas na rede.

Palácios (1999) estabelece as características do jornalismo para a *web*. A primeira delas, multimídia/ convergência, refere-se à utilização de áudio, imagem, vídeo e texto em uma mesma página da internet. A segunda característica se refere à interatividade, que nos veículos impressos era feito através das cartas enviadas pelos leitores, e na *web* existe a possibilidade de opinar postando comentários nas páginas dos veículos, por meio de *chats*, fóruns e *e-mails*. A hipertextualidade é a terceira característica apontada pelo autor. Como já visto anteriormente, ela rompe com as formas tradicionais de leitura, uma vez que o leitor pode fazer seu caminho através das conexões por meio de *links*:

Podemos afirmar que a escrita hipertextual oferece possibilidades que acabam por acentuar a fragmentação textual. Porém, é importante frisar que o hipertexto, enquanto recurso técnico, não determina essa fragmentação, mas, enquanto recurso de escrita pode ser utilizado para diversas formas, com diferentes finalidades. Assim sendo, pode-se encontrar, talvez, um texto impresso – um jornal, por exemplo – cujo texto seja mais fragmentado do que um outro texto em hipertexto digital (MIELNICZUK, 2003, p. 109).

Mielniczuk (2003, p. 125) ainda afirma que os *links* são elementos inovadores trazidos pelo hipertexto e podem ser divididos em três grupos: “relativos à navegação do produto; ao universo de abrangência do *link* e ao tipo de informação”. Nesse último nível, o *link* ainda é subdividido em relação à narrativa do fato jornalístico, separando as informações que fazem parte da notícia. Vale também

ressaltar que o hipertexto pode levar o leitor tanto a aprofundar o assunto em questão, como ao acesso de diferentes textos e *sites*.

Outra característica do jornalismo na web, segundo Palácios (1999), é a customização do conteúdo/personalização. É também denominada de individualização da navegação, quando o leitor irá construir seu caminho de leitura de acordo com seus interesses. Alguns *sites* de notícias já dão a opção para o usuário escolher os temas, o que, mais uma vez, denota uma leitura diferente para cada pessoa. A memória, também apontada pelo autor, diz respeito ao acúmulo de informações, o que tornaria o webjornalismo mais viável de maneira técnica e econômica do que em outras mídias. Sendo assim, o volume de informações diretamente disponíveis ao usuário é consideravelmente maior nesse tipo de suporte, seja com relação ao tamanho da notícia ou à disponibilização imediata de informações anteriores.

A instantaneidade/atualização contínua, segundo Palácios (1999), reflete as potencialidades do meio. Apesar de ser verificada no rádio e televisão, esta característica se modifica no formato digital, pois pode ser atualizada com rapidez, possibilitando maior fluxo de informações. Além de serem produzidas e divulgadas de forma instantânea, as webnotícias podem ser armazenadas por mais tempo do que nos suportes tradicionais. No entanto, a narrativa nesse novo meio deve ser adaptada de acordo com sua estrutura. Enquanto no jornal impresso havia um padrão de hierarquização das informações, na web, a narrativa jornalística apresenta a característica de textos fragmentados, conectados por *links*. Existe, assim, uma metamorfose na estrutura e linguagem das notícias.

Em primeiro lugar, deve-se levar em consideração que no momento de fragmentar uma notícia em diferentes nós de informação existem fatores que o jornalista não pode esquecer: as características da informação e do meio, as expectativas e necessidades do usuário e o tipo de plataforma de distribuição da informação são fatores que condicionam todo o processo de produção de uma webnotícia (CANAVILHAS, 2007, p. 211, tradução nossa).

Nestes termos, Canavilhas (2007) ressalta que, ao produzir uma notícia, o jornalista deve criar um ‘mapa’ com ‘pistas’ para a navegação do leitor. Esse ‘mapa’ representa as conexões ou nexos que possibilitarão o aprofundamento dos temas principais com informações

complementares. Para Salaverría (2005), os nexos possuem duas funções: documental e narrativa. Na primeira delas, as informações são organizadas em forma de níveis, onde são mais detalhadas. A função narrativa representa as possibilidades de dar suporte à informação principal.

O autor ainda classifica os nexos ou ligações textuais em quatro categorias: documentais, com informações já arquivadas; de ampliação informativa, com fatos que aconteceram recentemente; de atualização, onde são apresentados novos conteúdos; e de definição, onde é possível ter acesso a documentos internos e externos ao contexto em que são apresentados. Canavilhas (2007) observa, ainda, a importância, no âmbito da produção da webnotícia, de interligar-se de forma homogênea texto, som e imagem, de maneira a complementarem-se. Em suas pesquisas, observando atitudes, comportamentos e respostas cognitivas, o autor constata que os leitores consideram o hipertexto uma forma de linguagem adequada para as webnotícias.

O hipertexto, segundo Landow (1995), apresenta duas estruturas. A primeira delas, chamada arborescente, pode ser comparada à estrutura de uma árvore, onde no eixo central estão as informações principais e, nas ramificações, as secundárias. Na segunda estrutura, em formato de rizoma, o hipertexto é apresentado de forma mais complexa, em rede. Aqui não existe hierarquia na distribuição das informações. Nessa nova forma de estruturação das notícias, a readaptação da linguagem talvez seja o maior desafio. Estruturar as informações em um espaço imersivo e navegável requer a compreensão da pluralidade característica do meio.

A forma de estruturação deve dar ao leitor a liberdade para personalizar sua navegação: “a flexibilidade dos meios online permite organizar as informações de acordo com as diversas estruturas hipertextuais. Cada informação, de acordo com as suas peculiaridades e os elementos multimídia disponíveis, exige uma estrutura própria” (SALAVERRÍA, 2005, p. 108). Nessa estrutura citada por Salaverría (2005), o webjornalismo se configura como meio de apresentar informações organizadas de forma fragmentada, heterogênea, mas complementares. Palácios (1999) observa que o movimento de constituição de novos formatos midiáticos é um processo evolucionário e linear de superação dos suportes anteriores.

Entretanto, esta superação não representa uma ruptura dos suportes anteriores, mas a abertura de novas possibilidades. O desafio, nesse sentido, está na construção de um jornalismo para a web que utilize as potencialidades do meio. Além do aperfeiçoamento das técnicas de produção, a questão também está em uma linguagem

adequada que responda às necessidades e expectativas do leitor que se depara com um novo cenário da informação.

4.3 A LEITURA NA TELA DO COMPUTADOR

As particularidades que permeiam o cenário do webjornalismo apontam também para as especificidades do leitor de notícias na tela. Muitas pesquisas identificam o perfil desse leitor, observando desde os aspectos cognitivos dos mecanismos da mente durante a navegação, até estudos do gênero e de práticas culturais e suas influências para apresentar o leitor da modernidade. Da perspectiva semiótica, Santaella (2004), observa as características cognitivas do leitor imersivo, seu desempenho motor e perceptivo durante a navegação.

Para compreender os modos de leitura, a autora utiliza-se dos princípios da ação do pensamento, baseados em Peirce (1995). Nesta teoria, o pensamento acontece por meio da abdução, indução e dedução, que também podem se apresentar ao mesmo tempo durante a leitura. Essa caracterização acontece da seguinte maneira: o usuário leigo, com o pouco conhecimento que tem da rede, utiliza-se do raciocínio indutivo, partindo de resultados adquiridos em casos isolados para chegar a uma conclusão geral.

Os hábitos de leitura são estabelecidos por indução, as operações são realizadas repetidas vezes até formar um hábito para navegar de determinada maneira. O chamado usuário novato utiliza o raciocínio abdução, racional, o que move sua navegação é errar e explorar o ambiente. Diante de determinada situação, esse usuário levanta uma hipótese para explicá-la e, assim, move-se pela rede, errando e adivinhando o que deve fazer a respeito dos sinais que encontra em seu caminho: “para esse internauta, o ciberespaço é um espaço de escolhas guiadas pela lógica do plausível, de cujo jogo, a desorientação semântica faz parte” (SANTAELLA, 2004, p. 3).

No entanto, durante o estudo, Santaella (2004) ressalta que a navegação não deve ser comparada às capacidades de ler ou escrever, pois indica uma maneira distinta de ação dos usuários da rede. Por fim, o leitor mais experiente na rede, o experto, utiliza-se do raciocínio dedutivo. Esse leitor já conhece as possibilidades e as operações que deve realizar para chegar ao seu destino. Com os hábitos adquiridos, esse navegador torna-se um detetive, internalizando as regras gerais que, em seu raciocínio, levaram a certas conclusões. Pela indução, as técnicas adquiridas pela experiência são utilizadas para construir os

conhecimentos teóricos. Portanto, o navegador já tem os conhecimentos teóricos e os utiliza em suas buscas.

As pesquisas de Santaella (2004) partem das habilidades dos leitores ao reagirem aos signos que encontram durante a navegação na rede, considerada pela autora como um “mapa semiótico rizomático” (2004, p. 175). A partir desses modelos de navegação, encontram-se os itinerários de leitura. A autora ainda apresenta a categorização das formas de leitura constatadas por Flusser (1987): “o sobrevoador apressado, o farejador desconfiado e o desdobrar cuidadoso” (Flusser, 1987, *apud* SANTAELLA, 2004, p. 176). A primeira delas se contrapõe à última, onde a crítica está presente nas práticas de leitura.

O leitor “sobrevoador apressado” lê ao acaso, adivinhando os caminhos e ações que deve tomar. O terceiro leitor, “desdobrador cuidadoso”, caracteriza o leitor do livro, enquanto o sobrevoar apressado, dos jornais impressos, das revistas e imagens. Já o “farejador desconfiado” é aquele leitor dos “centros urbanos” que depara-se com sinais e luzes característicos desses locais. Definidos os estilos de navegação e as características dos níveis do leitor imersivo, Santaella (2004) propõe um diagrama dos resultados de sua pesquisa.

Quadro 1 – Características dos três níveis do leitor imersivo

INTERNauta	ERRANTE	DETETIVE	PREVIDENTE
INFERÊNCIA	Abdutiva	Indutiva	Dedutiva
LÓGICA DO	Plausível	Provável	Previsível
CAMPO DO	Possível	Contingente	Necessário
ATIVIDADE MENTAL	Entendimento	Busca	Elaboração
MEMÓRIA	Ausente	Operativa	Longa duração
ATIVIDADE	Exploração	Aleatória	Experimentação
EMPÍRICA	Aleatória	<i>Ad hoc</i>	Combinatória
TIPO DE AÇÃO	Derivar sem rumo	Farejar indícios	Antecipar consequências
ORGANIZAÇÃO	Turbulência	Auto-organização	Ordem
TIPO DE EFEITO	Desorientação	Adaptação	Familiaridade
CARÁTER	Deambulador	Farejador	Antecipador

Fonte: Santaella (2004, p. 179)

Sintetizando o raciocínio da autora, o “internauta errante” é aquele que adivinha e, a partir do raciocínio abduativo, vai criando, de maneira instintiva, seu percurso de navegação. Ele explora as possibilidades aleatoriamente, onde “navegar de maneira errante é derivar na ausência de um rumo pré-determinado” (SANTAELLA, 2004, p. 178). Como o território navegado por esse leitor é desconhecido, ele não se utiliza da memória para navegar. Já o “internauta detetive”, com raciocínio indutivo, tem mais disciplina e lógica na navegação do que o errante. Ele apresenta uma memória e, a partir da experiência, experimenta, errando e adaptando seus erros com o hábito. Por fim, o “navegador previdente”, com raciocínio dedutivo e memória de longo prazo, já aprendeu os caminhos e as particularidades da rede e antecipa o resultado de suas escolhas.

Mesmo estabelecendo as diferenças entre cada um dos tipos de leitores e seus níveis de navegação e imersão, Santaella (2004) acredita que o leitor ideal é aquele que mistura as características apontadas aqui, ao ponto de que, mesmo conhecendo as operações e resultados, também se arrisque a novas descobertas e criações nesse modo de ler tão particular.

As capacidades perceptivas dos indivíduos vêm sendo preparadas desde a criação dos meios de comunicação anteriores. No entanto, o cenário atual integra os saberes anteriores sem excluir habilidades, pois a convergência transforma o leitor em navegador interativo, e o receptor em produtor da informação: “é, pois, uma leitura topográfica que se torna literalmente escritura, pois, na hipermídia, a leitura é tudo e a mensagem só vai se escrevendo na medida em que os nexos são acionados pelo leitor-produtor (SANTAELLA, 2004, p. 175).

De uma perspectiva mais experimental, o pesquisador português João Canavilhas (2007) analisou a leitura observando as possibilidades do hipertexto e dos recursos multimídia. Em sua pesquisa, o investigador reuniu 100 estudantes de diversos cursos da Universidade de Beira Interior, divididos em seis grupos de 25 integrantes, usando uma metodologia experimental. Para realizar a análise, em cada um dos grupos, observaram-se seis questões. A primeira delas se refere às respostas cognitivas: “trata-se de uma forma de avaliar as mudanças de atitude que ocorrem durante a leitura da notícia em função do número e da polaridade – positiva ou negativa – dos pensamentos surgidos quando o receptor é exposto a uma determinada mensagem” (CANAVILHAS, 2007, p. 8, tradução nossa). A segunda questão observada refere-se às atitudes em relação ao conteúdo, ou seja, as opiniões dos leitores sobre o modo de apresentação dos conteúdos jornalísticos.

O terceiro item da avaliação foi a percepção e compreensão: “de que forma o receptor tem a noção de ter extraído um determinado significado da mensagem” (CANAVILHAS, 2007, p. 9, tradução nossa). A satisfação com a leitura e a avaliação dos conteúdos nos meios utilizados também foram avaliadas e, como último item, aparece a “indução emocional”, ou seja, “avaliar se a forma como se codifica uma determinada mensagem tem influência nas emoções dos receptores” (CANAVILHAS, 2007, p. 9, tradução nossa).

Após estabelecidas essas categorias de análise, foram selecionadas seis notícias, uma para cada experimento. No primeiro grupo analisou-se a redação hipertextual em contraponto com a redação textual. No segundo, os leitores deveriam ler notícias com *links* feitos a partir de palavras e outra com *links* a partir de ícones. Os *links* em textos

versus links em menus, foram avaliados no outro experimento. Notícias somente em texto e notícias com texto e vídeo compuseram o teste seguinte. O outro grupo foi submetido a apenas texto e texto com áudio, assim como também aconteceu com um grupo de apenas texto e texto com infografia.

Os participantes foram escolhidos, de forma aleatória, para cada experimento. Para verificar se os grupos eram homogêneos em relação à maneira com que utilizavam os meios, o autor aplicou um questionário. Após a leitura das notícias no grupo a que foram submetidos, os leitores responderam a segunda parte dos questionários na qual foram avaliadas as seis questões citadas anteriormente: respostas cognitivas, atitudes em relação ao conteúdo, percepção e compreensão, satisfação, evolução e indução emocional.

Como conclusão do trabalho¹⁴, Canavilhas (2007) verificou que, em relação à hipertextualidade, os usuários mostraram-se receptivos à estrutura não linear, com as informações conectadas por *links*. Os leitores consideraram o hipertexto a maneira mais adequada para ler e compreender uma notícia na web. Sobre os conteúdos multimídia, o vídeo foi considerado o mais atrativo e interessante para os usuários. Quanto ao uso da infografia e do áudio, o autor constatou que também são vistos como adequados ao meio, apesar de serem considerados pouco usuais em outras áreas.

Em estudo anterior, realizado em 2001, o mesmo autor verificou os percursos de navegação dos leitores de webjornais portugueses a partir do uso do hipertexto, observando a organização das informações divididas em blocos de textos ligados por *links*. Os cliques no *mouse* e os percursos de leitura foram gravados pelo programa *Camtasia Studio*¹⁵. Durante a experiência, 39 leitores deveriam ler uma notícia construída com 10 páginas web, ligadas por *links*, onde o texto inicial continha cinco *links* embutidos que direcionavam o leitor ao segundo nível de informações. A partir disso, “três dos cinco textos de segundo nível incluíam um *link* embutido para um terceiro nível e um menu de navegação com *links* para todos os textos do mesmo nível ou nível anterior” (CANAVILHAS, 2001, p. 8).

Os leitores foram orientados a ler de maneira natural, como costumavam fazer habitualmente, sem limites de tempo. A conclusão do

¹⁴ Os dados da pesquisa foram compilados com o programa SPSS, *software* utilizado para trabalhos com estatística.

¹⁵ Esse *software*, desenvolvido pela *TechSmith*, permite a criação de vídeos a partir da captura das telas do computador, sendo muito utilizado na produção de tutoriais.

estudo foi de que: “existem diferentes padrões de leitura que deixam antever a necessidade de adotar um novo paradigma na organização de informação de carácter jornalístico” (CANAVILHAS, 2001, p. 2). Como resultado da pesquisa, Canavilhas (2001) verificou que:

a) 76,5% dos utilizadores passou ao segundo nível seguindo o primeiro link embutido no texto. Deste grupo, 57,7% passou para o terceiro nível da notícia, seguindo o único link embutido neste segundo texto.

No outro texto de segundo nível com enlace embutido, 67,6% dos utilizadores seguiu esse link para o terceiro nível.

b) 23 % dos leitores tem uma rotina de leitura por nível: seguem o link no local onde está inserido, regressando de seguida ao texto inicial.

c) 77% segue o seu próprio percurso de leitura: no primeiro momento em que os leitores foram confrontados com vários links (5) identificaram-se 5 percursos diferentes; no segundo passo a variedade de percursos subiu para 11 e no terceiro já existiam 22 percursos de leitura diferentes, em 55 possíveis;

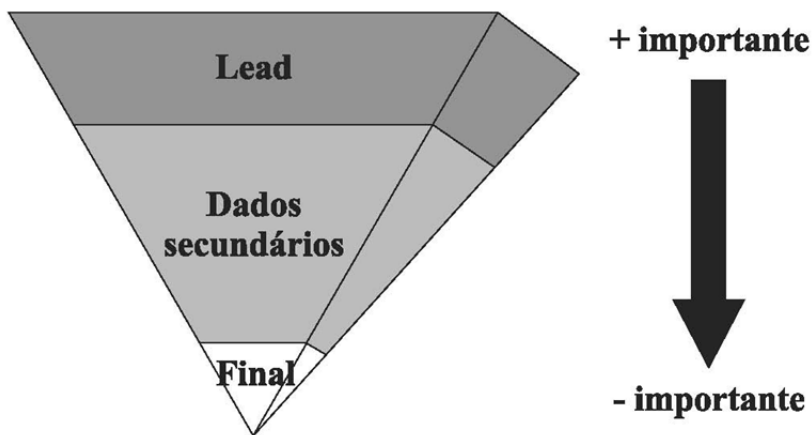
d) 11,1% dos leitores seguiram um percurso de leitura idêntico, fazendo 11 passos iguais (CANAVILHAS, 2001, p. 9-10).

Tendo em vista o resultado da pesquisa, o autor acredita que a redação da webnotícia deve observar duas questões principais: a dimensão, com a quantidade de dados, e a estrutura. Assim, a preocupação recai sobre as técnicas de produção da notícia para os novos meios. As prioridades do jornalista da imprensa de papel são diferentes do profissional do webjornalismo. Ao primeiro, cabe priorizar a dimensão do texto que será fechado pelo enquadramento da diagramação e impressão. Já o segundo, deve atentar para a estrutura da notícia, pois o hipertexto possibilita espaço ilimitado para os temas tratados.

Como essa estrutura é o ponto que pode delimitar as diferenças do jornalismo na web, Canavilhas (2001) coloca em cheque a estrutura da notícia usada desde o início do jornalismo, em que a técnica da pirâmide invertida indica uma sequência na qual a notícia inicia com os dados mais importantes em resposta às questões: o quê, quem, onde, como, quando e por quê, em direção aos dados secundários. Como o

hipertexto compõe a estrutura de leitura na tela, Canavilhas (2001) propõe repensar a técnica da pirâmide invertida, sugerindo que a pirâmide seja deitada. O autor acredita que a pirâmide invertida poderia limitar a criatividade dos jornalistas e tornar as notícias pouco atrativas (CANAVILHAS, 2001).

Figura 2 – Representação técnica da pirâmide invertida



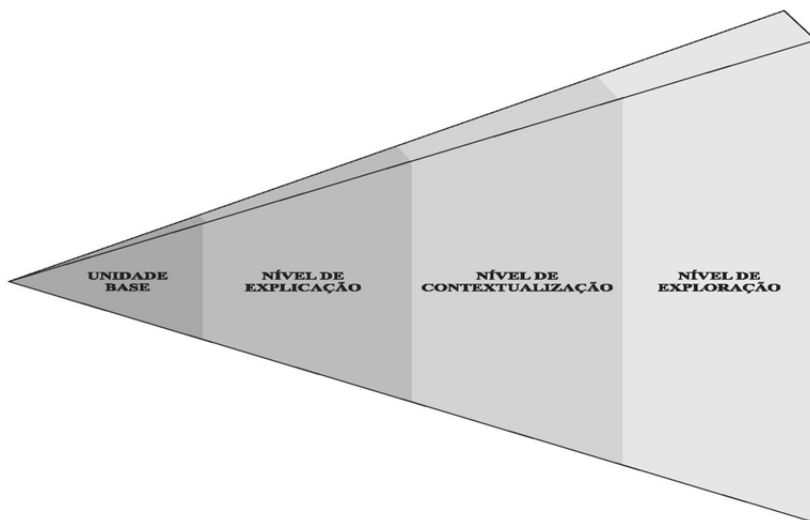
Fonte: Canavilhas (2001, p. 5)

Assim, o referido autor propõe a pirâmide deitada, que poderá ser visualizada a seguir, que apresenta quatro níveis de leitura. O primeiro deles, o lead, seria a unidade base, respondendo às perguntas o quê, quando, quem e onde. O segundo nível, chamado de explicação, responde ao por quê e como, complementando o primeiro nível. O terceiro nível, de contextualização, dispõe mais informações em formato de texto, incluindo vídeo, som ou infografia animada. O último nível, de exploração, é reponsável por fazer a ligação entre notícias e arquivos externos. Abre-se então um leque de possibilidades para ampliação do assunto principal da notícia (CANAVILHAS, 2001). Para o autor, essa estrutura exige um repensar das práticas profissionais do jornalista, uma vez que o suporte possibilita novas estruturas e a convergência de mídias em uma notícia:

Em suma, a pirâmide deitada é uma técnica libertadora para utilizadores, mas também para os

jornalistas. Se o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, o jornalista tem ao seu dispor um conjunto de recursos estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimídia, permitem reinventar o webjornalismo em cada nova notícia (CANAVILHAS, 2001, p. 16).

Figura 3 – Representação técnica da pirâmide deitada



Fonte: Canavilhas (2001, p. 15)

Estudos que também auxiliam a compreensão da leitura na tela são as pesquisas realizadas pelo Instituto Poynter, dos Estados Unidos, com o projeto *Eyetrack*. A partir de câmeras fixadas em um óculos especial, são observados os movimentos do globo ocular de uma pessoa durante a leitura. Pioneiro nas investigações de *eye tracking*, desenvolvidas para a leitura do jornal, em pesquisa realizada em 2007, o *The Poynter Institute* constatou que a leitura acontece em duas etapas: a primeira delas compreende uma varredura (*scanning*) que o leitor faz na tela, cujo movimento ocular dura poucos segundos. Na segunda etapa, que compreende a leitura em si, foi verificado que os leitores fixam o olhar nos chamados pontos de entrada, como em fotos, manchetes e

chamadas, por exemplo, para depois compreender o texto (DIFINI, 2012).

Ao comparar a leitura no jornal impresso e no webjornal, em pesquisa realizada entre o final de 2006 e início de 2007, o Instituto Poynter incluiu 582 leitores de jornais de várias idades de quatro cidades americanas. Foram utilizados dois jornais em tamanho tablóide, dois em tamanho standard e dois jornais digitais. Pela pesquisa constatou-se que os internautas leram 77% do texto das notícias e os leitores do jornal standard 62%, enquanto os de tabloides, 57%. Com isso, verificou-se que, diferentemente do que se pensava, os internautas não são leitores superficiais e lêem as notícias com mais profundidade do que os leitores do impresso (BALDESSAR; LONGHI, 2008).

No Brasil, os estudos de *eye tracking* ainda são restritos. Segundo Klein e Bulla (2010), existem dois laboratórios com equipamentos para o estudo, um na Universidade Federal do Rio de Janeiro e outro na Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. No entanto, além dos Estados Unidos e Canadá, países da Europa já avançam em estudos que observam o funcionamento da mente por meio dos movimentos oculares, o tempo e o número de fixação do olho durante a leitura.

No que diz respeito às práticas culturais de leitura, baseando-se nas proposições do mapa das mediações culturais de Martín-Barbero (2004), a pesquisa de Knewitz (2010) contribui para pensar as mudanças ocasionadas com a leitura na tela. O estudo foi realizado com 16 leitores do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e do Portal Zerohora.com. No mapa das mediações, a autora identificou que a premissa das tecnicidades seria a porta de entrada para pensar os estudos do webjornalismo. Assim, foram escolhidos dois eixos de análise, um diacrônico, que observou as influências para os leitores do processo histórico da transição do jornal impresso para o webjornal, e outro sincrônico, referente às ritualidades, verificando as novas e antigas práticas de leitura.

Para a pesquisa etnográfica, cujos dados foram coletados por meio de entrevistas, Knewitz (2010) estruturou seis categorias de análise: coordenadas de leitura, preferência de suporte, formas de participação, percursos de leitura, usos de multimídia e modos de atualização. Na primeira categoria, a autora observou que o local preferido para leitura do jornal é nas residências, mas esse hábito está ficando restrito aos finais de semana. Durante a semana, o local preferido é no trabalho. Ela verificou que se o jornal impresso é lido uma vez ao dia, em local e horários fixos, o webjornal é lido em vários

locais e horários, o que influencia na quantidade de informações, atenção e na ordem da leitura.

A leitura na web ritualizou os horários dos leitores, que agora passam a ler nos horários em que costumavam ficar com a família. Essas novas práticas influenciam na ordem da leitura, no tempo, na quantidade de informações e na atenção prestada. Os leitores foram classificados como “substitutivos”, que passaram a ler apenas o webjornal, e os “cumulativos”, que leem os dois. Quanto aos horários de leitura, os que ocupam cargos mais elevados em seus empregos costumam ler pela manhã, enquanto que os demais trabalhadores o fazem no horário do intervalo do trabalho.

Assim, a autora verificou que o jornal impresso é lido uma vez ao dia em locais e horários definidos, enquanto o webjornal é lido várias vezes ao dia em diversos locais, o que influencia no tempo, na atenção e na ordem da leitura. Assim como o tempo com a família foi diminuído em função da substituição da leitura impressa pela leitura na tela. A pesquisa identificou que, como a leitura é feita no local de trabalho, os assuntos das notícias passaram a ser mais discutidos nos locais de trabalho.

Mesmo que o suporte de papel seja o favorito dos leitores, Knewitz (2010) constatou que a familiaridade com a leitura na tela vem crescendo, sendo que os leitores substitutivos afirmaram que preferem a leitura digital. Nesta pesquisa, a autora verificou que os leitores aprovam a ideia de poder enviar comentários e, apesar de lerem os comentários enviados, pouco utilizam as ferramentas por uma série de razões, entre elas a burocracia e falta de tempo.

No que tange aos caminhos da leitura, a pesquisadora identificou que o hipertexto trouxe algumas diferenças entre a leitura do impresso e do webjornal. No impresso, os leitores costumam verificar a sequência proposta pela disposição das informações, enquanto que na tela, a leitura torna-se mais desordenada e os assuntos são menos variados, pois o leitor escolhe apenas os assuntos de seu interesse. Os leitores também indicaram a possibilidade de escolha permitida pela leitura hipertextual como um ponto positivo do hipertexto e a impossibilidade de ver o todo, como uma desvantagem.

Nas questões que envolvem a multimídia, os leitores da pesquisa indicaram que preferem ler o conteúdo que está disponível na tela e que, por vários fatores, entre eles a falta de tempo e a indisponibilidade de acessar vídeos no trabalho, o acesso aos recursos é limitado. Sobre a atualização dos conteúdos, Knewitz (2010) verificou que as pessoas leem mais, mas de forma superficial. Para os leitores

“cumulativos”, as constantes atualizações trazem a possibilidade de ter acesso a informações recentes, enquanto que para os “substitutivos”, levam a uma leitura superficial quando os textos são sucintos e as informações não são aprofundadas.

Em relação ao aprofundamento da leitura, Knewitz (2010) chegou a três modalidades: de “contextualização”, em que o leitor busca uma visão geral dos acontecimentos, de “atualização”, onde o leitor procura se informar dos fatos mais recentes, e de “projeção”, na qual buscam retomar os fatos do dia e ver como eles podem afetar o dia seguinte. A leitura de “contextualização”, que acontece tanto no impresso como no webjornal, foi classificada como leitura de longa ou média duração e ocorre pela manhã ou ao meio dia, no local de trabalho. Já leitura de “atualização” ocorre apenas na tela, geralmente no período da tarde, com acessos rápidos intercalados com as atividades de trabalho, e os títulos são os tópicos mais lidos. A leitura de “projeção” acontece à noite, também é mais longa e ocorre apenas no formato digital, normalmente em casa. Para melhor visualização, apresentamos os dados constatados por Knewitz (2010) para as três modalidades de leitura, nos quadros seguintes.

Quadro 2 – Resumo das características da leitura de contextualização

Categoria analítica	<i>Leitores cumulativos</i>	<i>Leitores substitutivos</i>
Suporte	Papel	Tela
Horário	Cedo da manhã ou ao meio-dia.	Ao longo da manhã.
Local	Predominantemente no trabalho. Duas pessoas leem também em casa e uma lê sempre em casa.	Predominantemente no trabalho. Duas pessoas, que não possuem vínculo empregatício, leem em casa.
Uso dos recursos de interação	Limita-se à leitura da página do leitor.	Leitura e publicação de comentários e votação em enquetes.
Uso do hipertexto	Para se deslocar diretamente da capa para certas notícias, ou por meio da diagramação, de prover a leitura alinear das notícias dentro de uma mesma página.	Para prover uma leitura mais profunda e desordenada e facilitar a seleção dos conteúdos e a consulta a outras fontes.
Uso dos recursos multimídia	Consulta a textos e imagens.	Escasso e focado predominantemente em infográficos.
Duração	Pelo menos 30 minutos.	No máximo 30 minutos.
Profundidade	Alta.	Média.
Memorização	Alta e ampla.	Média e restrita.
Amplitude de assuntos	Grande quantidade de assuntos genéricos em poucas fontes.	Quantidade razoável de assuntos genéricos em diversas fontes.

Fonte: Knewitz (2010, p. 201-202)

Quadro 3 – Resumo das características da leitura de atualização

Suporte	Tela.
Horário	Tarde e anoitecer.
Local	Trabalho e faculdade.
Uso dos recursos de interação	Destaque para <i>chats</i> e envio de materiais em tempo real.
Uso do hipertexto	Escasso, pois as pessoas costumam se contentar com a leitura dos títulos da capa sem explorar os demais níveis do <i>site</i> .
Uso dos recursos multimídia	Usos mais intensos quando vinculados às notícias de última hora.
Duração	Em geral, pelo menos três acessos de aproximadamente 5 minutos cada.
Profundidade	Baixa. A proposta da leitura justamente é ser superficial.
Memorização	Baixa e restrita.
Amplitude de assuntos	Assuntos restritos (apesar de bastante desdobramentos) que circulam na esfera pública no momento presente.

Fonte: Knewitz (2010, p. 207)

Quadro 4 – Resumo das características da leitura de projeção

Suporte	Tela.
Horário	Noite.
Local	Casa.
Uso dos recursos de interação	Focada na leitura e publicação de comentários.
Uso do hipertexto	Para promover uma leitura mais profunda e desordenada e facilitar a seleção dos conteúdos e a consulta a outras fontes.
Uso dos recursos multimídia	Momento em que os áudios e vídeos são mais acessados.
Duração	De 20 minutos a uma hora.
Profundidade	Média.
Memorização	Média e restrita.
Amplitude de assuntos	Assuntos diversos que ocorreram ao longo do dia e que serão destaque no dia seguinte.

Fonte: Knewitz (2010, p. 210)

A partir da pesquisa realizada por Knewitz (2010) podemos verificar que a leitura da webnotícia, além de reconfigurações nas maneiras de ler, está modificando os hábitos e práticas culturais dos leitores, que adaptaram suas rotinas em função das novas tecnicidades. Os horários e locais de leitura, por exemplo, influenciam na quantidade de informações, na atenção, entre outros fatores importantes para pensar a compreensão da notícia. A classificação dos leitores em “cumulativos” e “substitutivos” pode indicar uma gradativa transição da leitura do impresso para o digital. No entanto, também ficou evidente que o hábito de ler jornais impressos não está excluído.

As pesquisas abordadas aqui tiveram o objetivo apresentar aspectos que envolvem a leitura na tela, a fim de elucidar nossa discussão teórica. Esses estudos foram selecionados buscando-se

abranger pontos que consideramos importantes para pensar a complexidade que envolve a leitura em ambientes digitais, como o perfil cognitivo do leitor, o uso do hipertexto e dos recursos multimídia, os percursos de navegação e a reconfiguração das práticas culturais.

Neste capítulo vimos que o desenvolvimento das tecnologias modificou os modos de comunicação e leitura. Hoje, modernos e eficientes equipamentos nos possibilitam acesso imediato ao fluxo de informações atualizadas instantaneamente pelos meios de comunicação. A hipertextualidade e a multimidialidade compõem o cenário da leitura atual, ampliando os potenciais interativos e despertando diferentes habilidades cognitivas do navegador. Assim como se modificam as práticas de leitura, também são necessárias novas técnicas de produção das notícias, a partir das particularidades do meio.

5 CONCLUSÃO

A afirmação de Manuel Castells (1999, p. 414) de que “o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre nossa cultura” é bastante pertinente quando verificamos o atual momento de evolução das interfaces de escrita e de leitura nos meios digitais. A cultura passa por mudanças fundamentais com o surgimento desses meios e de suas linguagens, como o hipertexto e a hipermídia, que se refletem, no caso do jornalismo, numa espécie de reconfiguração no formato da notícia (LONGHI, 2009). Assim como a escrita representou a primeira grande transformação cultural, possibilitando armazenar os conhecimentos além dos limites da memória humana, os meios digitais modificam as rotinas, as relações de troca entre os indivíduos, as percepções e sensibilidades.

Neste trabalho de levantamento teórico sobre a reconfiguração da leitura de notícias no contexto digital, buscamos investigar algumas teorias a fim de compreender as dimensões que compõem o perfil do leitor e a leitura no cenário atual. Na primeira parte, discutimos a transição da oralidade para a cultura escrita, a fim de verificar como as tecnologias influenciam a relação dos indivíduos entre si e com o conhecimento. A invenção da escrita e das técnicas de impressão modificaram as formas de pensamento e a relação do homem com os textos (CHARTIER, 1998); os meios eletrônicos introduziram a comunicação em tempo real, além de possibilitarem armazenar dados que a escritura não permitia. Levando em conta que a leitura textual é precedida pela leitura que fazemos do mundo (FREIRE, 1989), observamos as modificações nas maneiras de ler, verificando ainda, a adaptação do homem às transformações tecnológicas, com o surgimento do rádio e da televisão, culminando nos meios digitais.

Uma nova ordem cultural marca o cenário da comunicação. Os discursos que se configuram hoje apontam para além de uma nova linguagem, para novos modos de percepção e relação com o conhecimento (MARTÍN-BARBERO, 2004). Conectados em rede, os indivíduos compartilham seus saberes e interagem com a leitura no âmbito da coletividade. O virtual substitui a presencialidade da cultura oral, e novos métodos discursivos têm origem. Assim, também abordamos as características da linguagem hipertextual e da interatividade que ela representa. A cultura escrita é substituída pela linguagem fragmentada e descontínua do hipertexto, que implica em

maior interatividade e renovação dos sentidos e percepções. A organização da sociedade, os ritmos e a relação com o tempo também são reorganizados.

Os aspectos sociocognitivos e culturais da leitura e da compreensão da notícia foram contemplados na segunda parte do trabalho. A partir do aporte da Teoria da Leitura (DEHAENE, 2012), verificamos como o cérebro processa e atribui significados às palavras e frases. No entanto, os circuitos cerebrais são moldados pela cultura, onde novos e antigos conhecimentos são adaptados ao longo das experiências. A partir das ideias de Van Dijk (2012), identificamos que esses conhecimentos são constituídos enquanto modelos mentais, utilizados durante a tomada de decisões e a compreensão de um texto. A seleção das notícias lidas e a sua ressignificação, portanto, dependerão dos modelos que o indivíduo possui. Assim, pode-se afirmar que é por meio da interação com o ambiente que o conhecimento é construído e constantemente reformulado. Através do mapa das mediações culturais (MARTÍN-BARBERO, 2009) procuramos observar a importância de pensar a comunicação através da cultura. As novas técnicas indicam uma série de adaptações do indivíduo no consumo de notícias a partir das tecnologias. Tais adaptações, além de diferentes maneiras de atribuir sentido aos bens simbólicos, indicam mudanças culturais que envolvem as demais instâncias do cotidiano.

A leitura na tela do computador foi enfocada no último capítulo, onde discutimos a cultura da convergência, a inteligência coletiva, as características do webjornalismo e o perfil do leitor de notícias na atualidade. Para Santaella (2004), o leitor das linguagens híbridas navega por um universo muito distinto do encontrado com o impresso: conforme sua familiaridade com o meio, esse leitor cria suas rotas de navegação, o que também determina o grau de imersão na rede. Diferentemente do que se pensava, a leitura na tela não é mais rápida ou superficial do que no impresso. As pesquisas de Canavilhas (2001) com leitores de webnotícias indicam que o hipertexto é considerado uma linguagem adequada, capaz de abarcar a diversidade de signos e gerar satisfação durante a leitura. Com os demais estudos apresentados nessa última etapa do trabalho, verificamos que os meios digitais reestruturam as rotinas, o que influencia o tempo e a profundidade da leitura da webnotícia.

Uma das conclusões fundamentais deste trabalho é a de que as transformações técnicas na estrutura da informação ampliam as capacidades cognitivas do leitor, como foi mostrado pelas pesquisas referenciadas. O hipertexto contribui para a expansão das capacidades

imaginativas, como observou Kerckhove (2003), definindo a “mente do hipertexto”. A leitura na tela também é uma leitura mais interativa, uma vez que a mensagem só pode ser lida “na medida em que os nexos são acionados pelo leitor-produtor” (SANTAELLA, 2004, p. 175).

Apesar de suas particularidades, a leitura em ambientes digitais assemelha-se à leitura em suportes anteriores em função de se utilizar de um sistema de signos, que contemplam as intenções do autor, e que devem ser interpretados pelo leitor. Assim como os modelos mentais são utilizados na compreensão de um texto, a navegação também funciona a partir dos mapas construídos pelo leitor ao percorrer o labirinto das informações digitais. No entanto, além dos conhecimentos utilizados anteriormente, ler na tela implica conhecer diferentes mecanismos de navegação e atribuir significados aos ícones, janelas e botões que compõem as interfaces digitais (NOVAIS, 2012). Portanto, como já apontaram alguns autores, quanto mais familiaridade com as ferramentas e possibilidades da web, maior será o nível de imersão na rede.

O crescimento do uso de aparelhos móveis para a leitura de notícias é uma realidade que chegou para ficar no cenário do jornalismo contemporâneo. Tais equipamentos não vêm para substituir os existentes, mas atuam na evolução e reposicionamento dos mesmos, uma vez que se tratam de novos suportes para a escrita e a leitura na contemporaneidade, e essencialmente, novas percepções e sensibilidades. Ao mesmo tempo em que se ampliam os formatos de linguagem, expandem-se os modos de interpretação, onde o novo e o antigo convergem para uma reconfiguração da relação do homem com a informação.

Hábitos de leitura não são excluídos, mas reconfigurados, formando o novo perfil do leitor de notícias na atualidade. Esse leitor depara-se com um cenário mais interativo e capaz de despertar diferentes habilidades cognitivas durante o processo de leitura, que acontece através das interfaces digitais. Neste sentido, os leitores possivelmente estão mais preparados cognitivamente para intervir no mundo e seguir o curso das mudanças. As técnicas de produção da notícia, igualmente, devem ser repensadas levando em conta um leitor que se reconfigura, frente a uma leitura que, ela mesma, também passou por modificações.

Este trabalho constitui-se em um estudo inicial, que certamente permitirá um ponto de partida para aprofundamentos específicos dentro da temática da reconfiguração da leitura, servindo, ainda, de base teórica para estudos sobre as transformações da leitura da webnotícia. Para a

continuidade da pesquisa, podemos lançar algumas questões como: quais os desafios para o webjornalismo a partir do desenvolvimento dos dispositivos móveis? Como o leitor dessas plataformas reconfigura seus hábitos e maneiras de ler? É em função das constantes inovações nos suportes de leitura e escrita que entendemos a importância da continuidade de investigações sobre o leitor de notícias na atualidade, uma discussão que este trabalho procurou trazer para os estudos do jornalismo.

REFERÊNCIAS

BALDESSAR, Maria José; LONGHI, Raquel Ritter. Buscando uma linguagem para a cibernotícia: (re) conhecendo o leitor/usuário como fator decisivo para definições. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 37, dez. 2008.

BERLO, David K. **O processo da comunicação**: introdução à teoria e à prática. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRANSFORD, John D.; BROWN, Ann L.; COCKING, Rodney R. (Org.). **Como as Pessoas Aprendem**. Comitê de Desenvolvimento da Ciência da Aprendizagem, Comitê de Pesquisa da Aprendizagem e da Prática Educacional, Comissão da Educação e Ciências Sociais e do Comportamento, Conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos. São Paulo: Senac, 2007.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Didiret. Jorge Rio de Janeiro. Zahar Editor: 2004.

BUSH, Vannevar. As we may think. **The Atlantic Monthly**, julho, 1945. Disponível em: <
<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>>. Acesso em: 10. Jan. 2013.

CALDEIRA, Cinderela. Do papiro ao papel manufaturado. **Espaço Aberto**, São Paulo, n. 24, out. 2002. Disponível:
<<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/print/ptvari a.htm>>. Acesso em: 18 dez. 2010.

CANAVILHAS, João Messias (Org). **Notícias e mobilidade**: o Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis. Covilhã, Livros Labcom, 2013. Disponível em: <
http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20130404-201301_joocanavilha_noticiasmobilidade.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2013.

_____. Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web. **I Congresso Ibérico de Comunicação**. Málaga: [s.n], 2001.

_____. **Webnoticia**: proposta de modelo periodístico para la WWW. Covilhã: Livros LabCom, 2007. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/livros/labcom/pdfs/canavilhas-webnoticia-final.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger (Org.) **Práticas da leitura**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

COSCARELLI, Carla, V.; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 1. ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005. 248p.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

DIFINI, Diego. **Pesquisas analisam resultados da revolução gráfica que atinge o jornalismo**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/lead/planjgraf/diego.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2012.

DITTRICH, Ivo José. **Linguística e jornalismo**: dos sentidos à argumentação. Cascavel: Edunioeste, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2003.
FIALHO, Francisco A. P. **Ciências da cognição**. Florianópolis: Insular, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria Marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

GOULEMONT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JENSEN, Jens F. “Interactivity’: tracking a new concept in media and communication studies”. In: MAYER, Paul. **Computer media and communication: a reader**. Oxford: University Press, 1999. p. 160-187.

KATO, M. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística, 5. ed. São Paulo: Ática, 1986.

KERCKHOVE, Derrick de. Texto, contexto e hipertexto: três condições da linguagem, três condições da mente. **Revista Famescos**, Porto Alegre, p. 7-12, 2003.

KLEIN, Ângela Inês; BULLA, Julieane Pohlmann. Eye Tracking e a linguística: Aplicações e Interfaces. **Letrônica**, v. 3 , n. 2 , p. 235 - 249, dez. 2010. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/7606/6255>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

KNEWITZ, Ana Paula. **A leitura jornalística na contemporaneidade**: novas e velhas práticas dos leitores de Zerohora.com. 229 f. 2010.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande, 2010. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25631/000753186.pdf?sequence=1>>. Acesso em: out. 2012.

LANDOW, George. P. **Hipertexto**: la convergência de la teoría crítica contemporánea y latecnología. Buenos Aires: Paidós, 1995.

_____. **Hypertext 2.0**: the convergence of contemporary critical theory and technology. Baltimore, Maryland: Johns Hopkins, 1997.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é virtual**. São Paulo: Editora 34, 1997.

LONGHI, Raquel. **Escritura em hipertexto**: uma abordagem do Storyspace. 2004. 122 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. Infografia on-line: narrativa intermídia. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 6, n. 1, p. 187-196, jan./jun. 2009.

_____. **Metáforas e labirintos**: a narrativa em hipertexto na internet. São Paulo, 2000. Disponível em:<<http://www.nephijor.ufsc.br/bancodearquivos/livrodissert.pdf>> Acesso em: 02 jan. 2013.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo: Loyola, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

_____. **Ofício de cartógrafo**: travessias latinoamericanas de la comunicaci3n en la cultura. Santiago do Chile: Fondo de Cultura Econ3mica, 2004.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunica3o como extens3es do homem**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. **O meio s3o as mensagens**. Rio de Janeiro: Record, 1969. 187p.

_____. **A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipógrafo.** Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia Editoro Nacional. 1971. 390p.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo.** Florianópolis: Editora UFSC, 1992.

_____. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo jornalismo.** 2. ed. Florianópolis: Insular, 2007.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual.** 2003. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jogos de linguagem e efeitos de sentido da comunicação jornalística. **Estudos em Jornalismo e Mídia,** Florianópolis, v.1, n. 2, jun./dez., 2004.

NOVAIS, Ana Elisa. Compreendendo a sintaxe das interfaces. In COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Hipertextos na teoria e na prática.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita.** São Paulo: Papyrus, 1998.

OROZCO GOMES, Guillermo. **Televisión y audiencias: un enfoque cualitativo.** Madrid: Ediciones de la Torre; Universidad Iberoamericana, 1996.

PALÁCIOS, Marcos. Hipertexto, fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva. **Lugar Comum,** Rio de Janeiro, n. 08, p. 111-121, 1999.

_____. **Jornalismo on-line, informação e memória: apontamentos para debate. Jornadas de jornalismo.** Portugal: Universidade da Beira Interior, 2002.

PALÁCIOS, Marcos. et al. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro.** Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_mapeamentojol.pdf>. Acesso em: jun. 2011.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo na sociologia do conhecimento. In: STEINBERG, Charles S. (Org.). **Meios de comunicação de massa**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 168-185.

_____. News a form of knowledge. A Chapter of knowledge. In: TURNER, Ralph H. **On control and collective behavior**:selected papers. 2. ed. Chicago: Phoenix Books and University of Chicago Press, 1969.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PIAGET, Jean. **Biologia e conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1973. 423 p.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Navegar lendo, ler navegando**. Nota sobre a leitura de jornais impressos e digitais. Belo Horizonte: InterDitado, 2009.

SALAVERRÍA, Ramón. et al. Concepto de Convergencia Periodística. In: **Convergencia Digital. Reconfiguración de los médios de comunicación em 164 España**. Santiago de Compostela: Servizo de Publicaciones e Intercambio Científico; Universidade de Santiago de Compostela, 2010.

SALAVERRÍA, Ramón. **Redacción periodística en Internet**. Pamplona: EUNSA, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. As linguagens como antídotos ao midiacentrismo. **Revista Matrizes do Programa de Pós-graduação em Comunicação da USP**, São Paulo, ano1, n. 1, p. 75-97, 2007.

_____. **Cultura e artes do pós-humano**. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. Os espaços líquidos da cibermídia. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, n. 12/13, 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/26%3E/27>>. Acesso em: ago. 2011.

_____. Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual e verbal. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Hacer clic**: hacia una sociosemiótica de las interacciones digitales. Barcelona: Gedisa, 2004.

_____. **Hipermediaciones**: elementos para una teoría de la comunicación digital Interactiva. Barcelona: Gedisa, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Por uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, Mauro Wilson de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis : Insular, 2005. v. 1.

VAN DIJK. Teun. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **La noticia como discurso**: comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós, 1990.

_____. Notícias e conhecimento. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 13-29, jun/dez. 2005.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.